

***Trajetórias De Vida De Jovens
Em Situação De Privação De
Liberdade No Sistema Socioeducativo
Do Estado Do Rio De Janeiro***





Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação
Departamento Geral de Ações Socioeducativas – Novo DEGASE
Assessoria de Sistematização Institucional - ASIST

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Wilson Witzel

Governador

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
Pedro Fernandes

Secretário

Departamento Geral de Ações Socioeducativas
Alexandre Azevedo

Diretor-Geral

Universidade Federal Fluminense
Sidney Mello

Reitor

T769 Trajetórias de vida de jovens em situação de privação de liberdade no Sistema Socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro / Claudia Lucia Silva Mendes, Elionaldo Fernandes Julião (Coordenadores). - Rio de Janeiro: Degase, 2018.

77p.
Publicação Online
ISBN: 978-85-64174-29-0

1. Sistema Socioeducativo 2. Jovens - Privação de liberdade I. MENDES, Claudia Lucia Silva, II. JULIÃO, Elionaldo Fernandes, III. Departamento Geral de Ações Socioeducativas
-

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Coordenação:

Claudia Lucia Silva Mendes
Elionaldo Fernandes Julião

Revisão Ortográfica:

Antonino Sousa Fona

Pesquisadores:

Íris Menezes de Jesus
Leandro Soares de Souza
Maria Tereza Azevedo Silva
Raul Japiassu Câmara
Renan Saldanha Godoi
Rodolfo Rodrigues de Souza
Soraya Sampaio Vergilio

Revisão Bibliográfica:

Danielle Torres
Lilian Casimiro

Diagramação e Finalização:

Fernando Diaz Picamilho
Gabriela de O. G Costa

Colaboradores:

Lídia da Costa Oliveira
Lilian Cristina da Silva Ramos Casimiro
Vivian de Oliveira

Estatística:

Patrícia Repinaldo

SUMÁRIO

1. Sobre a Pesquisa.....	10
2. Pesquisa em campo.....	16
3. Dados da pesquisa	
3.1 – Perfil do adolescente.....	19
3.2 – Escolarização.....	33
3.3 – Violência e vulnerabilidade.....	40
3.4 – Ato infracional.....	45
3.5 – Convivência familiar e comunitária.....	49
3.6 – Vida sexual e afetiva.....	52
3.7 – Território.....	54
3.8 – Institucional.....	61
4. Referências Bibliográficas.....	67
5. Anexos.....	70
5.1 – Registro das reuniões para a pesquisa.....	71
5.2 – Manual para aplicação da pesquisa.....	72
5.3 – Questionário.....	74
5.4 – Lista de gráficos e tabelas.....	104

Esta pesquisa contou com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), através do Auxílio Programa Jovem Cientista do Nosso Estado – Edital FAPERJ nº 10/2016.

Sobre a Pesquisa



A Universidade Federal Fluminense (UFF) foi convidada, através do seu Grupo de Trabalho e Estudos sobre Políticas de Restrição e Privação de Liberdade¹, do Programa de Pós-graduação em Educação, para coordenar, junto com a ASIST/DEGASE, a realização da pesquisa.

O adolescente autor de ato infracional tem sido pauta contínua no cotidiano social. Tema recorrente em 2015, a discussão sobre a redução da maioridade penal, através da Proposta de Emenda à Constituição (PEC 171/1993), acalorou o debate sobre a violência praticada por adolescentes no Brasil. O assunto tem mobilizado diversos atores da sociedade civil, os meios de comunicação e os partidos políticos que, acirrados por diferentes posições ideológicas, disputam a aprovação ou o arquivamento da PEC.

Do lado dos que defendem a aprovação, a grande mídia tem inflamado, muitas vezes, uma parcela expressiva da população por meio de notícias sensacionalistas que enfatizam os atos violentos praticados pelos adolescentes, questionando a eficiência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8.069/90) em combater esses atos e em responsabilizar seus autores. Percebe-se que, raramente, as notícias são produzidas com profundidade e abordam com clareza os dispositivos que tanto o ECA quanto o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)² apresentam para a responsabilização dos adolescentes frente à conduta infracional.

Como resultado dessa campanha de (des)informação, foi construída uma profunda sensação de impunidade que leva grande parte da população brasileira a desacreditar na política socioeducativa que, sequer, chegou a se consolidar efetivamente no cenário nacional.

Embora os chamados direitos da juventude possam ser localizados em uma dinâmica área de confluência entre os clássicos direitos de cidadania e os Direitos Humanos, que foram sendo paulatinamente reconhecidos em convenções internacionais, a realidade dos dados expostos nos mapas da violência, assim como em diversos estudos sobre juventude, coloca em evidência mais um de nossos esquecimentos. Lamentavelmente, segundo Waiselfisz (2013c, p.5), “os jovens só aparecem na consciência e na cena pública quando a crônica jornalística os tira do esquecimento para nos mostrar um delinquente, ou infrator, [...]; seu envolvimento com o tráfico de drogas e armas; as brigas das torcidas organizadas ou nos bailes da periferia”. E, em sequência ao ato de esquecimento e omissão, chega-se a uma condenação, de onde resta um pequeno passo para a repressão e punição.

Entender que espaços ocupam, como vivem, relacionam-se, o que sofrem estes jovens é uma necessidade urgente, pois naturalmente tendemos a fazer um recorte temporal da situação social em que se encontram. Isso significa que muitas vezes se ignoram práticas e vivências significativas em suas trajetórias de vida e trabalha-se apenas na perspectiva de que são jovens em conflito com a lei. É óbvio que tal perspectiva não deve ser ignorada, mas o conhecimento, por exemplo, das complexas redes relacionais, processos de construções das identidades, superação da vivência de situações abusivas e delituosas são elementos fundamentais na reinserção e, sobretudo, na construção de ações de prevenção da delinquência e de combate à violência contra os adolescentes.

Levando em consideração as poucas e descentralizadas informações sobre o perfil dos sujeitos que cometem ato infracional e as diversas questões que envolvem hoje os adolescentes e jovens no Brasil, a ideia da pesquisa foi construir um corpo de conhecimento sobre estes sujeitos, possibilitando encaminhamentos políticos e acadêmicos que contribuam diretamente para implementação de políticas públicas para a juventude no país, em especial no estado do Rio de Janeiro.

Através do estudo de questões e aspectos do perfil socioeconômico, convivência familiar, comunitária, especificidades do território, escola e trajetória escolar, profissionalização e trabalho, questões institucionais, percepções, violência e vulnerabilidade, assim como questões em torno do ato infracional destes adolescentes, a proposta da pesquisa, em síntese, amplia o foco na promoção de ações efetivas que oportunizem políticas públicas eficazes para a juventude no estado do Rio

1 Criado em 2012, reúne profissionais e pesquisadores de diversas instituições do Rio de Janeiro. Dentre as suas várias atividades, principalmente de estudos e pesquisa, tem procurado, através da produção acadêmica, dialogar com a sociedade, possibilitando um maior aprofundamento do tema no país.

2 Segundo o § 1º do Art. 1º da Lei 12.594/12, entende-se por SINASE o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de Medidas Socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento a adolescente em conflito com a lei.

de Janeiro, principalmente no âmbito da Segurança Pública, Educação, Assistência Social, assim como diretamente para a execução das Medidas Socioeducativas.

Nas normativas voltadas aos direitos da infância e juventude, considera-se essencial o desenvolvimento de ações que compõem as políticas públicas necessárias ao atendimento e desenvolvimento dessa população. No que se refere ao Sistema Socioeducativo, em suas diretrizes previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069 de 13/07/1990 e na Lei 12.594 de 18/01/2012 que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), tais políticas devem contemplar, conforme a Constituição Federal (1988, art. 227, § 1º) determina, "[...] programas de assistência integral à saúde da criança e do adolescente, admitida a participação de entidades não governamentais", sendo uma responsabilidade do Estado sua implantação e seu desenvolvimento. Em referência aos adolescentes em conflito com a lei e seus familiares, conforme previsto no Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo: Diretrizes e Eixos Operativos para o SINASE (BRASIL, 2013), são privilegiados eixos como: Educação; Saúde; Segurança Pública; Esporte, Cultura e Lazer; Capacitação para o trabalho; Distribuição de Renda; Moradia.

O conhecimento e reconhecimento de variáveis, fatores e realidades que perpassam suas trajetórias de vida, bem como do que está em torno da atuação no cometimento de um ato infracional poderão contribuir na análise, revisão e implementação de políticas públicas que oportunizem a superação de dificuldades que possam estar implicadas na subjetividade e realidade destes adolescentes em situação de conflito com a lei.

Os casos de adolescentes que cometem atos infracionais têm sido abordados e aprofundados por estudos de diferentes áreas do conhecimento há mais de um século e em diferentes países do mundo. Porém, é o campo da criminologia que inegavelmente vem ao longo da história promovendo o maior número de contribuições sob a forma de teorias e explicações sobre o fenômeno da delinquência juvenil.

São inúmeros os recortes sobre o tema do delito juvenil e diversas as formas de analisá-lo. Uma abordagem que compreendemos ser razoável sobre a discussão e que nos instiga a compreender a complexidade da temática é a partir de três níveis: o nível estrutural, o sociopsicológico e o individual (Shoemaker, 1996).

O nível estrutural, segundo Shoemaker, incorpora as condições sociais, enfatizando a influência da organização social na constituição do sujeito que comete atos infracionais. Nesse nível, leva-se em consideração a associação entre delinquência e pobreza ou desigualdade social, o que é mais acentuado nas classes populares.

Já o nível sociopsicológico refere-se às instituições de controle social, como a família e a escola, além de aspectos como autoestima e influência de grupos de pares no comportamento delinquente juvenil. Nesse nível, considera-se a delinquência como resultado de problemas na vinculação social do jovem com instituições como a família e a escola, entre outras, as quais seriam representantes das normas sociais. Nesse sentido, considera-se como fundamental o maior ou menor controle que essas instituições exercem sobre o jovem.

Outro aspecto abordado neste nível refere-se à relação entre a autoestima do jovem e a delinquência, considerando-se que esses fatores são inversamente proporcionais, ou seja, a delinquência está relacionada com uma baixa autoestima.

No nível sociopsicológico também se considera a relação entre delinquência e a associação de jovens em grupos, entendendo-se que a influência dos pares sobre o jovem e as inter-relações estabelecidas nos grupos são fatores importantes de serem considerados na gênese da delinquência (DIAS; ZAPPE, 2010).

Nesta linha da criminologia, estudos de delinquência são desenvolvidos por muitos pesquisadores, sendo importante também ampliarmos o olhar sobre outras linhas de pensamento, principalmente com enfoque sócio-político-econômico do fenômeno do ato infracional juvenil, superando uma visão na qual o comportamento infracional está atrelado a uma decisão por escolhas individuais.

Ninguém é infrator em tempo integral, havendo a necessidade de uma compreensão abrangente dos condicionantes e do contexto e, o reconhecimento de que, como em qualquer outra trajetória individual, há uma diferenciação de papéis e posicionamentos que se expressam de acordo com intencionalidades pessoais diferenciadas e com os ambientes diversos e movimentos distintos do curso de vida (OLIVEIRA; VALENTE, 2017, p.40).

A presente proposta de pesquisa traz como categorias e conceitos principais a serem discutidos: as trajetórias de vida e escolar; práticas sociais e relações; juventudes; Direitos Humanos; Justiça; violência; vulnerabilidade; delinquência juvenil e segurança pública.

Para além e diferentemente dos estudos biográficos, pesquisas envolvendo trajetória de vida têm-se mostrado como opção metodológica eficaz para entendimento de fenômenos sociais complexos. Neste sentido, relacionar o trajeto de vida dos sujeitos à trajetória escolar em escalas de análise (micro e macro) oportuniza melhor compreensão, por exemplo, do complexo fenômeno da delinquência, sobretudo porque:

[...] o que a microhistória coloca em destaque é o fato de que a análise microssocial é esclarecedora porque é a mais complexa, ou seja, porque leva em consideração a complexidade das escolhas dos atores permitindo, ao mesmo tempo, distinguir os diferentes níveis de contextos pertinentes para a análise (BENSA, 1998, p. 45).

Sobre a discussão acerca das juventudes, Juarez Dayrell (2003) traz como proposta a construção de uma categoria pautada na diversidade e, sobretudo, de que jovens são sujeitos sociais.

Compreendemos, como já sinalizamos ao longo desta introdução, que a delinquência é um fenômeno social mundial em que, de forma bem ampla, trata-se das transgressões, maus comportamentos e práticas que vão de encontro às leis e aos padrões estabelecidos associados à população jovem e que, por ser pouco estudado no Brasil, tem como maiores aportes teóricos autores estrangeiros.

Também são bem diversificados no mundo os estudos sobre os fatores "crimogênicos". Os referenciais teóricos apontam como as causas da criminalidade desde motivações individuais, intencionais nos níveis social, psicológico e genético, a motivações não intencionais, também contemplando tais níveis. As teorias são muitas, desde as que se pautam nos aspectos físicos, genéticos e patológicos, até as que consideram a vida, as condições e relações sociais, econômicas e afetivas dos indivíduos, bem como de seus familiares e pares.

Nesta perspectiva, a presente proposta de pesquisa, traz como um dos seus principais fundamentos e inspirações a "Pesquisa Internacional sobre Delinquência Auto Relatada" (ISRD-3)³, que objetiva testar diferentes explicações para o fenômeno e, portanto, apresenta ampla cobertura teórica, desdobrando-se em diversificados grupos/módulos tais como: vínculo social, autocontrole, estilo de vida/atividades rotineiras, delinquência em grupo (pares e gangues), experiências de vitimização no contexto escolar, familiar e do entorno.

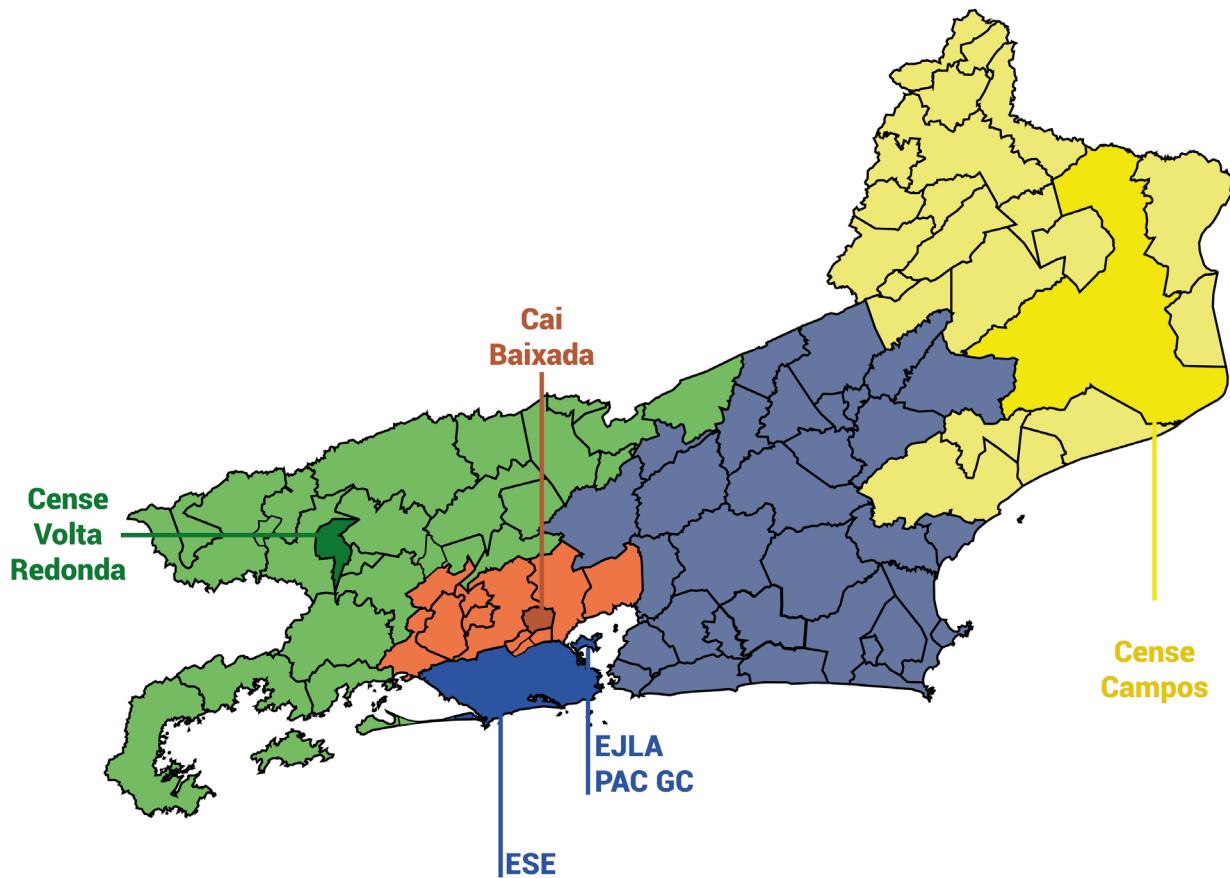
As principais teorias que nortearam a construção das perguntas desta pesquisa são: Desorganização Social; Associação Diferencial ou Aprendizagem Social; Controle Social; Teoria da Tensão Geral e Ação Situacional.

Levando em conta as questões teóricas explicitadas, foi produzido e aplicado um questionário sobre trajetórias de vida e escolar, delinquência juvenil e vitimização, organizado considerando a ISRD-3 e seus aportes teóricos, além da Teoria do Estigma, de Erving Goffman, e outras questões que desafiavam o cotidiano institucional e que a equipe multidisciplinar de pesquisadores considerou importantes de serem investigadas.

De caráter eminentemente quantitativo, a pesquisa teve como procedimento metodológico a realização de um survey composto por perguntas fechadas e aplicadas em entrevistas individuais pela equipe de pesquisadores que utilizaram a metodologia de autorrelato⁴ e foi aplicado nas unidades de internação do estado do Rio de Janeiro.

3 A International Self-Report Delinquency Study (ISRD 3) – (Pesquisa Internacional sobre Delinquência Auto Relatada) é uma pesquisa padronizada internacional coordenada pela Escola de Criminologia e Justiça Criminal da Universidade Northeastern – Estados Unidos da América, que objetiva compreender como os jovens estão vivenciando, em suas práticas cotidianas e relações socioafetivas, situações violadoras e delituosas. Realizada em ambiente escolar com alunos do 7º, 8º e 9º anos (ou séries/anos equivalentes para adolescentes entre 12 - 16 anos), selecionados aleatoriamente em duas cidades de grande ou médio porte, sobre a delinquência juvenil e vitimização e, portanto, baseando-se em amostras comparáveis.

4 O autorrelato tem como princípio básico a frase "Se você quer saber algo, pergunte!" e apresenta índices elevados de confiabilidade



Por meio da amostragem aleatória simples, de forma que cada adolescente tem a mesma probabilidade de ser incluído na amostra dentro das unidades de internação, foi considerado o número total da população dos adolescentes em regime de internação em um determinado período. Foi utilizada a função ALEATÓRIOENTRE no software Excel para a seleção dessa amostra.

A margem de erro decorrente desse processo de amostragem é de 5%, dentro de um intervalo de confiança de 95%. Isso significa dizer que, considerando cem amostras retiradas da população, em noventa e cinco delas os resultados da pesquisa estariam dentro da margem de erro prevista, mas em cinco os resultados seriam diferentes.

O tamanho da amostra, com confiabilidade de 95%, para as unidades de internação, foi de 307 adolescentes, assim distribuídos:

Tabela 1 – Relação entre número de entrevistados e unidades de internação

UNIDADES DE INTERNAÇÃO	Amostra
Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo (CAI Baixada)	73
Centro Irmã Assunción de La Gándara Ustará (CENSE Volta Redonda)	30
Centro de Socioeducação Professora Marlene Henrique Alves (CENSE Campos)	34
Escola João Luiz Alves (EJLA)	70
Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (CENSE PACGC)	8
Educandário Santo Expedito (ESE)	92
Total	307

quando aplicado em público jovem.

Os adolescentes foram selecionados aleatoriamente. Desta forma foi possível conseguir generalizar as respostas da amostragem para uma população maior e de idade próxima.

No survey (cópia em anexo), são previstas questões sobre: informações demográficas básicas (idade, gênero, nível de escolaridade, cor ou raça, composição familiar); questões relativas ao contexto de vida (família, escola, entorno, acontecimentos graves acontecidos e atitudes); vitimização (dimensionada/mensurada através de questões que envolvem desde violência doméstica até *cyberbullying*); uso de álcool e drogas; questões sobre delitos e transgressões ao longo da vida (prevalência e incidência; delitos comuns e delitos mais graves contra o patrimônio e com uso de violência) e percepção sobre diferentes instituições (polícia, DEGASE etc.).

As questões foram agrupadas em temas que possibilitam compreender a trajetória dos adolescentes e vislumbrar relações com os atos infracionais supostamente ou efetivamente praticados. Além disso, visam contemplar as diversas políticas públicas anteriormente citadas que atravessam a realidade biopsicossocial do adolescente.

Protocolos foram seguidos tanto na construção quanto na aplicação do survey e na leitura dos dados. Por exemplo, durante a aplicação do survey, o próprio sujeito respondeu as questões. A pesquisa tinha que ser respondida de forma mais célere possível.

Após a criação do survey, foi realizado um pré-teste. Esta etapa consistiu na aplicação em grupo reduzido de adolescentes, em duas unidades de internação do Sistema Socioeducativo localizadas na capital, uma com adolescentes do sexo feminino e outra com adolescentes do sexo masculino.

Para organização e análise dos dados do survey, foi construído um banco de dados utilizando o software *Google Form*⁵, que possibilitou fazer análise do conteúdo e cruzamento/comparação dos dados obtidos nas diferentes categorias.

⁵ Disponível em <https://docs.google.com/>

PESQUISA EM CAMP



A pesquisa foi iniciada em campo no dia 16 de agosto de 2016, começando pela unidade de internação CENSE Volta Redonda. Nesta unidade foram realizadas 64 entrevistas em quatro dias, assim distribuídas:

Tabela 2 – Número de adolescentes entrevistados por dia no Centro Irmã Assunción de La Gándara Ustará (CENSE Volta Redonda)

Dias	Nº de adolescentes entrevistados
16/08	16
17/08	27
18/08	10
24/08	10
Total	63

A segunda unidade de internação visitada foi no CENSE Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (PACGC), iniciada no dia 24 de agosto de 2016 e finalizada 29 de setembro de 2016. Nesta unidade foram entrevistados 69 adolescentes:

Tabela 3 – Número de adolescentes entrevistados por dia no CENSE Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (PACGC)

Dias	Nº de adolescentes entrevistados
24/08	12
25/08	8
26/08	13
02/09	2
26/09	6
27/09	6
28/09	10
29/09	12

A terceira unidade de internação pesquisada foi a Escola João Luiz Alves (EJLA), com início em 31 de agosto e término em 22 de setembro de 2016. Foram entrevistados 108 adolescentes:

Tabela 4 – Número de adolescentes entrevistados por dia na Escola João Luiz Alves (EJLA)

Dias	Nº de adolescentes entrevistados
31/08	18
01/09	10
06/09	6
08/09	7
09/09	15
12/09	5
13/09	10
14/09	7
15/09	8

16/09	6
21/09	5
22/09	6

A quarta unidade de internação pesquisada foi o Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo (CAI Baixada), com início no dia 03 de outubro e término no dia 07 de novembro de 2016. Foram entrevistados 74 adolescentes:

Tabela 5 – Número de adolescentes entrevistados por dia no Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo (CAI Baixada)

Dias	Nº de adolescentes entrevistados
03/10	8
04/10	2
07/10	11
08/10	2
10/10	4
11/10	6
14/10	16
18/10	7
31/10	3
01/11	5
04/11	6
07/11	4

A quinta unidade de internação visitada foi o Centro de Socioeducação Professora Marlene Henrique Alves (CENSE Campos), com início e término no dia 27 de outubro de 2016, quando foram entrevistados 34 adolescentes.

A sexta e última unidade de internação pesquisada foi o Educandário Santo Expedito (ESE), sendo o início no dia 12 de dezembro e o término no dia 22 de dezembro. Foram entrevistados 98 adolescentes:

Tabela 6 – Número de adolescentes entrevistados por dia no Educandário Santo Expedito (ESE)

Dias	Nº de adolescentes entrevistados
12/12	10
13/12	12
14/12	9
15/12	10
16/12	8
19/12	16
21/12	18
22/12	15

PERFIL DOS JOVENS



Temos como objetivo refletir sobre o perfil socioeconômico do jovem em situação de privação de liberdade em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação no estado do Rio de Janeiro.

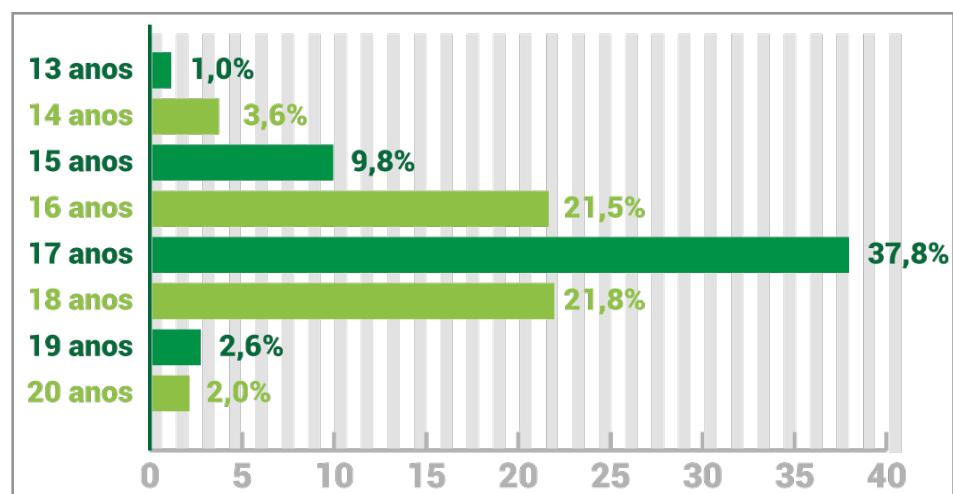
Pretendemos analisar alguns dados básicos sobre o seu perfil social e econômico, tais como: idade, cor, sexo, gênero e escolaridade, assim como onde moram e com quem moram. Tais questões podem nos levar a refletir sobre suas relações familiares, sociais e com seu território, bem como sobre a sua situação financeira e de sua família.

Conhecer os aspectos que falam sobre a pessoa privada de liberdade em sua juventude é fundamental para entendermos em que casos maiores intervenções públicas são necessárias, a fim de garantir os direitos destes jovens e de outros que vivem em situação de risco.

Ressaltamos que todos os dados disponibilizados neste Relatório foram frutos de declaração dos entrevistados.

Gráfico 1

Idade declarada pelos adolescentes e jovens entrevistados



O estudo revelou que mais de 4/5 (81,1%) dos jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação declararam ter de 16 a 18 anos de idade, sendo o maior percentual de 17 anos (37,8%), seguido, respectivamente, com 21,8% dos jovens com 16 e 18 anos. Apenas 14,4% têm de 13 a 15 anos; 2,6%, 19 anos; e 2% declaram ter 20 anos de idade.

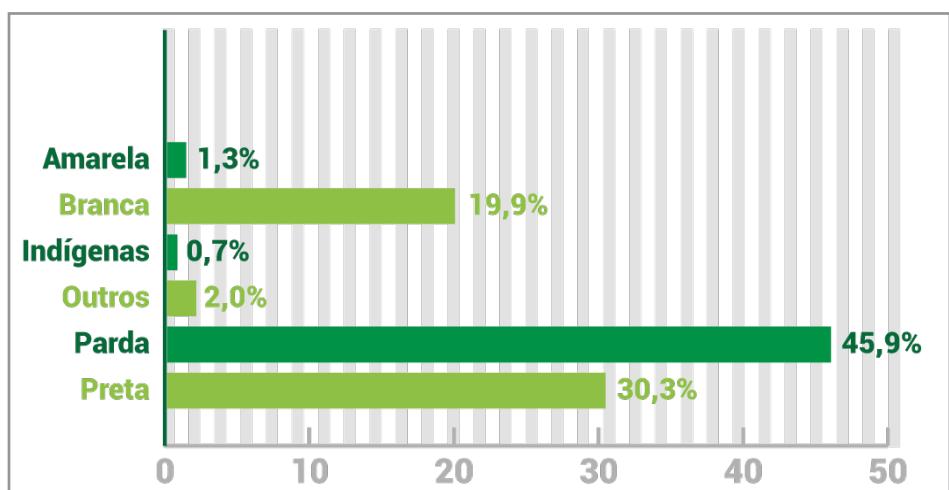
37,8%

dos entrevistados tinham 17 anos

Gráfico 2

Cor declarada pelos adolescentes e jovens entrevistados

As respostas para a pergunta "Qual é a sua cor?" mostram que 45,9% se declararam pardos, 30,3% pretos, 19,9% brancos, 1,3% amarelos e 0,7% indígenas. Apenas 2% não se identificaram com nenhuma das alternativas indicadas na pesquisa e foram reunidos na categoria outros. Como podemos observar, predomina no Sistema Socioeducativo do estado do Rio de Janeiro, somando pretos aos pardos, os jovens negros (76,2%).



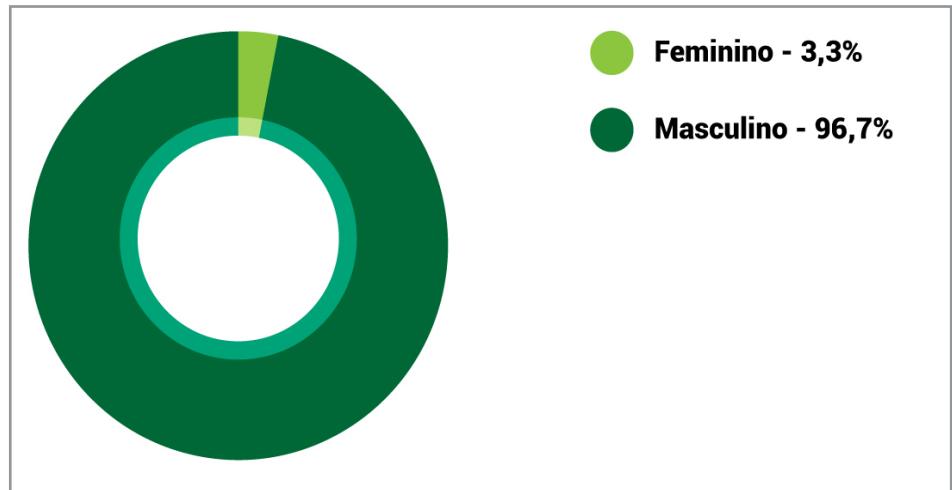
45,9%

dos entrevistados declararam ser pardos

Gráfico 3

Sexo declarado pelos adolescentes e jovens entrevistados

Quanto ao sexo, os jovens, objeto dessa pesquisa, em sua imensa maioria são do sexo masculino, 97,4%. Vale destacar que se verificou nos últimos anos um crescimento de 4% para 5% da participação feminina no total dos atendimentos socioeducativos nacional: 985 (2013) para 1.181 (2014) (BRASIL, 2017).



96,7%

dos entrevistados são do sexo masculino

Gráfico 4

Naturalidade dos adolescentes e jovens entrevistados



Rio de Janeiro	- 93,5%
Outros	- 6,4%

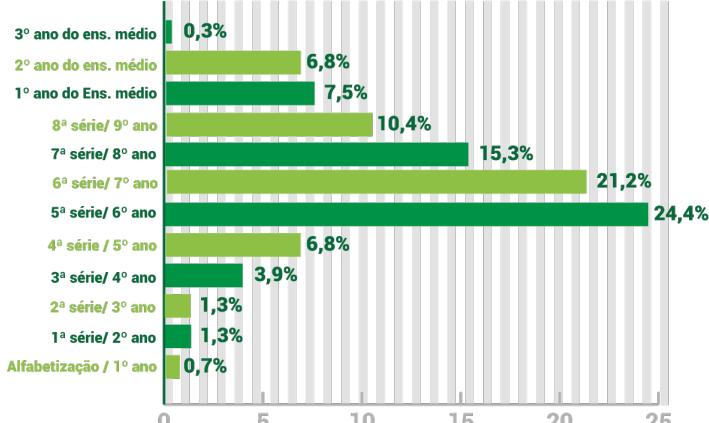
Observa-se que a maioria dos jovens privados de liberdade nasceram no estado do Rio de Janeiro (93,5%), seguido de Paraíba, São Paulo e Espírito Santo com 1,3% cada. Nascidos em Minas Gerais com 0,7% e com 0,3% nos estados da Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

93,5%

dos entrevistados nasceram no Rio de Janeiro

Gráfico 5

Ano escolar dos adolescentes e jovens entrevistados



45,6%
dos entrevistados cursam o 6º e o 7º anos

Com relação a escolarização dos adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa, é possível notar que cerca da metade dos adolescentes internados (45,6%) cursam o 6º e 7º anos, isto é, 24,4% e 21,2%, respectivamente. Levando em conta que a maioria dos adolescentes internados tem entre 16 a 18 anos, verifica-se altas taxas de distorção idade-série. Por outro lado, evidencia-se 14,62% cursando o Ensino Médio e apenas 14% ainda nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Gráfico 6

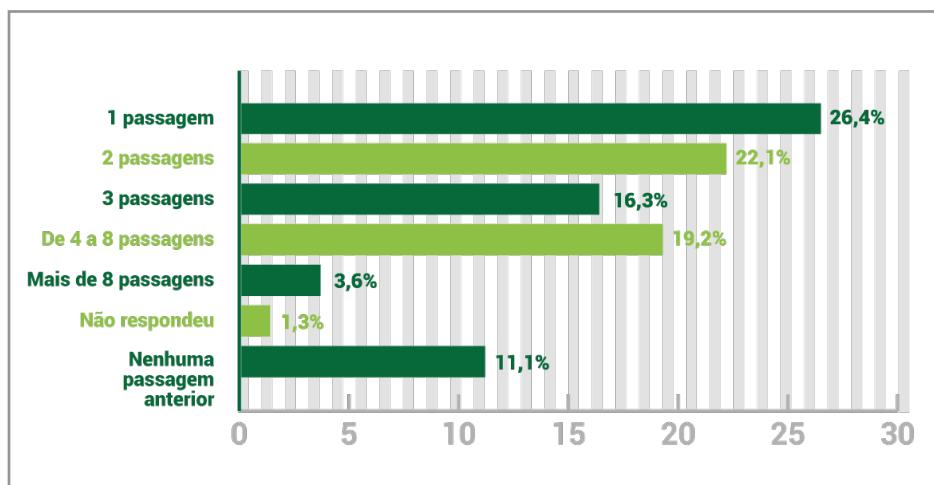
Quantitativo de passagens dos adolescentes e jovens entrevistados

Dos 307 adolescentes entrevistados, apenas 11,1% não têm passagem anterior, ou seja, no momento da aplicação do questionário estavam cumprindo sua primeira medida em meio fechado. A

maioria tem 1 passagem (27%) e 24% têm 2 passagens. É surpreendente o número de jovens que têm 2 ou mais passagens pelo DEGASE (90%), inclusive 4% afirma ter mais de

8 passagens.

Poucos são os estudos nesta direção. É fundamental que se invista na compreensão do que efetivamente vem levando aos jovens a reincidirem no ato infracional e, consequentemente, a serem apreendidos e retornarem tantas vezes para cumprir Medidas Socioeducativas no DEGASE.

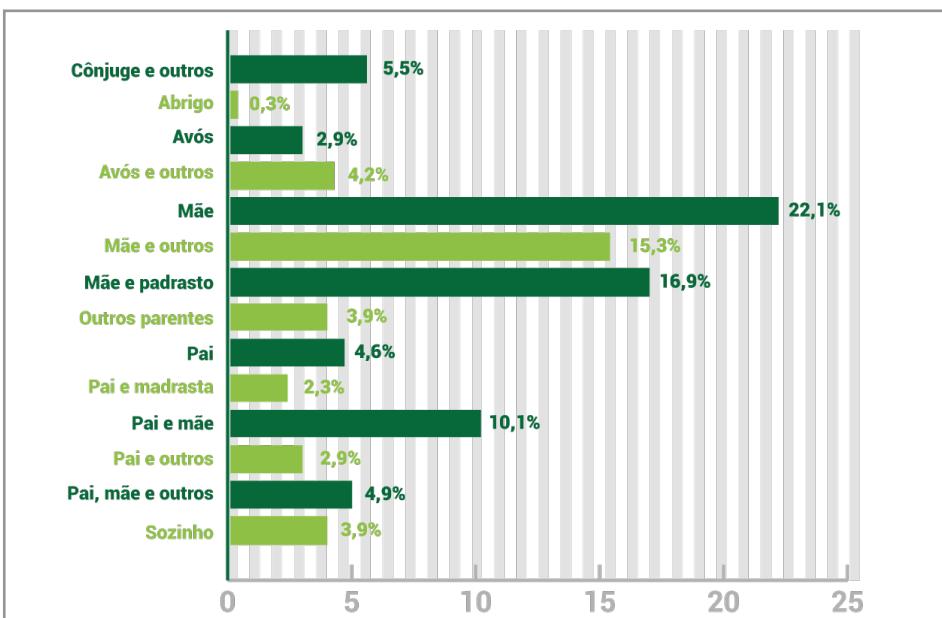


11,1%
apenas dos entrevistados declararam
não ter passagem anterior pelo Degase

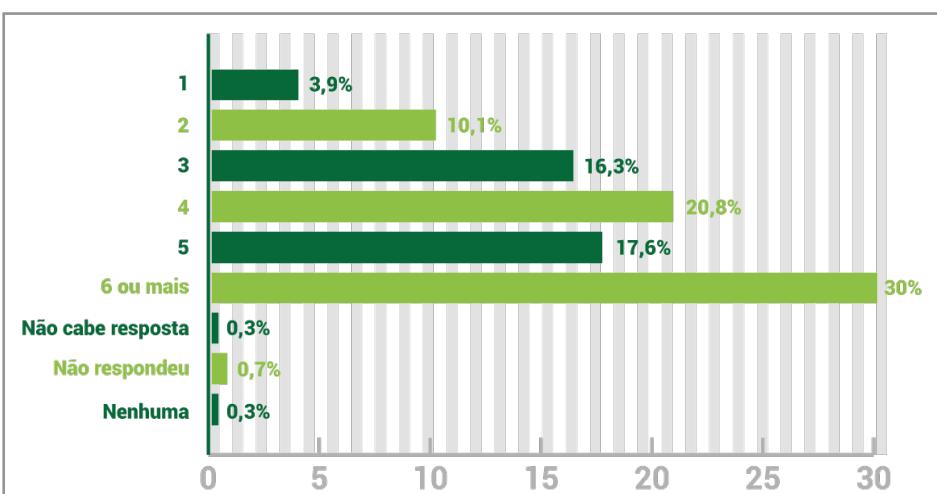
Gráfico 7

Pessoas que residem juntamente com os adolescentes e jovens entrevistados

Quando perguntados com quem moravam, 54,3% responderam com a mãe e outras pessoas; 15% com o pai e a mãe; 9,8% com o pai e outras pessoas; 7,1% com avós e outros. Os dados mostram que os jovens entrevistados residem em sua grande maioria com parentes próximos, sendo visível o predomínio da presença materna na vida dos entrevistados. Apenas 5,5% afirmam morar com cônjuge e outros; 3,9% sozinhos; e 0,3% em abrigo.

**54,3%**dos entrevistados responderam
que residem com a mãe e outra pessoa**Gráfico 8**

Quantidade de pessoas que residem juntamente com os adolescentes e jovens entrevistados



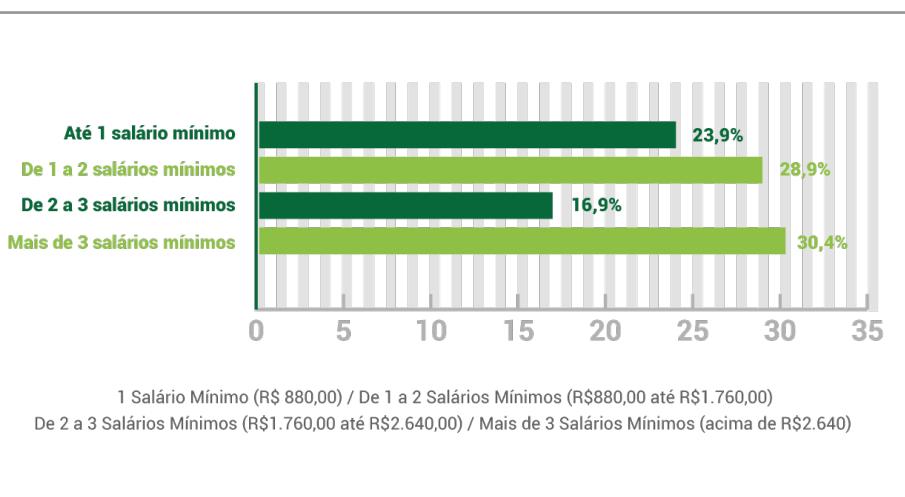
Com relação à quantidade de pessoas que residem com os adolescentes, 30% afirmam residir com mais de 6 pessoas em sua casa; 17,6% residem com 5 pessoas; 20,8% com 4 pessoas; 16,3% com 3 e 10,1% com duas pessoas. Levando em consideração que cerca de 1/3 dos jovens afirmaram viver com mais de 6 pessoas, o índice impacta diretamente na composição da renda per capita do domicílio.

30%

dos entrevistados residem com mais de 6 pessoas

Gráfico 9

Renda familiar média dos adolescentes e jovens entrevistados



30,4%

dos entrevistados tem uma renda de mais de
3 Salários Mínimos

Os jovens do Sistema Socioeducativo são marcados pela baixa renda, dos 79% que a declararam, cerca de 24% ganham até 1 salário mínimo e 30,4% mais de 3 salários mínimos. Por um momento, podemos pensar que mais de 3 salários mínimos seja algo razoável, o suficiente para se levar uma vida digna. Porém, outro dado chama atenção: aproximadamente 30% desses jovens residem com 6 ou mais pessoas. Isso implica dizer que a renda per capita deles gira em torno de R\$ 146,00 a R\$ 500,00. Logo, não podemos dizer que é um valor satisfatório que supra as necessidades de todo um grupo familiar.

Os indicadores sociais do IBGE (2015) sobre os jovens e o mercado de trabalho apresentaram que o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudavam nem trabalhavam, em 2015, cresceu no país, chegando a 22,5%. O grupo de 18 a 24 anos apresentou um percentual ainda maior em 2015, 27,4%.

Conforme dados da pesquisa sobre a questão "trabalho", é possível se evidenciar nas respostas dos adolescentes as relações dos sujeitos com o mercado de trabalho, suas exigências e remunerações provenientes destes encargos.

Gráfico 10

Experiência profissional dos adolescentes e jovens entrevistados

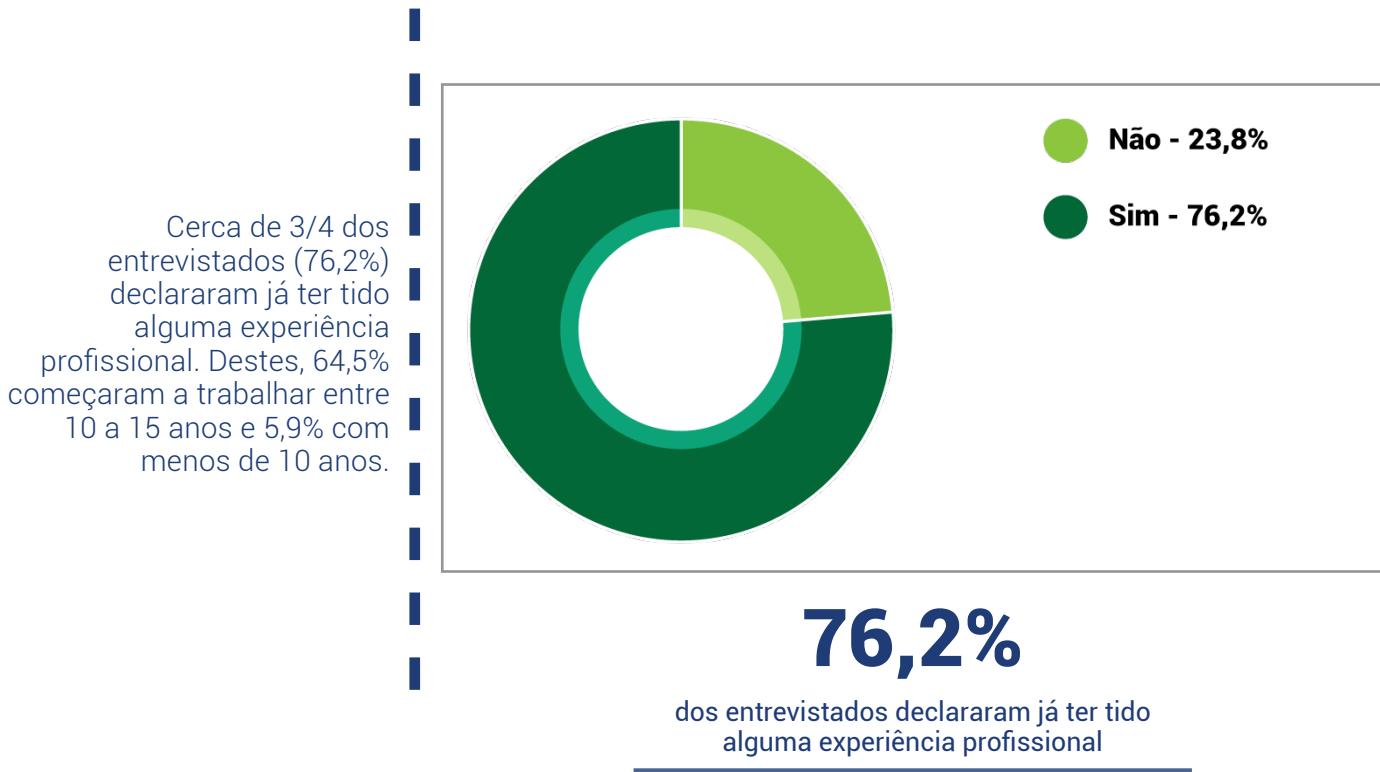
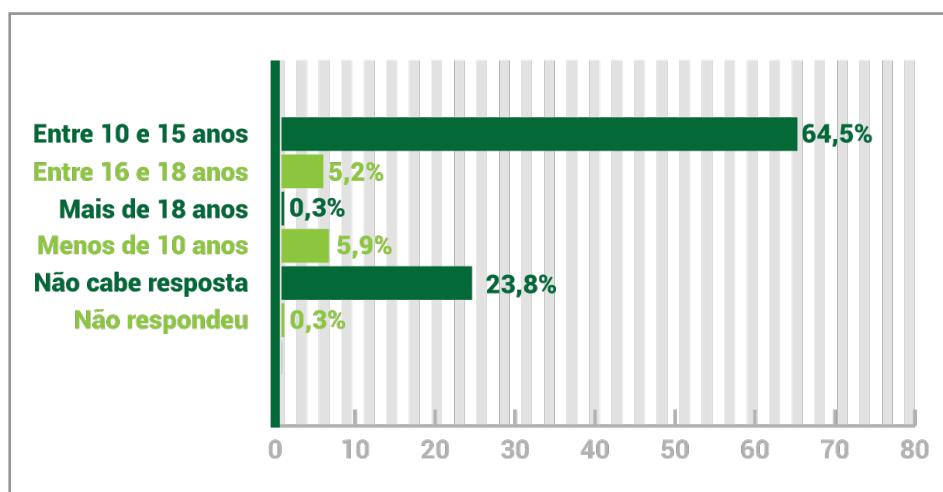


Gráfico 11

Idade em que começaram a trabalhar os adolescentes e jovens entrevistados



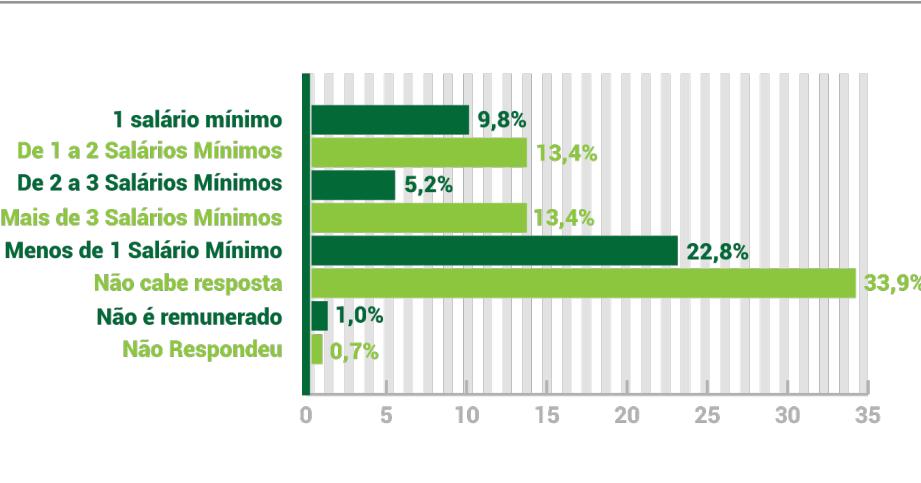
Na faixa etária entre 16 e 18 anos, temos 5,2% e, com mais de 18 anos, apenas 0,3%. Apenas 24,1% não responderam à referida questão.

64,5%

dos entrevistados declararam que começaram a trabalhar entre 10 e 15 anos

Gráfico 12

Remuneração dos adolescentes e jovens entrevistados



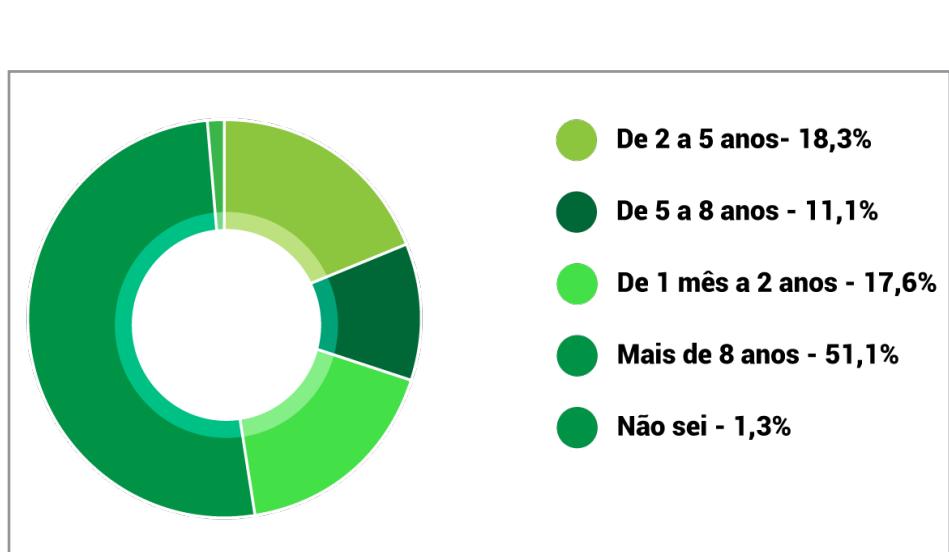
22,8%

dos entrevistados disseram receber
menos de um salário mínimo

O dado sobre a remuneração é relevante para entender o perfil dos adolescentes e jovens que cumprem Medidas Socioeducativas. Em relação à remuneração dos adolescentes privados de liberdade, 22,8% disseram receber menos de 1 salário mínimo; 9,8% um salário; 13,4 % de 1 a 2 salários; 5,2% de 2 a 3 salários; 13,4% mais de 3 salários mínimos. Não trabalham, 23,8 %. Dos 234 adolescentes e jovens que alegaram já ter exercido algum trabalho, 76,2% do total dos entrevistados, 31,6% afirmam trabalhar mais de 8 horas; 18,4% de 6 a 8 horas; 15% de 4 a 6 horas; e 6% até 4 horas. 15,4% declararam não ter horário definido.

Gráfico 13

Tempo de residência no local de moradia dos adolescentes e jovens entrevistados



51,1%

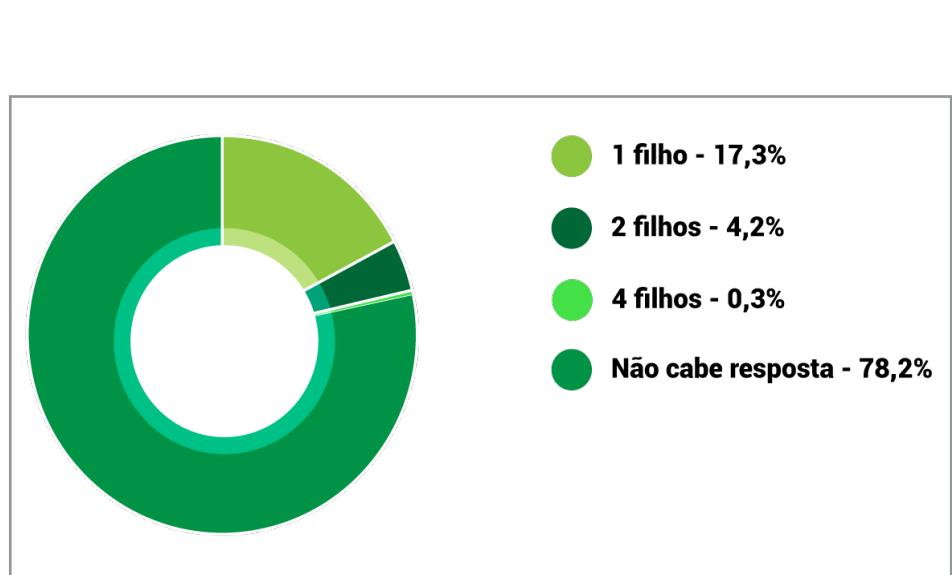
dos entrevistados declararam
residir há mais de 8 anos no mesmo local

Os dados revelam que a maior parte, 51,1% dos adolescentes e jovens privados de liberdade, costuma estar há mais de 8 anos residindo no mesmo local; 30% moram no mesmo local de 2 a 8 anos e 17% de um mês até 2 anos.

Gráfico 14

Quantidade de filhos dos adolescentes e jovens entrevistados

Com relação a ter filho, 73% dos entrevistados disseram não ter. Porém, mais de 1/4 (27%) afirmam ter ou ainda que o filho não nasceu. Dos que afirmaram já ter filhos, 78% têm apenas um e 19% dois.

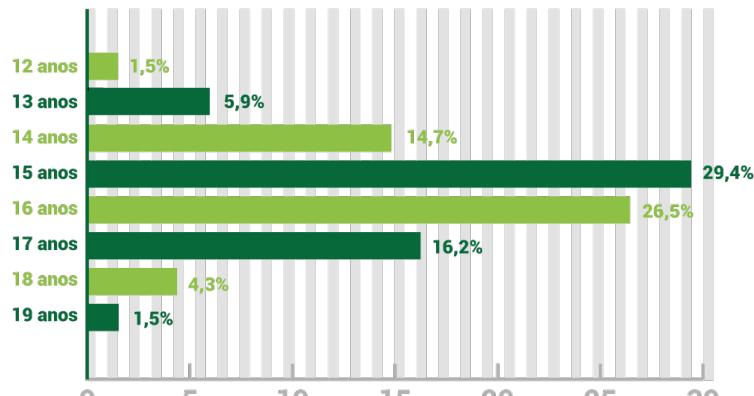


73%

dos entrevistados disseram não ter filhos

Gráfico 15

Idade em que os adolescentes e jovens entrevistados tiveram o primeiro filho



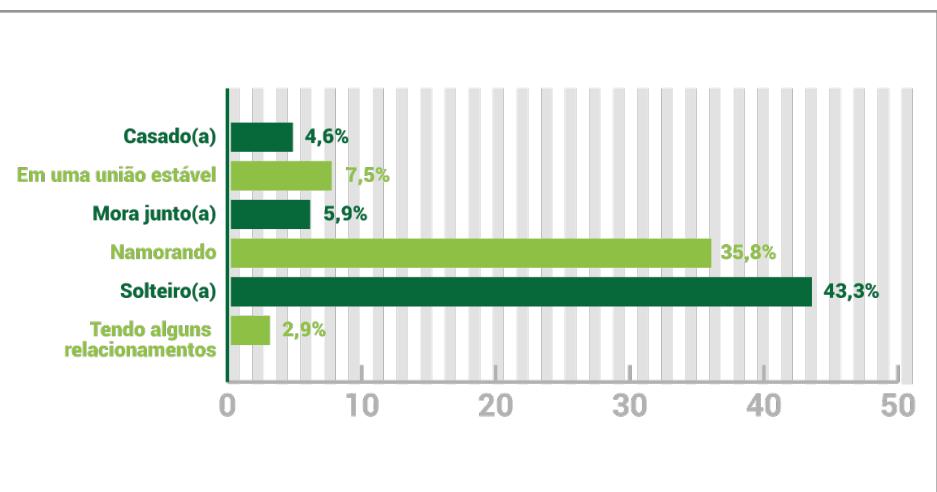
Dos 68 entrevistados que afirmaram ter filho, 22% do total, 86,8% encontram-se na faixa etária dos 14 aos 17 anos de idade.

86,8%

dos entrevistados que afirmaram ter filho,
tem entre 14 e 17 anos de idade

Gráfico 16

Estado civil dos adolescentes e jovens entrevistados



Sobre o seu estado civil, 43,3% afirmaram ser solteiros(as). Por outro lado, 56,7%, mais da metade dos entrevistados, são possuidores de alguma relação que envolve algum grau de compromisso: 4,6% afirmam ser casados; 7,5% em união estável; 5,9% mora junto; e 38,7% estão namorando ou "tendo alguns relacionamentos".

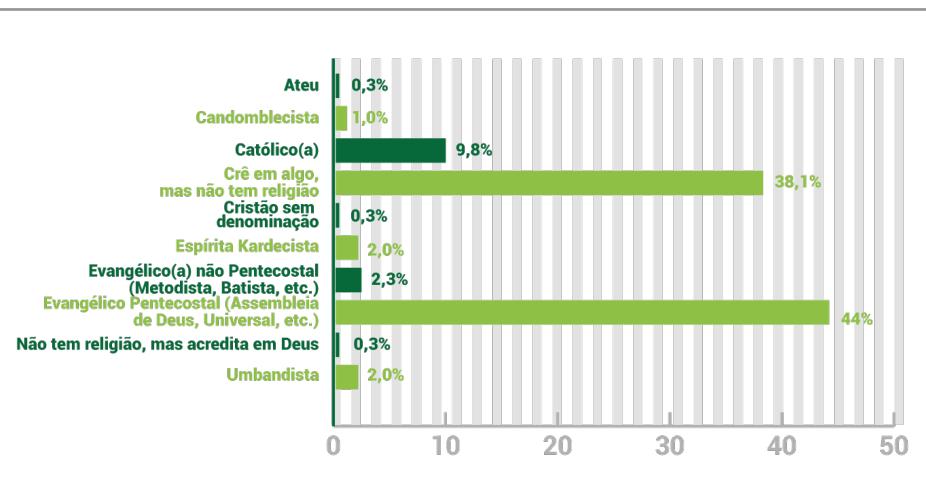
43,3%

dos entrevistados afirmaram ser solteiros

Gráfico 17

Religião dos adolescentes e jovens entrevistados

Os dados sobre a religiosidade no Sistema Socioeducativo do estado do Rio de Janeiro apontam que 61,1% dos adolescentes e jovens privados de liberdade declararam vincular-se a uma determinada religião: 44% são Evangélicos Pentecostais e 2,3% não Pentecostais; 9,8% Católicos; e 2,0% Espírita Kardecista; e 3,0% de religiões afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda). Apenas 0,3% não tem religião, mas acredita em Deus. A mesma porcentagem dos que se declararam ateus. Importante questão evidenciada na pesquisa é que 38% afirmam "crer em algo", mesmo não demonstrando vínculo a alguma religião específica.



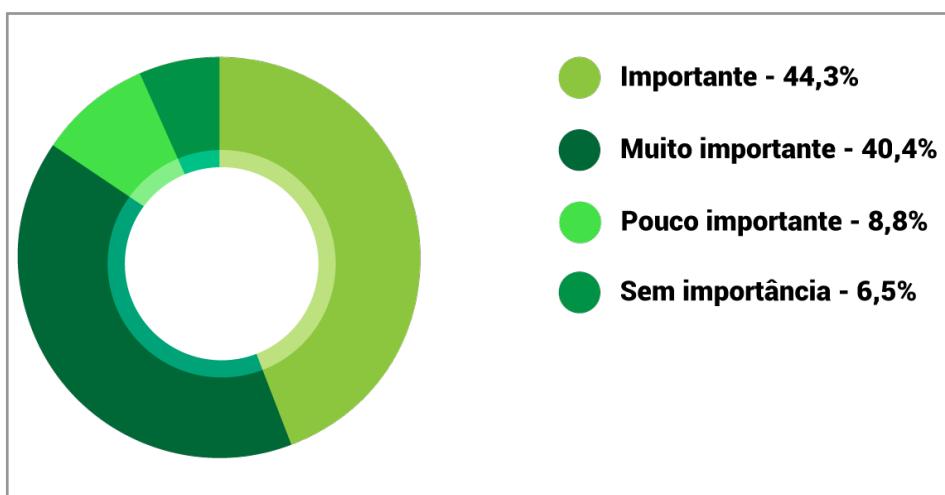
61,1%

dos entrevistados declararam vincular-se a uma religião

Gráfico 18

Grau de importância atribuída à religião pelos adolescentes e jovens entrevistados

Quando perguntados sobre a importância da religião em suas vidas, os resultados apresentados revelam que 44,3% dos adolescentes afirmam que a religião é "importante"; 40,4% que a religião é "muito importante"; e 8,8% "pouco importante". Logo, em uma escala de afeição à religiosidade, tem-se que 93,5% dos adolescentes estabelecem com a religião algum grau de importância.

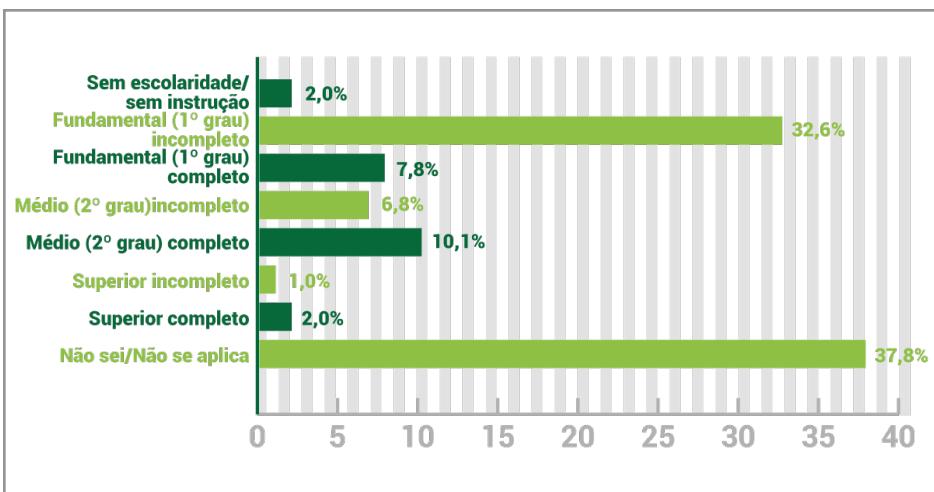


40,4%

dos entrevistados afirmaram que a religião
é muito importante em sua vida

Gráfico 19

Escolaridade da mãe/responsável pelos adolescentes e jovens entrevistados



Segundo dados divulgados pelo IBGE, em 2012, ainda há 8,6% de pessoas de 15 anos ou mais analfabetas; 8,1% de jovens entre 18 e 24 anos frequentando o Ensino Fundamental, 34,2% o Ensino Médio e 51,3% o Ensino Superior.

Da totalidade de indivíduos considerados analfabetos no Brasil, é possível evidenciar que: 8,8% são do sexo masculino; 8,4% são do feminino; 6,5% possui domicílio urbano; 21,2% domicílio rural. Distribuídos por região, a maior taxa do país está na região Nordeste com 16,9%, seguida, respectivamente, pela Norte, com 10,2%; Centro-Oeste, com 6,3%; Sul, com 4,9%; e Sudeste, com 4,8%. De acordo com os dados mais recentes do IBGE (2015), a maior incidência de analfabetismo ocorre entre homens (8,8%). Neste universo, incluem-se os de cor preta ou parda (11,8%), com idade acima dos 60 anos (24,8%), que pertencem ao quinto mais pobre (15,1%), residente da região nordeste (16,9%) e das áreas rurais (21,2%).

Podemos notar que pretos e pobres aparecem como maioria neste indicativo, demonstrando a triste realidade da continuidade da exclusão escolar dos afrodescendentes e das classes menos favorecidas. Herança do nosso passado escravagista em que a educação escolar era majoritariamente branca e de classes mais abastardadas.

Os resultados apontam para o progressivo envelhecimento do perfil do grupo mais afetado pelo analfabetismo. Contudo, isso não significa que a maioria dos analfabetos possui essa faixa etária. Do total de analfabetos de 15 anos ou mais, 50,7% têm de 25 a 59 anos de idade, representando um montante superior a 6,5 milhões de pessoas (IBGE, 2015).

A maior queda no índice de analfabetismo se deu entre os jovens de 15 a 24 anos de idade, passando a taxa de 4,2% para 1,5% no período considerado. A redução desse índice também foi alta entre as pessoas de 25 a 59 anos de idade (de 11,5% para 7,0%).

Os dados recolhidos na pesquisa com os adolescentes e jovens privados de liberdade retratam também essa realidade. O nível de escolaridade da mãe ou do responsável feminino é em grande porcentagem o Ensino Fundamental incompleto (32,6%), seguido de 7,8% que completou todo o Ensino Fundamental.

O dado que sobressalta aos olhos é a evidência de que somente 10,1% dos responsáveis de figura feminina concluíram o Ensino Médio. Destes, somente 3% chegaram ao Ensino Superior. Já o índice de analfabetismo é de 2%.

Gráfico 20

Escolaridade do pai/responsável pelos adolescentes e jovens entrevistados

A maior parte dos adolescentes privados de liberdade, quando questionados sobre a escolaridade do pai ou do responsável masculino, não sabiam responder, ou a informação não se aplicava, totalizando 65,1%.

Esses dados também mostram que os pais ou responsáveis que concluíram Ensino Fundamental (4,2%), Ensino Médio (5,9%) ou Superior (0,7%) completos somam 10,80%. Temos ainda 21,20% dos pais ou responsáveis que não concluíram: o Ensino Fundamental (18,6%), o Ensino Médio (2,3%) ou Superior (0,3%).

Conforme a pesquisa, 2,9% dos genitores ou responsáveis paternos não possuem escolaridade/instrução, mostrando uma pequena taxa de analfabetismo.

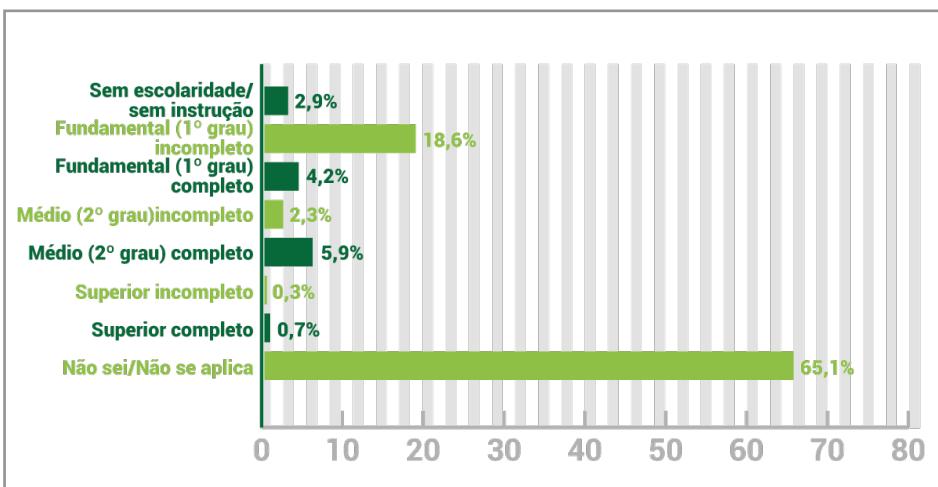
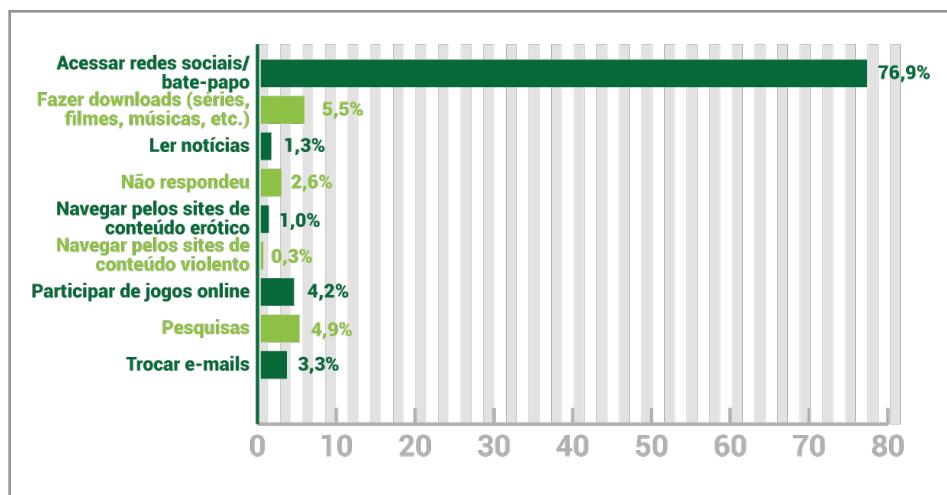


Gráfico 21

Utilização da internet pelos adolescentes e jovens entrevistados



Quando perguntados sobre utilização da internet, mais de 4/5 (80,3%) dos entrevistados utilizam com a finalidade de comunicação: 77% utilizam para "acessar redes sociais e/ou bate-papo" e 3,3% para "trocar e-mails". O restante (17,2%), cerca de 1/5, encontra-se dividido em utilização da rede para: downloads (5,5%); pesquisas (4,9%); jogos on line (4,2%); ler notícias (1,3%); "navegar pelos sites de conteúdos erótico" (1%) e "violento" (0,3%). Apenas 2,6% não responderam a questão.

ESCOLARIZAÇÃO

Os dados disponibilizados abaixo são de suma importância, pois a maioria dos entrevistados encontra-se em idade escolar, logo possuidor de direitos e deveres de não apenas estar matriculado, mas frequentando a escola. Sem sombra de dúvida, mostra-se relevante investigarmos desde o ano escolar em que se encontravam no momento da apreensão até os motivos apresentados para estar frequentando tal instituição.

Pretende-se aqui analisar as questões pertinentes à escolarização dos adolescentes que cumprem Medida Socioeducativa de Internação no estado do Rio de Janeiro. Deste modo, foi feita breve avaliação e averiguação dos pontos mais relevantes no que concerne à compreensão da vida escolar desses sujeitos.

Analizando a escolarização desses jovens e a sua percepção a respeito dela, é possível observar o papel que a escola exerce nas suas vidas e suas perspectivas em relação à mesma.

A partir da observação dos dados apresentados no gráfico 5, é possível notar que a maior incidência de respostas dos adolescentes cumprindo MSE de Internação no estado do Rio de Janeiro cursa o 6º e 7º ano, isto é, 45,6%.

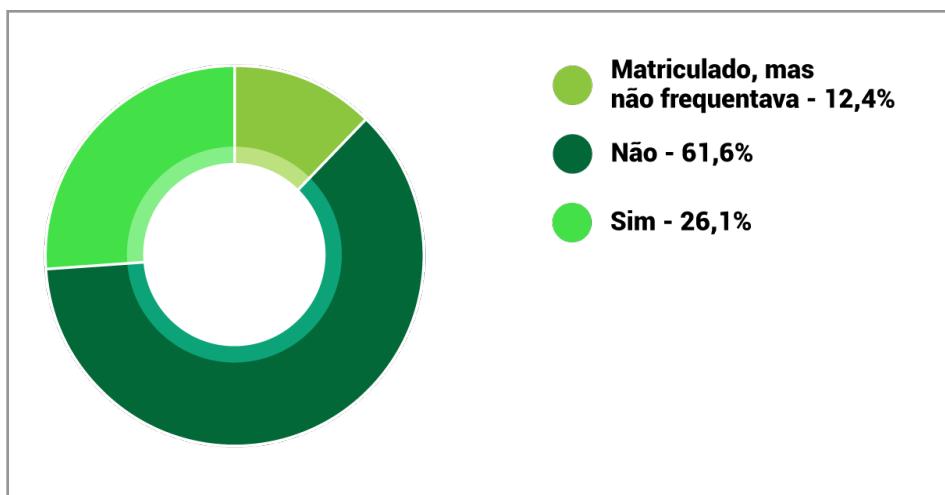
Como é possível observar, a maioria desses jovens apresenta altas taxas de distorção idade-série. Por outro lado, diferente do discurso do senso comum, tais jovens têm apresentado níveis de escolaridade maiores do que se propaga no imaginário social. É comum destacar-se a pouca escolaridade dos jovens em cumprimento de MSE.

Nota-se que a quantidade dos jovens cursando o Ensino Médio é 14,62% enquanto a quantidade dos que cursam os anos iniciais do Ensino Fundamental é de 14%.

Os dados da pesquisa evidenciam um número muito maior de jovens no Ensino Médio em relação ao divulgado no Plano Decenal Socioeducativo de 2015, por exemplo, que apontou apenas 5% dos adolescentes.

Gráfico 22

Quantidade de adolescentes e jovens entrevistados que estavam estudando no momento da apreensão



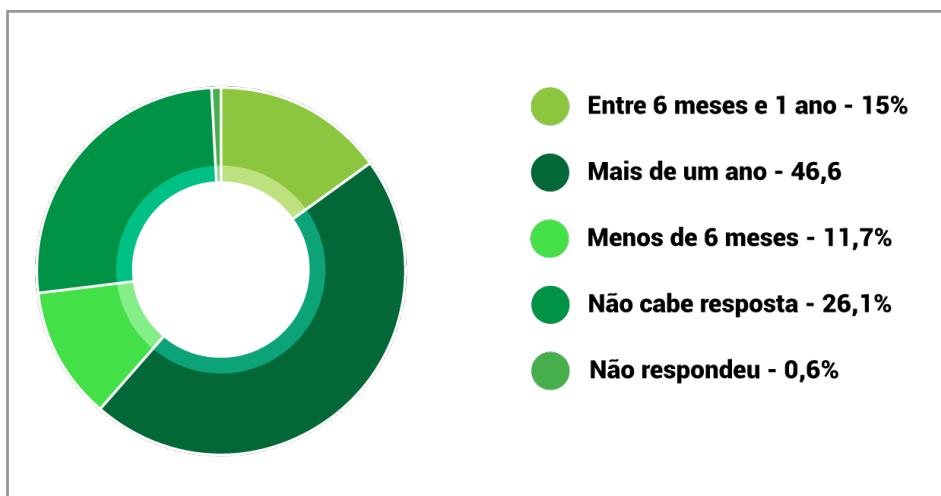
Perguntados se estavam estudando no momento da apreensão, apenas 26,1% estavam estudando; 61% não estavam; e 12,4% estavam matriculados, mas não frequentavam. Conforme evidenciado, 74%, cerca de $\frac{3}{4}$ dos entrevistados, não estavam na escola.

61,6%

dos entrevistados declararam não estar estudando no momento da apreensão

Gráfico 23

Tempo que os adolescentes e jovens entrevistados estão fora da escola



Os dados apontam que 46,6% desses jovens não frequentavam a escola há mais de 1 ano; 15% entre 6 meses e 1 ano; e 11,7% há menos de 6 meses.

Sem sombra de dúvida, é importante entendermos os motivos que levam esses jovens a estarem fora da escola.

O principal motivo atribuído pelos jovens para não estarem na escola é o fato de "não gostar de estudar" (30%); seguido por ter sido expulso da escola (14%); por trabalhar e não conseguir conjugar com as atividades escolares (12%); e por problemas na escola (10%). Se somarmos expulsão com problemas na escola, chegamos a 24%.

Seria a escola um problema ou o jovem é um problema para escola?

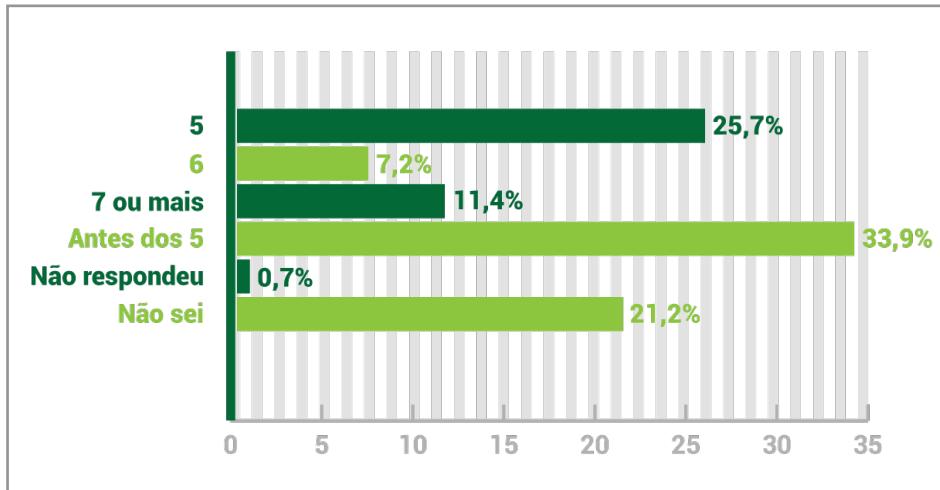
Além do mais, pela possibilidade de responder a mais de uma opção, algumas se repetem. Por exemplo, "não gostar de estudar" e a expulsão aparecem em várias respostas combinadas com outras. Logo, esses números são maiores do que quando apresentados isolados.

Conforme dados vistos anteriormente, 12% afirmam que o motivo da saída da escola foi a entrada no mercado de trabalho e 8% a entrada na "vida do crime" (4% entrou para o crime e 4% começou a vender drogas).

Um dado alarmante é evidenciado na pesquisa, quando 12,8% dos jovens na faixa etária entre 12 e 21 anos afirmam que a entrada no tráfico foi o motivo para abandonar a escola. Cada vez mais estamos perdendo nossos jovens para o tráfico.

Gráfico 24

Idade em que os adolescentes e jovens entrevistados ingressaram na escola



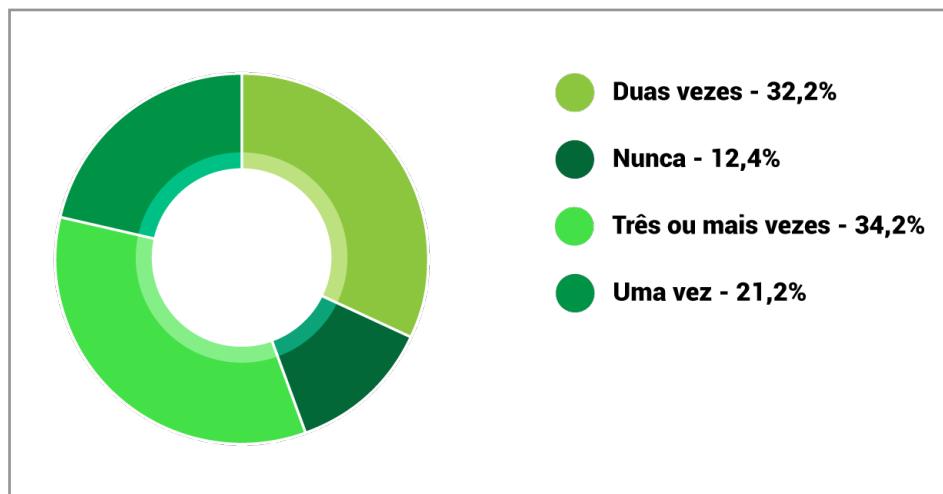
Para muitos, esses dados são surpreendentes: 60% dos jovens hoje em cumprimento de MSE de Internação começaram a estudar com até 5 anos de idade. Por outro lado, esses dados são plenamente justificáveis, se pensarmos no atual panorama educacional. Esses jovens que têm de 12 a 21 anos são frutos das leis que primaram pela universalização do ensino a partir da Constituição Federal de 1988. Hoje, conforme dados do IBGE (2010), sobre a taxa de frequência bruta a estabelecimento de ensino da população residente, segundo grupos de idade – Brasil, em 2011, quase universalizamos o acesso de crianças e adolescentes à escola na faixa etária entre 6 a 14 anos (98,2%). Por outro lado, há uma redução de 14,5% na faixa etária entre 15 a 17 anos (83,7%).

O que podemos observar é que o poder público consegue manter o jovem até a idade escolar obrigatória, mesmo com defasagem escolar. Porém, logo em seguida, aos poucos, os jovens vão deixando os bancos escolares.

Embora muitos tenham começado a estudar com idade série adequada, é possível observar, no gráfico abaixo, que é recorrente a repetência na vida escolar desses jovens. Somente 12,4% responderam nunca ter repetido alguma série; enquanto 21,2% repetiram uma única vez; 32,2%, duas vezes; 34,2%, três vezes ou mais.

Gráfico 25

Número de repetência escolar dos adolescentes e jovens entrevistados



Alguns jovens que afirmaram nunca ter repetido alguma série disseram que isso ocorreu, porque abandonaram a escola. Ou seja, se tivessem permanecido, talvez esse número poderia ser ainda maior.

Como podemos observar, o número de evasões e repetências é significativo. Como hipótese, esses jovens evadem por repetirem diversas vezes e cada vez mais a escola e os conteúdos vão perdendo sentido no seu cotidiano.

Dos 45 jovens cursando o Ensino Médio, 14,6% do total, 71% já repetiram de uma a três ou mais vezes e, de um total de 75 alunos que se encontram na 5^a série /6^º ano, 53% já repetiram três ou mais vezes. Nota-se, assim, a retenção desses alunos ao longo da trajetória escolar, o que contribui para altos índices de distorção idade-série.

É preciso entender, acima de tudo, os motivos que levam esses jovens à repetência, por isso quais seriam os motivos que eles atribuem à reprovação?

Dos 87,6% que afirmaram ter repetido de uma a mais de três vezes o ano letivo, os que apresentaram apenas uma explicação apresentaram os seguintes motivos: excesso de faltas (16%), não entender as matérias (6,7%), fazer bagunça em sala de aula (6,3%) e não gostar de estudar (1,5%).

Assim como evidenciado acima, pela possibilidade de múltiplas respostas, se analisadas duas respostas combinadas, temos: o excesso de faltas e a bagunça em sala de aula correspondendo a 9,3%; não gostar de estudar com faltas excessivas representando 7% e não entender as matérias junto com faltas excessivas referindo-se 2,6%.

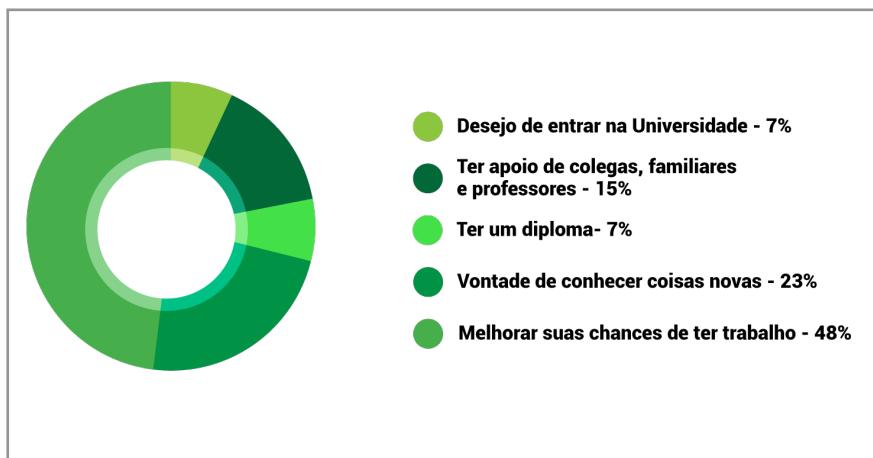
Indagados sobre o que faz voltarem a estudar ou continuar estudando, conforme gráfico abaixo, os principais motivos foram: melhorar as chances de ter um bom trabalho (48%); vontade de conhecer coisas novas (23%); ter apoio de colegas, familiares e professores (15%); ter um diploma (7%); desejo de entrar na universidade (7%).

12,4%

dos entrevistados declararam que nunca
repetiram o ano escolar

Gráfico 26

Grau de importância atribuída à religião pelos adolescentes e jovens entrevistados



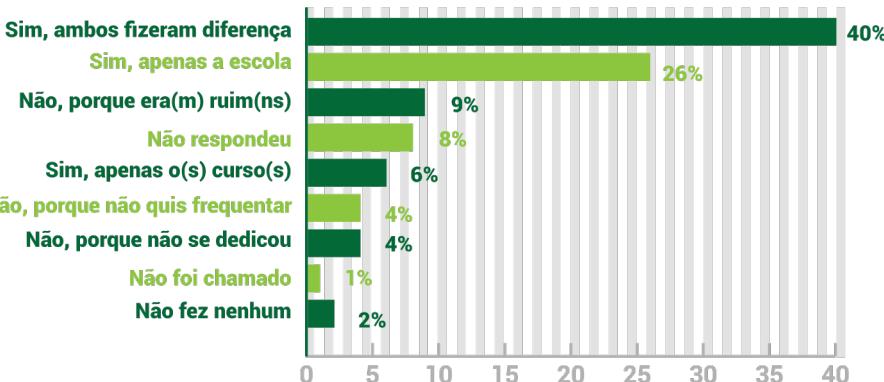
Tentando compreender o significado da escola para jovens autores de atos infracionais, Dias e Onofre (2013, p.258) ressaltam o quanto a escola aparece associada, na fala dos jovens, a uma futura inserção no mercado de trabalho e desligada da utilidade presente de propiciar o conhecimento. "Eles reproduzem um discurso que atesta a importância da escola para se conseguir um emprego, para ter um futuro melhor, mas não conseguem encontrar o sentido e prazer dos estudos no momento atual". Ao serem questionados se acreditam que escola é importante, a resposta é quase unânime, 96% dizem concordar que a escola os torna melhores.

Em relação à família, a resposta chama atenção para a presença dos pais no estudo desses jovens. Ao serem indagados sobre se os pais/responsáveis incentivam seus estudos, 98% responderam que sim. Quebra-se, assim, a ideia de que os pais não estão presentes em sua educação e que esses jovens não têm vínculo ou apoio familiar.

Perguntados se vão à escola pelos amigos ou pelas aulas, 50% dizem que vão pelas aulas e 47,2% pelos amigos. A diferença entre ambos não é significativa, no entanto, é importante lembrarmos que a escola é além de tudo um espaço onde se estabelecem relações sociais.

Gráfico 27

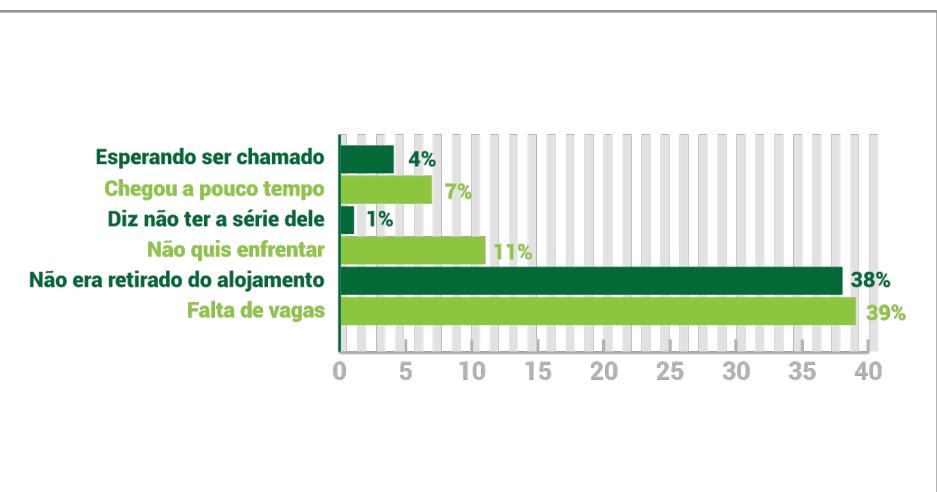
As escolas e cursos do DEGASE fazem diferença na vida dos adolescentes e jovens entrevistados



Como podemos observar no gráfico ao lado, os jovens valorizam as escolas do DEGASE. Reconhecem que tanto elas como os cursos fizeram diferença em suas vidas. 40% afirmam que ambos foram importantes e úteis na sua vida e 26% somente a escola. Apenas 9% dizem que a escola e os cursos eram ruins. Isso implica dizer que esses jovens que cumprem MSE de Internação querem estar na escola. Não só querem como acham que de alguma forma influencia de maneira positiva em suas vidas.

Gráfico 28

Motivos pelos quais os adolescentes e jovens entrevistados não estudaram na unidade socioeducativa



39%

dos entrevistados disseram não
estudar por falta de vagas

O principal motivo que leva um jovem a não estudar em uma unidade socioeducativa é a falta de vagas (39%), seguido da sua não retirada do alojamento (38%). A Educação pode ser considerada uma oportunidade social tanto para o presente como para o futuro, que possibilita à pessoa privada de liberdade desenvolver trajetórias educativas produtivas, consolidando o direito humano ao projeto de vida. Nesse sentido, a ausência de educação pode ser considerada como um mecanismo que perpetua as desigualdades (SCARFÓ, 2009).

Sendo assim, estar na escola significa estar no caminho para a realização de projetos de futuro e de constituição de uma vida melhor.

VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE



Levando em consideração as questões até aqui evidenciadas, procuraremos, nesta parte do relatório, analisar os dados das entrevistas principalmente refletindo sobre as questões de violência e vulnerabilidade juvenil a que estão expostos estes sujeitos.

Sobre o perfil dos jovens entrevistados para a pesquisa, podemos, em síntese, afirmar que a maioria é do sexo masculino (97%); negro (76,2%); está na faixa etária entre 15 e 17 anos (70%); não concluiu o Ensino Fundamental (91,3%) – 71,3% está cursando o segundo segmento do Ensino Fundamental; possui renda familiar de 1 a 3 salários mínimos (34%); 76,2% afirmaram ter tido alguma experiência profissional – destes, 64,5% disseram ter começado a trabalhar entre 10 e 15 anos; 71,6% moram em região de conflito armado (entre policiais, traficantes e facções); foram apreendidos por terem cometidos os atos infracionais roubo (44%) e tráfico de entorpecentes (41%).

Através destes dados, podemos evidenciar que estamos falando dos sujeitos hoje mais vulneráveis socialmente no Brasil: jovens, homens, negros, pobres, pouco escolarizados e que começaram a trabalhar muito cedo.

Sobre as suas famílias, 58,6% disseram que os seus pais ou responsáveis são divorciados; 39,4% o seu pai/mãe ou responsável morreu; 45,6% vivenciaram algum problema com álcool ou droga com seus pais/família.

Embora 39,4% tenham afirmado já ter se sentido abandonado alguma vez na vida e viver em uma zona de guerra (75%), 85% disseram ter pessoas em que podem confiar; 91,5% afirmaram que os seus pais/responsáveis lhes dão apoio emocional quando precisam e que eles incentivam que estudem (93,8%).

Tabela 7 – Exposição à Violência relatada pelos adolescentes e jovens entrevistados

Violência	%
Foram agredidos de forma violenta	49,8
Sofreram violência por um de seus responsáveis	29,6
Sofreram violência por parte de profissional	64,8
Sofreram violência por parte de policiais	86
Sentiram-se violentados dentro de casa/abrigos	19,2
Sofreram bullying/zoação	30,3
Sofreram violência sexual	2,3
Foram ameaçados/agredidos por conta da cor da sua pele ou por sua religião	12,7
Foram vítimas de insultos graves pela internet/celular	26,7

Sobre a exposição desses jovens à violência, 49,8% afirmaram alguma vez ter sido agredidos de forma violenta que os machucou; 29,6% sofreram alguma violência por um de seus responsáveis; 19,2% alguma vez se sentiram violentados dentro da sua casa/abrigos, mesmo sem envolver agressão física; 12,7% foram ameaçados com violência ou agredidos fisicamente por causa da cor da sua pele, sua religião ou por alguma razão semelhante; 26,7% foram vítimas de insultos graves, através de e-mails, mensagens na internet, sala de bate-papo, em um site ou através de mensagens enviadas para o seu celular; e 30,3% já sofreram bullying/zoação em sua vida.

Sobre violência sexual, 1% disse ter sofrido dentro de sua casa ou abrigo e 1,3% na rua.

Sobre abuso sexual na infância, 2% disseram já ter sofrido; 19,2% que conhece um amigo que sofreu; 10,4% algum parente; e 9,4% um vizinho.

Com relação a cicatrizes, 33,9% afirmaram ter cicatrizes provocadas em acidente em casa; 8,8% provocadas por violência doméstica; 44,3% por violência policial; 45,9% por acidente de trânsito; 20,5% por briga corporal; e 31,6% produzidas por eles mesmos.

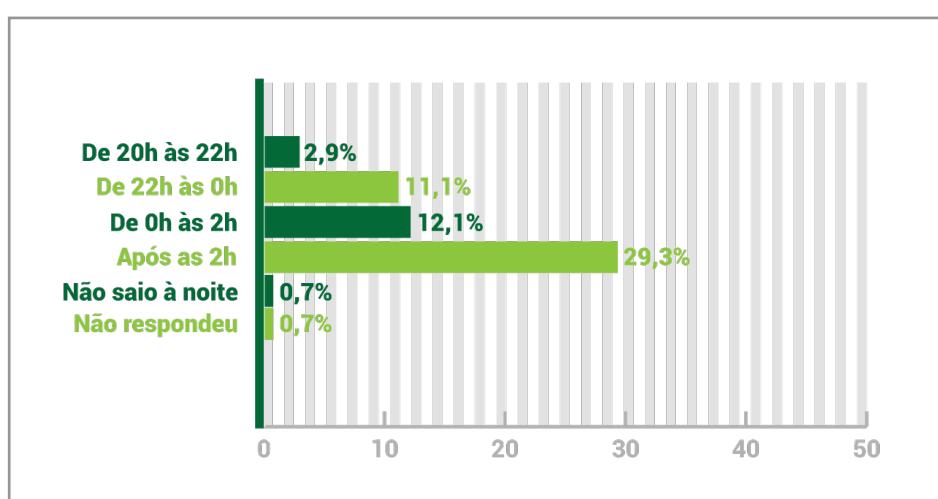
Quanto à violência sofrida por profissionais, 64,8% afirmaram ter sofrido alguma violência por parte de profissionais de uma instituição por onde passou (incluindo o próprio DEGASE) e 86% por parte de policiais.

Como podemos evidenciar, os jovens estão expostos a uma diversidade de situações violentas no seu cotidiano, tanto em casa como na rua, bem como nas instituições a que têm acesso. Muitas vezes, a violência se banaliza, sendo encarada como algo normal no contexto em que vive. Imaginar que quase 50% dos jovens entrevistados foram agredidos de forma violenta que os machucaram, que quase 30% sofreram violência por um dos seus responsáveis, que quase 65% sofreram violência por parte de profissionais das instituições a que tiveram acesso e 86% por policiais, acende um sinal de alerta sobre o cotidiano de violência em que vivem hoje os jovens das classes populares no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro.

Perguntados sobre quantas vezes por semana costumam sair à noite, por exemplo, ir a uma festa, à casa de alguém ou à rua, somente 1% afirmou nunca sair à noite; 42,3% disseram sair de 1 a 3 vezes; 9,4% de 4 a 6 vezes; e 47,2% diariamente.

Gráfico 29

Horário que os adolescentes e jovens entrevistados normalmente voltam para casa nos fins de semana



Com relação a que horas normalmente voltam para casa nos fins de semana, 2,9% responderam de 20 às 22 horas; 11,1% das 22 à meia-noite; 12,1% de meia-noite às 2 horas da madrugada; 29,3% após as 2 horas da madrugada; e 43,3% dormem fora.

46,2% responderam que seus pais sabem o que fazem quando saem e 55,7% inclusive sabem com quais amigos estão quando saem. 57,1% afirmaram que os seus pais estabelecem horas para voltar. Quando retornam, 76,9% disseram ainda que os pais perguntam o que andaram fazendo, onde foram e com quem passaram o tempo.

No imaginário social, é comum se achar que os jovens que cometem o ato infracional são inteiramente desassistidos, sem supervisão dos pais/responsáveis, responsabilizando-os muitas vezes pelas atitudes dos seus filhos.

Como podemos evidenciar, muitos pais/responsáveis geralmente tentam supervisionar o comportamento dos seus filhos, porém, também dão muita liberdade, deixando-os experimentar uma vida que até pouco tempo estava restrita ao universo adulto.

Uma questão importante para discussão é que evidenciamos, através dos dados, existir uma supervisão dos pais/responsáveis, porém com uma extrema liberdade inimaginável para gerações mais velhas. Pensar que é comum hoje os jovens retornarem da rua no horário apresentado, era inconcebível para a formação da população mais velha.

Sobre com quem passam a maior parte do seu tempo livre, 7,8% responderam passar sozinho; 20,2% com namorados; 37,5% com a família; e 34,6% com amigos.

Sobre as atividades que realizam frequentemente, 25,7% estudam e fazem trabalhos de casa; 64,9% vão a festas e bailes; 13% se envolvem em brigas; 50,8% participam de atividades ilegais; 54,7% consomem álcool ou outras drogas; e 10,4% assustam/intimidam as pessoas na rua para se divertir.



Perguntados se já haviam participado de uma briga de grupo em um baile, na rua ou em outro espaço público: 64,8% afirmaram que já participaram; 22,8% já feriram um animal de propósito; 34,5% já bateram em alguém de propósito a ponto de ferir ou aleijar; 61,6% foram violentos com algum policial; 78,8% já venderam ou ajudaram alguém a vender drogas.

Sobre a sua participação em atividades ilegais, 16,9% afirmaram nunca ter participado; 32,2% de vez em quando e 50,8% frequentemente.

Assim como são vítimas da violência, também, como podemos evidenciar, são agentes de violência. São ao mesmo tempo vulneráveis socialmente e sujeitos passíveis de cometerem atos infracionais.

Perguntados sobre o que fariam se uma pessoa conhecida fosse agressiva com um policial, 47,6% responderam não fazer nada; 45,3% participariam ajudando a pessoa a agredi-lo e somente 0,7% ajudaria o policial. Inclusive, 61,6% afirmaram já terem sido violentos alguma vez com algum policial.

Os policiais, geralmente quando não sócios comprometidos com o negócio do tráfico e com a contravenção, são considerados pelos jovens em cumprimento de Medidas Socioeducativas e dos adultos apenados como inimigos e/ou são temidos por eles.

Para 97,7%, os policiais são corruptos e recebem suborno/propina. Para 92,2% os policiais não tratam da mesma forma as vítimas que denunciam crime. Alguns grupos são tratados de forma diferente, desigual. Quando chamados para resolver um crime na sua comunidade, 6,8% disseram que a polícia não chega; para 35,5% ela demora a chegar; e para 25,1% ninguém chama sequer a polícia na sua comunidade.

A descrença na instituição policial é algo que vem crescendo na sociedade brasileira. A imagem do sujeito policial cada vez mais vem sofrendo com constantes notícias de violência policial, suborno, contravenção e participação em atos criminosos.

Pesquisa realizada, entre 2010 e 2014, pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESEC) da Universidade Cândido Mendes sobre as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP) no Rio de Janeiro revelou que policiais militares percebem a descrença de moradores e revelam a própria insatisfação com o andamento do projeto. O sentimento negativo da comunidade em relação aos policiais das unidades, segundo a pesquisa, impõe para 60,1% dos mais de dois mil policiais entrevistados. O salto desta impressão negativa nos quatro anos da pesquisa é de quase 32 pontos percentuais (MOURÃO, 2015).

Perguntados sobre o que fariam caso vissem duas pessoas do mesmo sexo se beijando na boca e sendo agredidas por isso, a maioria, 48,5%, respondeu que achava errado a agressão, mas que não faria nada; 25,7% ajudariam o casal de alguma maneira; e somente 1,3% se imaginava agredindo também o casal.

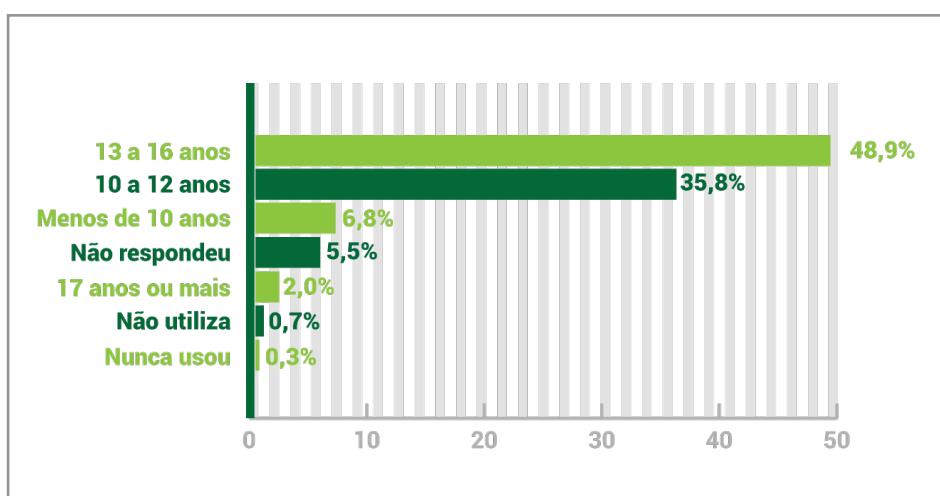
Já se alguém da vizinhança gritasse por socorro por estar sendo agredido(a) por seu companheiro(a), a maioria, 54,1% respondeu que ajudaria a pessoa de alguma maneira; 24,4% não se meteriam; e 3,6% achavam normal este tipo de situação.

Se escutasse uma pessoa contar uma piada ofensiva sobre negro em uma roda de conversa, 25,7% responderam que se sentiriam ofendidos; 24,8% em uma situação desconfortável e 24,1% achariam engraçado.

Como podemos evidenciar, ainda impera na sociedade, independente da sua condição social, econômica e religiosa, um certo preconceito com relação principalmente às questões que envolvem a diversidade sexual. Imaginar que 48,5% dos jovens entrevistados reconhecem o preconceito, mas afirmam não fazer nada para ajudar em uma situação de agressão por questões de ordem sexual, e que 1,3% ainda ajudaria no cometimento do ato violento, mostra-nos o quanto ainda precisamos avançar socialmente neste debate. Por outro lado, aumenta o desconforto social com relação a questões de gênero, principalmente no ambiente familiar, étnico-racial. Até bem pouco tempo era comum as pessoas não se espantarem com denúncias de violência doméstica, assim como com o preconceito racial. Como evidenciado na resposta dos jovens entrevistados, embora 24,4% dizerem que não se meteriam em uma situação de agressão familiar, apenas 3,6% ainda acham normal este tipo de situação. Com relação à questão étnico-racial, 24,1% ainda acham engraçado situações preconceituosas observadas em atitudes racistas – piadas racistas. Com relação ao uso de álcool ou outras drogas, 11,1% disseram nunca ter usado, enquanto 34,2% afirmaram usar de vez em quando e 54,7% frequentemente.

Gráfico 31

Idade que os adolescentes e jovens entrevistados utilizaram drogas (lícita ou ilícita) pela primeira vez



99%

dos entrevistados afirmam já ter utilizado drogas alguma vez

Sobre a faixa etária em que usou drogas (lícita e ilícita) pela primeira vez, 6,8% disseram que com menos de 10 anos de idade; 35,8% entre 10 e 12 anos; 49,8% entre 13 e 16 anos; 2% a partir de 17 anos.

Os números nos mostram dados alarmantes sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas por jovens. Somente 1% dos jovens afirmou nunca ter utilizado ou não utilizar drogas. Ou seja, 99% usam ou já fizeram uso alguma vez na vida. A maioria (85,6%) dos jovens começou a usar drogas dos 10 aos 16 anos.

Com relação à amizade, 85% afirmaram ter pessoas em que podem confiar; 47,2% terem amigos verdadeiros; e 8,5% só têm inimigos.

Sobre os seus amigos, 14,3% não estudam; 43,3% reconheceram que a maioria dos seus amigos estuda, enquanto que 42,3% disseram que a minoria estuda.

Com relação ao uso de drogas, 6,8% afirmaram que nenhum amigo usa drogas; 58,6% que a maioria usa; e 34,5% que a minoria é usuário.

Se seus amigos/colegas desenvolvem alguma atividade de trabalho de forma ilegal, como camelô, vendendo produtos piratas etc., 48,6% afirmaram que sim.

Sobre o cometimento de atos infracionais, tais como venda de drogas, roubo, furto, dano ao patrimônio etc., 87,9% afirmaram que seus amigos/colegas cometem, sendo que para 55%, a grande maioria deles, e 32,9% apenas um pequeno grupo.

Com relação ao estigma por ter cumprido Medidas Socioeducativas, 34,6% responderam que foram tratados mal por terem passado pelo Sistema Socioeducativo; 50,9% afirmaram que as pessoas suspeitam deles; e que 68,1% foram acusados injustamente.

O estigma (GOFFMAN, 1988 e 1999) é uma das marcas mais perversas que carregam os egressos do Sistema Socioeducativo e Prisional. São verdadeiras cicatrizes/estereótipos que impregnam neles socialmente por toda a sua vida, sendo considerados “perigosos” pela sociedade, mesmo que quando em liberdade não optam pela vida criminosa.

ATONER
INTERNACIONAL

INTERNAZIONALE

O ato infracional em uma definição jurídica, segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (Lei 8.069 de 13/07/1990), em seus artigos 103 e 104, é a conduta descrita como crime ou contravenção penal praticada por adolescentes e jovens com idades compreendidas entre 12 e 18 anos incompletos.

Quando perguntados sobre qual ato infracional cometem na passagem atual pelo Sistema Socioeducativo, a tabela ficou com a seguinte distribuição:

Tabela 8 – Atos infracionais praticados pelos adolescentes e jovens entrevistados

Ato Infracional	%
Roubo – Artigo 157	41,69 %
Tráfico de entorpecentes – Lei 11.343/06 – Artigos 33 a 39	37,13 %
Lei de Armas - Lei 10.826/03 – Artigos 12 a 18	19,21 %
Associação Criminosa – Artigo 288	12,05 %
Tentativa de Homicídio – Artigo 121 c/c art. 14	11,07 %
Homicídio – Artigo 121	10,42 %
Furto – Artigo 155	6,51 %
Recepção – Artigo 180	4,56 %
Latrocínio – Artigo 157 § 3º	3,25 %
Estupro	2,60 %
Lesão Corporal – Artigo 129	1,62 %
Mandado de busca e apreensão	1,62 %
Desacato – Artigo 331	1,30 %
Resistência – Artigo 329	1,30 %
Ameaça – Artigo 147	0,97 %
Dano – Artigo 163	0,65 %
Não respondeu	0,65 %
Não cometeu ato infracional	0,32 %
Sequestro	0,32 %

Roubo e tráfico de entorpecentes respondem pela maior parte dos atos infracionais cometidos pelos jovens, correspondendo a 78,82% dos delitos cometidos e que levaram os entrevistados à internação. Nada de diferente do que há anos vem se mostrando como uma tendência no estado do Rio de Janeiro e no resto do Brasil.

Dados do Levantamento Anual do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE, 2018), por exemplo, revelaram que, dos 25.929 adolescentes e jovens em cumprimento de Medidas Socioeducativas de restrição e privação de liberdade, em 2016, 69% eram por roubo e tráfico de drogas.

Tentativa de homicídio e homicídio respondem por 23,12%. Se somarmos ainda 5,85% dos que disseram estupro e latrocínio, teremos quase 30% dos jovens envolvidos em atos mais violentos.

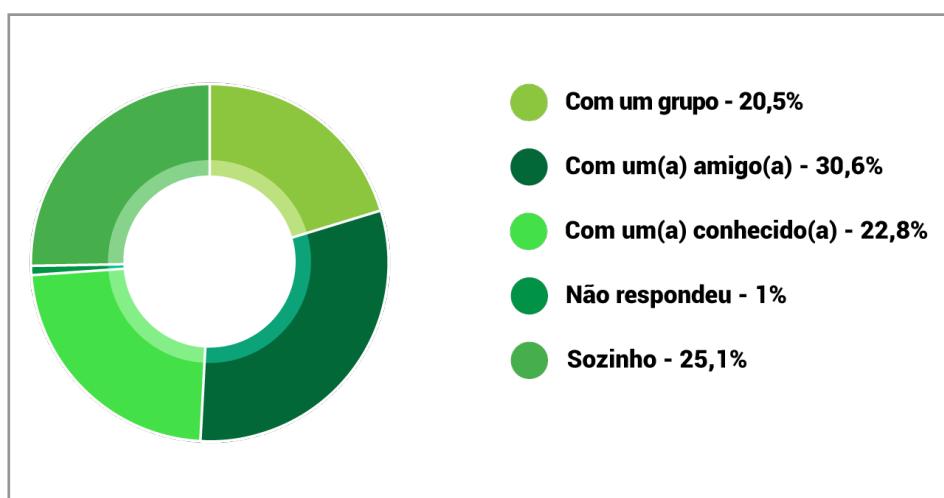
Este é um dado preocupante e que retrata uma sociedade cada vez mais violenta e extremamente desigual. A sociedade não está mais violenta por conta dos jovens violentos, mas os jovens estão mais violentos, porque a sociedade está cada vez mais violenta.

Outro dado que nos chamou atenção é que 30% dos jovens responderam que cometem 2 ou 3 atos infracionais, revelando que quase 1/3 dos jovens estão com comprometimento significativo em diferentes atividades ilícitas.

O fato de 85,3% declararem já ter cometido algum outro ato infracional, ainda que não tenham sido "pegos" ou descobertos, evidencia que estes jovens já vivenciaram outras experiências delituosas.

Gráfico 32

Com quem os adolescentes e jovens entrevistados estavam no cometimento do ato infracional



Quando perguntados se "cometeu o ato infracional sozinho ou com outras pessoas", foi possível observar que a maioria, 73,9% não estava sozinho, destacando-se que a maior parte relatou estar acompanhado na prática do ato infracional: 30,6% com amigo(a); 22,8% com conhecido; e 20,5% com um grupo.

Para aqueles que responderam estar acompanhado no momento do ato infracional, foi perguntado, como complementação "Quem agiu de forma mais violenta?". Antes de apresentarmos os dados, importante destacar que, por violência, assumimos a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) que destaca ser "o uso intencional da força física ou do poder, na forma de ameaça ou real, contra si mesmo, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem uma alta probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau-desenvolvimento ou privação". Assim, consideramos que todo ato infracional representa uma forma de violência e, neste sentido, em diferentes graus, intensidades e natureza, cujos impactos e violações assumem dimensões previsíveis ou imprevisíveis.

Gráfico 33

Quem agiu de forma mais violenta de acordo com os adolescentes e jovens entrevistados

Dos entrevistados, 135 (44%) admitiram a ocorrência de violência na prática do ato infracional. Destes 44,2% afirmaram terem sido eles próprios os mais violentos, seguidos de outro adolescente como o segundo mais violento (10,4%) e 9,8% com um(a) adulto(a).

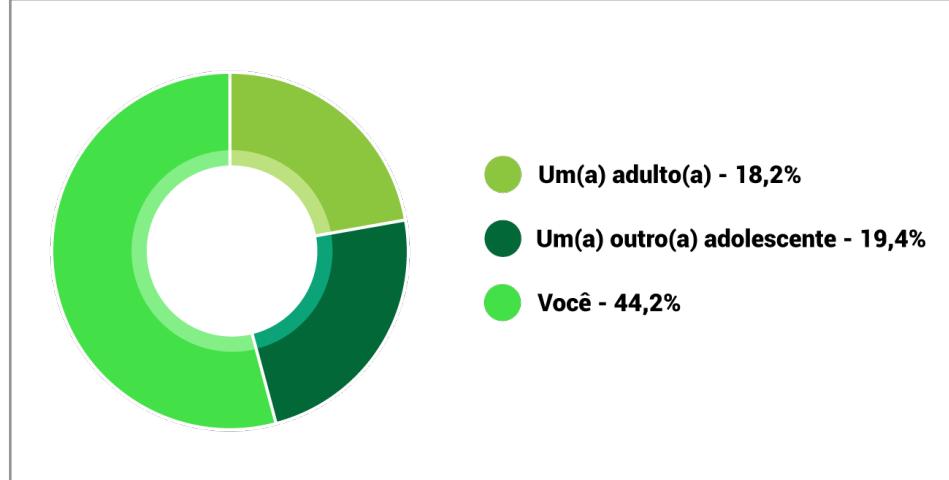
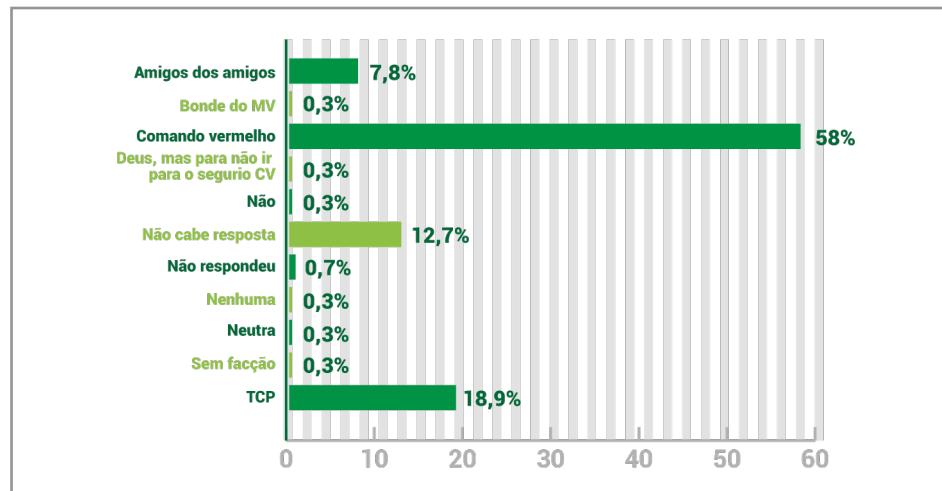


Gráfico 34

Facção que os adolescentes e jovens entrevistados pertencem



Do universo dos que pertencem a facção, 68,7% são do Comando Vermelho, 21,4% TCP e 9,9% Amigo dos Amigos (ADA).

Como podemos observar, o Comando Vermelho é ainda a maior organização criminosa do estado do Rio de Janeiro.

Quando indagados sobre o motivo principal para ter aderido à facção, 69% revelam que é porque moram na comunidade, ou seja, o território onde residem está sob o domínio da organização criminosa. Este dado por si só revela uma estarrecedora realidade a que milhares de pessoas estão submetidas, sobretudo nas comunidades mais empobrecidas.

Atualmente crimes/atos infracionais próximos ao local de moradia não são mais considerados uma afronta ao código de conduta de organizações criminosas. Isto porque quando perguntados se o ato infracional foi cometido próximo de seu local de moradia, 40,7% afirmam que sim.

O estudo realizado por Souza (2009, p. 44) revela que o resultado da vinculação e identificação dos indivíduos mais com a facção do que com o território, devido "a presença de jovens estranhos à comunidade trabalhando na rede do tráfico local geralmente aumenta a sensação de insegurança dos moradores, na medida em que estes não costumam ter vínculos estabelecidos com a comunidade". Este dado representa um importante indicador de mudanças no cometimento de atos infracionais próximos dos territórios das facções.

Constatamos, por outro lado, que mais da metade dos jovens que responderam ter cometido atos nas proximidades de suas moradias tiveram como delitos roubo, homicídio, estupro etc.

Sobre o que teria impulsionado a prática do ato infracional, é possível afirmar que a impulsividade, característica vinculada à juventude, é o principal propulsor da prática do ato infracional, visto que 52,4% afirmaram que agiram por impulso. Corroborando esta afirmativa, 72,3% declararam não ter planejado o ato; 96,1% disseram não ter sido obrigados e 75,9% acreditam não ter agido por influência.

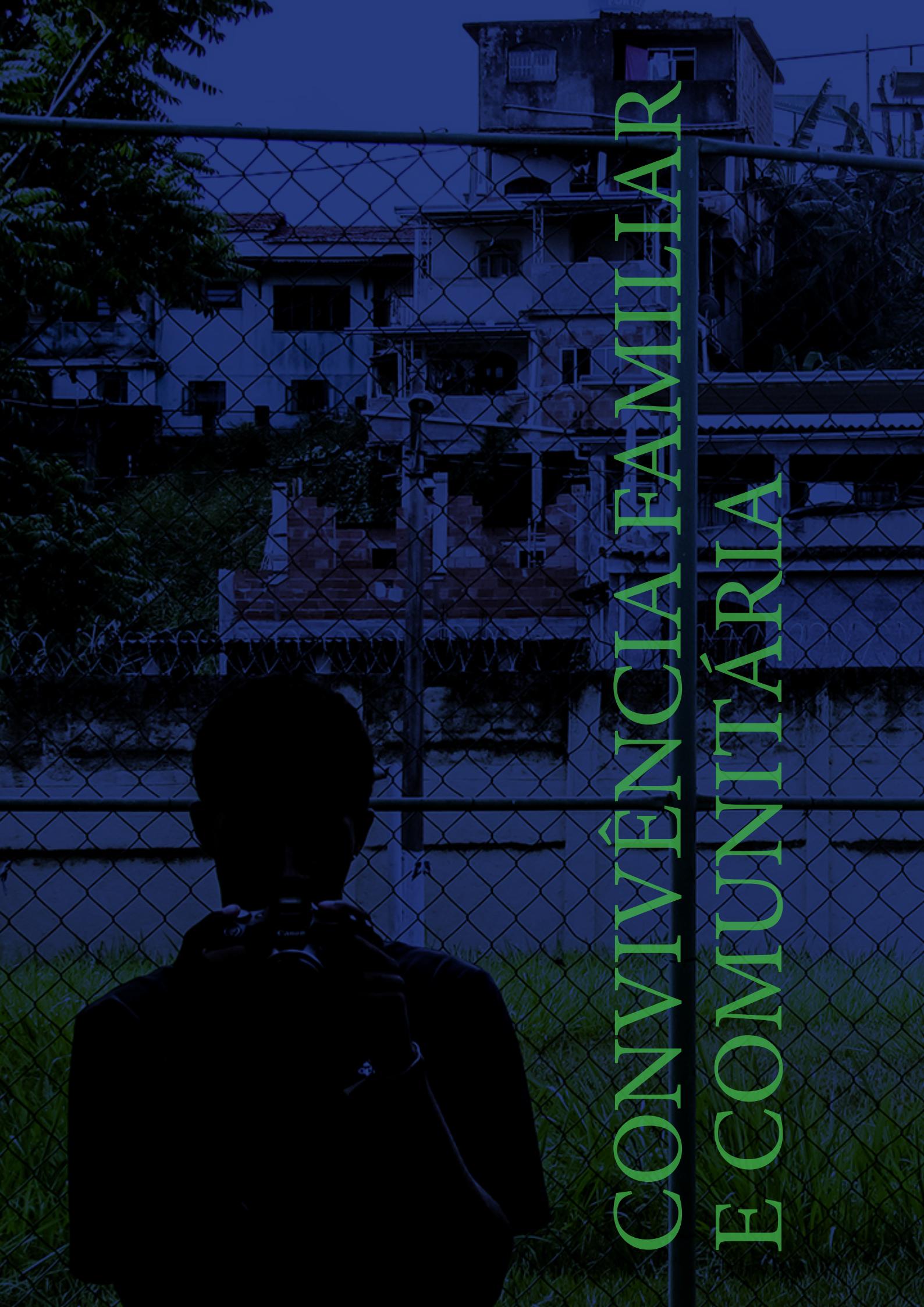
Sobre a utilização de drogas ou álcool antes do cometimento do ato infracional, 50,5% afirmam ter utilizado antes do cometimento do ato infracional.

Quando perguntados se havia algum arrependimento com relação ao cometimento do ato infracional pelo qual se encontro em cumprimento de medida socioeducativa, 67,1% afirmam que sim, admitindo também que não cometeria outros. Porém, 15,3% admitem que "cometeriam o mesmo ato infracional" e 9,1% "se não fosse o mesmo, cometeriam outros".

84,4%

dos entrevistados declararam pertencer a facção

CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA



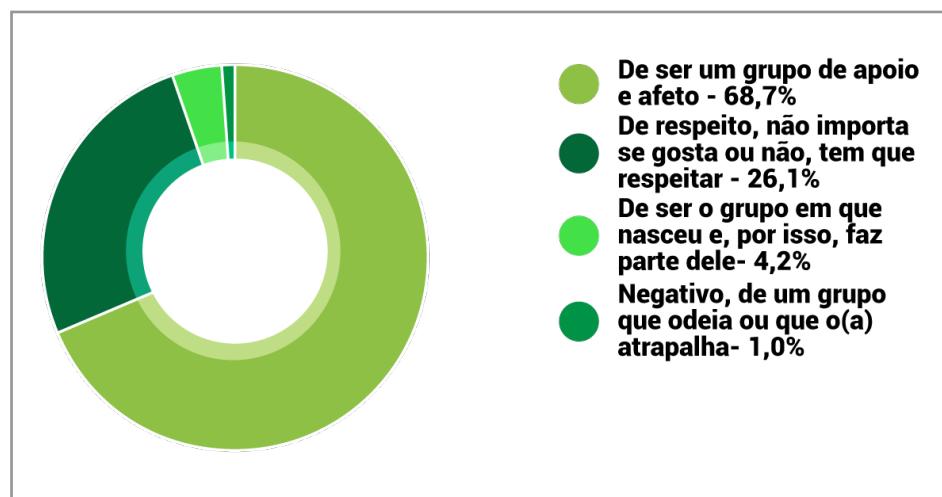
Os dados abaixo nos remetem aos vínculos dos jovens participantes da pesquisa com a diversidade de pessoas que os circundam em suas trajetórias de vida, como pais, responsáveis e amigos. Afinidades e confianças pautadas nas diversas características que envolvem desde a supervisão parental, doenças, envolvimento com drogas e dificuldades que os jovens passam em seus cotidianos, bem como o apoio emocional que recebem.

Paralelo a estas questões, assistimos ao processo autoavaliativo a respeito de como qualificam seus comportamentos em relação a seus pais, se estes os consideram bons filhos; estudiosos; agressivos etc.

Em síntese, buscamos traçar um perfil relacional que o jovem em medida socioeducativa de internação possui com seus entes mais próximos, dos indivíduos que compõe sua relação familiar e do grau de importância que atribuem a suas amizades e como as qualificam e os influenciam.

Gráfico 35

Sentido que a família representa na vida dos adolescentes e jovens entrevistados



Estes resultados, referentes ao núcleo familiar ter um sentido de apoio e afeto (68,7%) e ter o sentido de uma relação de respeito (26,1%), são significativos da valorização pelos adolescentes de sua família, assinalando ser uma via positiva e produtiva para se trabalhar, em seu processo socioeducativo, diversos aspectos de seu desenvolvimento como pessoa e cidadão.

Quando perguntados sobre o sentido da família em suas vidas, para 68,7% é um grupo de apoio e afeto e para 26,1% é de respeito, não importando se gosta ou não.

Apenas 4,2% interpretam a família como um aspecto apenas biológico, onde nasceu e por isto faz parte deste grupamento; e 1% de um grupamento de odeia e que somente lhe atrapalha.

Perguntados se reconhecem que enfrentam dificuldades na vida, 52,4% afirmam enfrentar muitas dificuldades e 19,4% somente às vezes.

Mais de 1/3 dos jovens (39,4%) informaram ter enfrentado a perda de um responsável; 41,4% declararam que familiares próximos foram acometidos por enfermidades graves; e 45,6% afirmaram enfrentar problemas de álcool ou drogas com pais ou familiares.

Como podemos observar, é grande o número de jovens que vivem expostos a resultados traumáticos na sua família.

Perguntados sobre conflitos intrafamiliares, 39,4% afirmam existir e 58,6% dizem que seus pais ou responsáveis estão divorciados ou separados.

Sobre o seu relacionamento com pais ou responsáveis, embora 1/4 dos entrevistados (25,4%) afirmem não existir a figura parental masculina, 61,6% relatam possuir boa relação com esta figura. Já com relação a figura feminina materna, em que apenas 2% (cerca de 1 em cada 20 jovens) relatam não haver "tal pessoa", 92,5% afirmam ter bom relacionamento com esta figura familiar.

Como podemos evidenciar, prepondera a figura feminina (mãe) em detrimento da masculina (pai) na relação com os sujeitos jovens que estão internados no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro, o que efetivamente pode resultar na maior influência da mãe na educação destes jovens.

Mesmo constatando o peso preponderante da intervenção feminina na vida educacional dos jovens pesquisados, estes relatam, de forma majoritária, o apoio das figuras parentais (91,5%). Apenas 4,2% afirmaram não ter este apoio por parte dos pais.

Quando perguntados como se sentiriam caso desapontassem os seus pais ou responsáveis, 90,9% admitiram sentirem-se "mal". Por outro lado, quase metade dos jovens entrevistados (46,2%) afirmou que "os pais não sabem o que está fazendo quando saem" e 39% afirmam que os seus pais desconhecem com quem estão quando saem.

Mesmo não tendo ciência de onde e com quem os seus filhos andam, 77% dos jovens entrevistados afirmaram que os responsáveis procuram acompanhar as ações de seus filhos, principalmente informando-se sobre as atividades em que estiveram envolvidos fora de casa, do local e com quem estavam; 57,1% dos pais/responsáveis estabelecem horário de retorno à residência familiar; e 40% afirmam que informam aos responsáveis como gastam o dinheiro na rua.

Os dados da pesquisa também apontam para a existência de uma preocupação e incentivo por parte dos pais. Através do expressado pelos filhos, evidencia-se uma percepção de boa avaliação dos pais em relação a si próprios. Ao mesmo tempo evidencia um certo desconhecimento do que esses adolescentes fazem quando estão fora de casa.

Na visão dos adolescentes (80,8%), seus pais os consideram positivamente, como bons filhos, que ajudam em casa (74,3%), compreendem as dificuldades pelas quais passam as famílias (80%), são responsáveis (63,5%), estudiosos (42,3%) e não são agressivos (70%). Mas, ao se abordar o estabelecimento de regras, o resultado é equilibrado na amostra, por exemplo, no que se refere àqueles adolescentes que têm horas para chegar ou àqueles que não têm.

Quando perguntados se consideram importante o que os seus amigos pensam sobre ele, 49,2% afirmam que sim. Por outro lado, 49,5% afirma não ser nada importante. Esta questão assinala a influência dos pares dos entrevistados acerca deles mesmos, porém relativiza-se em relação ao resultado supervalorizado que o senso comum geralmente apresenta, indicando que a maioria dos jovens vive sob a influência do grupo, o que acaba por determinar suas ações. Através dos dados da pesquisa é possível verificar uma certa autonomia em relação a este controle.

Ainda sobre os seus colegas, 93,1% afirmam que eles usam drogas; 48,6% desenvolvem alguma atividade de trabalho ilegal (camelô sem legalização, venda de produtos piratas etc.); e 87,9% cometem atos infracionais (venda de drogas, roubo, furto, dano etc.).

Somente 43,3% afirmam que maioria de seus amigos ou colegas estuda; 42,3% que a minoria; e 14,3% que nenhum estuda.

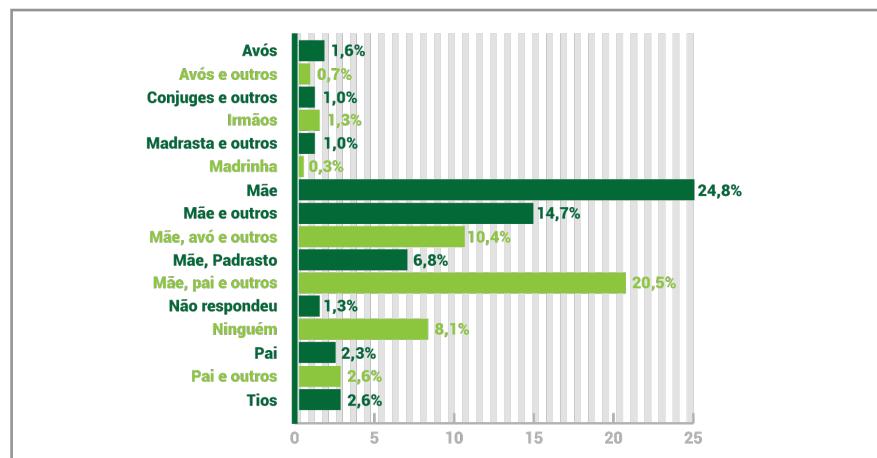
Sobre a amizade, 47,2% afirmam possuir, classificando as suas amizades como sendo "verdadeiras"; 43% dizem não possuir amizade e 8,5% afirmam só ter inimigos.

A visita familiar é um momento de muita afetividade e de tensão também no sistema socioeducativo. O adolescente encontra-se saudoso da família e ao mesmo tempo aborrecido e irritado com sua privação de liberdade. Esse encontro muitas vezes é permeado por esses dois sentimentos, gerando alto nível de ansiedade para ambos os lados, visitante e visitado.

Gráfico 36

Quem visita os adolescentes e jovens entrevistados no sistema socioeducativo

Somando os resultados na visita com a presença da mãe e das combinações em que está presente (mãe; mãe e outros; mãe, avó e outros; mãe, padastro; mãe, pai e outros), o percentual alcança a soma de 52,4%. Os dados contribuem para se pensar com mais cuidado sobre uma política de convivência familiar e comunitária para o Sistema Socioeducativo no Rio de Janeiro, fundamental para a implementação do Plano Individual de Atendimentos Socioeducativo (PIA).



VIDA SEXUAL
E AFETIVA



Nesta parte da pesquisa, buscamos investigar as relações sexuais relacionando-as com a saúde dos entrevistados: quantitativo de parceiros, existência destas relações com indivíduos do mesmo sexo ou do sexo oposto; além de verificar questões relativas à saúde física, à existência de dúvidas sobre sexo e de doenças transmitidas pelo ato sexual.

Mais da metade dos entrevistados (69,7%) costuma ter mais de um(a) namorado(a), parceiro(a) ao mesmo tempo.

Sobre a sua vida sexual, 95,1% mantêm relações sexuais com parceiros do sexo oposto. Somente 6,5% afirmaram manter relações sexuais com parceiros(as) do mesmo sexo. Destes, 3,6% apenas de forma eventual.

Sobre a existência de relações sexuais entre os adolescentes nos alojamentos, 67,4% afirmaram não saber sobre a existência de relações sexuais. Por outro lado, 30% admitiram que "sim", que existe relações sexuais nos alojamentos entre os adolescentes.

Este dado é fundamental para que o Sistema Socioeducativo não continue invisibilizando a discussão e reconheça a necessidade de implementar uma política de saúde e diversidade sexual nas unidades socioeducativas.

Dos jovens entrevistados, 97,7% diz que é prazeroso e agradável praticar relação sexual. Apenas 2,3% responderam que não acham prazeroso/agradável e somente às vezes sentem prazer. 85% afirmam cuidar de sua saúde física, porém, quando perguntados sobre o uso de métodos preservativos a fim de evitar DSTs e gravidez, 23,1% afirmam não usar e 29% somente usam às vezes.

Como podemos evidenciar, a maior parte dos entrevistados não relaciona os cuidados com a saúde física às eventuais doenças que podem ser transmitidas pelo ato sexual.

Quando perguntados se tinham alguma dúvida sobre ato sexual, 84,4% disseram que não e 3,5% às vezes. Quanto a "doenças sexualmente transmissíveis" (DSTs), 52,1% disseram que não tem dúvidas e 9,4% somente às vezes.

Como podemos observar, levando em consideração as questões evidenciadas na pesquisa, é fundamental se investir em uma política sobre saúde sexual no sistema socioeducativo.



TERRITÓRIO

Nesta parte da pesquisa apresentaremos um conjunto de questões relacionadas à percepção dos jovens sobre o espaço social do qual são oriundos. Esta percepção, deve-se ressaltar, não comprehende apenas a característica física deste território, mas também remete ao modo como o jovem vivencia e interpreta a realidade a partir da dimensão territorial experimentada.

A pesquisa abrange jovens com realidades socioculturais amplamente distintas, oriundos de diversos municípios do Rio de Janeiro, a partir da distribuição territorial das unidades do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE). Atualmente, o DEGASE conta com oito unidades de internação, situadas nas regiões Metropolitana, Norte Fluminense e Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro. A alocação dos jovens internos nas unidades do DEGASE procura atender a uma lógica territorial, uma vez que o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) determina a regionalização dos programas de privação de liberdade como uma forma de "[...] garantir o direito à convivência familiar e comunitária dos adolescentes internos, bem como as especificidades culturais" (BRASIL, 2006, p.14).

Neste sentido, a distribuição dos adolescentes pelas unidades de privação de liberdade procura obedecer a seguinte referência: a unidade de Campos dos Goytacazes recebe internos oriundos de municípios das regiões Noroeste Fluminense e Norte Fluminense; a unidade de Volta Redonda atende adolescentes dos municípios das regiões Centro Sul Fluminense, Médio Paraíba e Costa Verde; a unidade de Belford Roxo recebe internos dos municípios da Baixada Fluminense; enquanto que as unidades situadas na capital recebem basicamente internos das regiões Metropolitana, Serrana, Costa Verde e Baixada Litorânea. A única exceção é o Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa que, localizado na capital, recebe internos de todas as regiões do estado do Rio de Janeiro.

Verifica-se, portanto, que as unidades socioeducativas abrigam jovens oriundos de diferentes contextos socioculturais, oriundos de municípios com características econômicas e culturais absolutamente distintas. Este registro é importante para livrar-nos do risco da homogeneização, interpretando os sujeitos sem considerar as especificidades locais que lhes constituem.

Partindo dessas premissas, seguiremos com a apresentação dos dados que, para melhor compreensão, foram organizados a partir dos três eixos interpretativos: caracterização física e simbólica do espaço comunitário; esporte, cultura e lazer; do direito à cidade.

Provenientes de inúmeros bairros, de diferentes municípios que compõem o estado do Rio de Janeiro, a maioria dos jovens (66,8%) concorda que há muita pichação na localidade onde residem.

Característica marcante dos bairros de periferias, especialmente das favelas, as pichações costumam compor a paisagem desses espaços com diferentes formas e sentidos. Há quem a utilize como forma de protesto, como nas mensagens de cunho político e subversivo, há quem a veja como manifestação cultural e artística livre, ou aqueles que encontram no hábito de pichar uma forma de lazer e interação entre os pares.

Outra importante questão que sobressai nas respostas dos jovens leva em conta o expressivo número de casas abandonadas. Apesar da maioria de jovens discordarem (57,3%) sobre a existência de casas abandonadas na localidade onde residem, há um número expressivo que concorda (39,4%), parcialmente ou totalmente, com a sentença.

Levando em consideração a realidade urbana no estado do Rio de Janeiro, é de se estranhar a possibilidade do abandono de casas por parte de uma população que encontra muitas dificuldades em possuir casa própria. Frente ao dado, questionamos as condições e/ou restrições que obrigariam ou levariam famílias a abandonarem seus lares, bem como o que seria determinante ou condicionante para o abandono de tais casas que também não são alvo de especulação imobiliária.

As questões posteriores podem nos ajudar a entender melhor essas indagações, sobretudo o dado que se refere à recorrência de conflitos armados na localidade de residência desses jovens. A imensa maioria (71,6%) dos pesquisados reside em locais em que tais conflitos são cotidianos, dado que pode dialogar com o expressivo percentual de jovens (81,6%) que afirmam ser oriundos de comunidades e bairros em que há venda de drogas e atividades ilícitas.

Observando as características territoriais que se sobressaem até aqui, podemos inferir que este grupo expressivo de adolescentes reside em favelas ou demais áreas periféricas dos seus municípios. Remetendo-se à categorização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

Barcellos e Zaluar (2014, p.96) definem as favelas como “[...] conjunto de unidades habitacionais carentes de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa”.

Tanto as facções ligadas ao tráfico de drogas, quanto as milícias, exercem o controle do território dominado e impõem suas regras paralelas de segurança e convivência na comunidade. Comparando estas duas realidades, Barcellos e Zaluar (2014) identificaram que as favelas dominadas pelas facções ligadas ao tráfico de entorpecentes oferecem risco maior de homicídio aos moradores do que aquelas dominadas por milícias. Os autores sustentam que a ocupação das milícias nas favelas é antecedida pela execução ou expulsão de pessoas ligadas às facções criminosas, além de promoverem o desarmamento dos moradores. Desta forma, os dados de homicídios decrescem durante a ocupação efetiva destes grupos paramilitares que, segundo a pesquisa, “empregam outras formas de coerção aos moradores, como [...] torturar pessoas que cometem crimes considerados inaceitáveis, entre outras práticas” (BARCELLOS E ZALUAR, 2014, p. 101).

Diante desses dados, pode parecer estranho e contraditório verificar que a maioria dos jovens do DEGASE apresenta seu espaço comunitário como absolutamente ou parcialmente seguro, já que 77,5% dos entrevistados avaliam que podem transitar com tranquilidade durante o dia e 62,5% afirmam o mesmo em relação ao período noturno. Há, entretanto, um expressivo decréscimo em relação ao período diurno, na ordem de 15%, que aponta para a diminuição dessa sensação de segurança. A motivação provável para esta diferença pode estar ligada, como vimos, à ação de criminosos e ou tentativas de invasão de facções rivais, nos casos de comunidades dominadas pelo tráfico de drogas.

Uma questão importante para o entendimento da dimensão territorial desses sujeitos: a maioria dos jovens (60%) rejeitaria viver em outro local. A apropriação deste último dado, em consonância com o conjunto de questões que compõem este primeiro eixo interpretativo, ajuda-nos a desconstruir a compreensão da favela meramente como o espaço da carência, revelando uma fonte significativa de potencialidades que este espaço pode exercer na vivência desses sujeitos.

Como explicar a expressiva parcela de jovens que, mesmo diante de um cotidiano marcado por conflitos armados e de dominação do tráfico, manifesta sensação de segurança ao transitar por esses espaços? Seria o perímetro urbano, e não o interior das comunidades, uma ameaça mais perigosa?

Quando perguntados sobre a disponibilização quanto ao acesso ou não dos jovens a atividades culturais e de lazer, foi possível observar não somente a oferta, mas o seu alcance junto aos jovens, bem como o seu acesso diante das atividades que lhes são disponíveis em seus locais de moradia.

No que se refere aos teatros, por exemplo, para a maioria dos jovens (58,6%), esta opção não existe próxima ao seu local de moradia. A esse respeito, outro dado mostra-se significante ao apontar que um número expressivo de jovens que teve acesso ao teatro, na ordem de 24,1%, usufruiu deste espaço cultural.

Este dado desmystifica a ideia propagada no senso comum de que jovens de periferias não teriam interesse neste tipo de atividade. Convém também problematizar a ordem de 14,7% dos jovens que não usufruíram deste espaço, mesmo estando próximos à oferta do serviço.

Em relação aos museus, os dados revelam que este equipamento cultural também não é acessível à maioria dos jovens, nas suas localidades de residência, perfazendo um total de 75,2% de casos em que o espaço sequer existe. Apenas uma minoria de jovens, 15,6%, teve acesso e usufruiu dos bens históricos e culturais que os museus reúnem.

Em contraposição aos teatros e museus, os locais de shows parecem fazer mais parte da realidade desses jovens, com um alcance de 63,5%. Ressalte-se que tais espaços geralmente são ligados ao setor privado e/ou agremiações da própria comunidade, a exemplo das quadras das escolas de samba, características da região metropolitana do estado Rio de Janeiro.

Da mesma forma, os clubes também despontam como uma opção de lazer possível para a maioria dos jovens: para 60,9% dos entrevistados estes espaços existem próximos às suas casas e são acessados. O dado revela não somente a maior disponibilidade deste tipo de espaço, como também o amplo interesse que mobiliza os jovens a usufruírem de suas atividades.

A oferta de centros culturais, no entanto, acompanha estatisticamente os dados que vimos relacionados aos teatros e museus, apresentando uma maioria de jovens (60,3%) que residem em locais em que este tipo de espaço não existe. Da mesma forma, percebemos que um expressivo número de jovens (26,1%) acessa os centros culturais quando disponibilizados próximos a sua residência.

Em relação aos cinemas, a ausência desse espaço também é expressiva e afeta 44,3% dos entrevistados. Percebe-se, por outro lado, que tal opção é acessada pelos jovens quando há disponibilidade em sua localidade de moradia, perfazendo um total de 50,8%. Apenas uma pequena minoria, na ordem de 4,6%, que, residindo próximo a um cinema, não teve acesso a este equipamento cultural.

Diferentemente de outros equipamentos, percebemos o amplo alcance que as quadras esportivas obtêm perante esses jovens, na ordem de 91,5%, dada a facilidade do acesso e, provavelmente, do interesse que os jovens demonstram por atividades esportivas livres e autogeridas. Por outro lado, do ponto de vista do orçamento público, este serviço representa um baixo investimento, se comparado aos teatros, centros culturais e museus.

Que os jovens têm interesse nas quadras esportivas parece não haver dúvidas, mas será que este interesse não acaba sendo potencializado pela falta de outras opções?

Na mesma direção das quadras esportivas, as praças alcançam, praticamente, a universalização, perfazendo um total de 96,7% de alcance entre os jovens.

Tratando-se das praias, um bem público e natural, observamos como não são de fácil acesso para imensa maioria dos jovens, na ordem de 71%, que residem afastados da região litorânea. A primeira constatação remete à localização geográfica das praias, altamente valorizada pela especulação imobiliária e ocupada pelas elites econômicas, tanto em espaços residenciais, quanto pela rede hoteleira e de serviços. O segundo ponto remete aos obstáculos que o poder público impõe aos jovens das classes populares para acessarem esta região privilegiada, tanto na dificuldade com o valor e reordenamento do transporte público, como pela intensa vigilância policial que cerca este espaço e reprime a aproximação desses jovens, considerados muitas vezes como suspeitos e perigosos.¹

Em contrapartida, uma expressiva parcela desses jovens tem acesso a piscinas comunitárias¹ (64,2%), denotando uma forte segregação que afasta uma boa parcela de jovens das classes populares das regiões mais valorizadas e privilegiadas da cidade onde estão localizadas as praias.

Os bailes também se destacam por alcançar a imensa maioria dos jovens, na ordem de 87,9%, pela facilidade de acesso, sendo geralmente promovidos nas próprias comunidades onde residem.

Convém ressaltar que muitos desses bailes são patrocinados pelas próprias facções que dominam o tráfico local, constituindo-se como prática cotidiana desses jovens. Deve-se salientar, contudo, que os bailes também podem representar formas de resistência e de manifestação cultural local, sendo o espaço de socialização possível para muitos jovens que encontram dificuldades em circular por outros espaços, como temos visto através dos dados.

Em outro dado que soa relevante, percebemos como os *shoppings centers*, enquanto iniciativa privada, alcançam os jovens (61,2%) e os incluem em uma lógica consumista que, muitas vezes, não é compatível com suas realidades socioeconômicas. Há muito que se discutir sobre como essa lógica de consumo é incorporada pelos sujeitos, oferecendo-lhes bens inalcançáveis e incompatíveis com os rendimentos que poderiam obter pela via do trabalho assalariado.

Também observamos, através dos dados, a atuação do chamado terceiro setor na realização de projetos sociais com jovens de classes populares, tendo uma disponibilização relativamente expressiva que totaliza 50,1%. Entretanto, dentre estes, apenas 30,9% dos jovens tiveram acesso efetivo aos projetos, enquanto que 19,2%, jamais participaram das atividades.

Convém problematizar se a falta de adesão ocorreu por falta de vagas ou por falta de interesse nas atividades ofertadas. Deve-se apontar, por fim, que, para pelo menos 42,7% dos jovens, essa oportunidade sequer existe.

Para aqueles que residem próximos a recantos naturais, a cachoeira torna-se uma forma de lazer extremamente atraente. Os dados apontam que, entre os 37,8% dos jovens que têm essa proximidade, apenas 1,6% não usufruiu da cachoeira como forma de diversão. A grande maioria, contudo, não dispõe dessa opção, constituindo-se como 61,2% dos jovens entrevistados.

1 No município do Rio de Janeiro, as piscinas públicas geralmente fazem parte dos complexos esportivos das chamadas "Vilas Olímpicas" e estão situadas em bairros periféricos da cidade.

Assim como a cachoeira, as trilhas também ocupam um espaço expressivo como opção dos jovens que residem em suas proximidades. Estando disponível para 56,6% dos jovens, 49,8% usufruíram desta alternativa de lazer, enquanto que 6,8% não visitam as trilhas, mesmo tendo estas como opção. Para 43% dos jovens, esta forma de diversão não está disponível nas proximidades de suas residências.

Após uma leitura mais qualificada dos dados, verificamos, no gráfico abaixo, que entre as opções de cultura/lazer efetivamente acessadas por esses jovens², as três principais são: as praças (96,7%), as quadras de esportes (91,5%) e os bailes (87,9%), espaços geralmente situados no interior das próprias comunidades onde residem.

Em contrapartida, as opções de cultura/lazer menos acessadas foram: museu (15,6%), teatro (24,1%) e centros culturais (26,1%), espaços comumente associados à cultura hegemonicamente da classe média/alta.

Gráfico 37
Espaços/atividades disponíveis e acessadas pelos adolescentes e jovens entrevistados

Também é interessante observar, no gráfico que segue, a perspectiva contrária, a partir da resposta "existe, mas nunca fui", que pode representar tanto o desinteresse quanto a falta de acesso do jovem para frequentar/participar de atividades que são oferecidas nas imediações de sua comunidade.

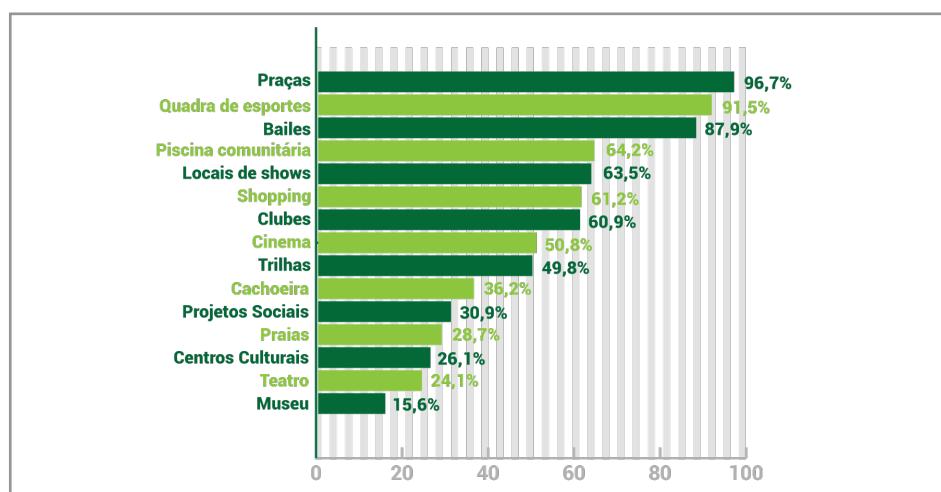
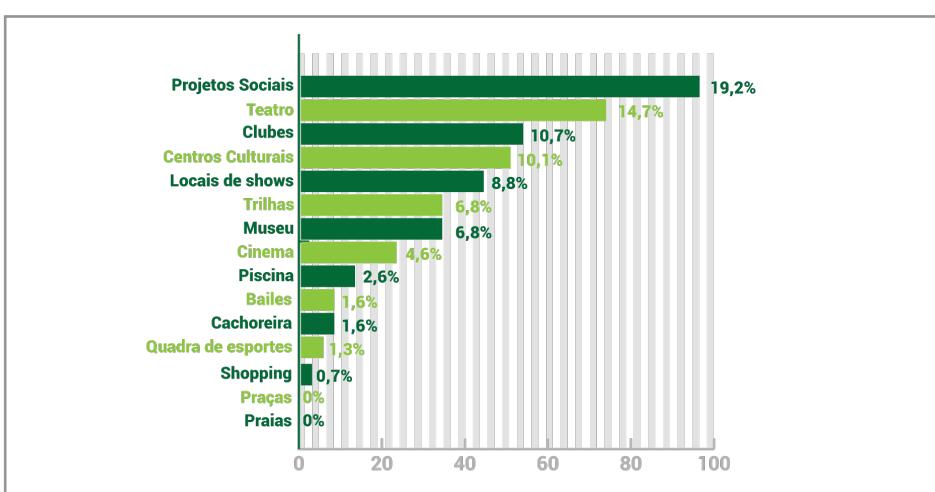


Gráfico 38

Espaços/atividades disponíveis e não acessados pelos adolescentes e jovens entrevistados



² Considera-se, a partir desse entendimento, o percentual apurado na opção "existe e já fui" dos gráficos.

Neste quesito, o destaque vai para os projetos sociais que atingem um total de 19,20% de não alcance por parte dos jovens que, mesmo diante da oferta próxima a sua moradia, não têm acesso ou não se interessam pelas atividades propostas. Em seguida, observamos o teatro, com 14,70% e o clube com 10,70%.

Seria interessante aprofundar, em futuras investigações, os motivos que justificam o expressivo índice de não alcance dos jovens nestas atividades que, em tese, lhes estariam acessíveis. Caminhando por essa perspectiva, o terceiro e último eixo interpretativo desta parte do relatório busca compreender a que tipo de restrições os jovens estão submetidos para acessarem diferentes espaços de sociabilidade pela cidade.

Além de indicar que há uma menor oferta de outras formas de socialização nas imediações das comunidades, os dados também sinalizam que, quando há oferta, os indicadores de acesso relativo também são inferiores. Partindo dessa reflexão, este eixo interpretativo buscará apresentar, mesmo que de forma abreviada, algumas proposições que podem nos ajudar a entender a dinâmica de circulação dos jovens pela cidade e a que tipo de restrições estão mais sujeitos para usufruírem, democraticamente, do espaço urbano.

Os dados apurados nos mostraram que o preço nem sempre é um impedimento efetivo para o acesso de 68,4% dos jovens em atividades do seu interesse, apesar de que para uma grande parcela dos jovens, equivalente a 31,6%, a falta de dinheiro ainda se apresenta como restrição. Por outro lado, a questão da segurança é apresentada como um impedimento, já que 52,1% dos jovens relataram que já deixaram de frequentar determinados espaços / atividades por questões de segurança.

Outra questão colocada foi o possível constrangimento para frequentar determinado lugar. Os dados apresentados mostraram que o constrangimento não se configura como uma forma de restrição para a grande maioria dos jovens, totalizando 74,9% dos entrevistados. Entretanto, é expressivo o grupo de 25,1% dos jovens que relatou sentir-se constrangido para frequentar determinados espaços da cidade pelos quais se interessa. Esta questão merece uma investigação mais aprofundada buscando entender a que tipo de espaços os jovens se referem e que possíveis experiências teriam para justificar essa resposta.

Em relação à supervisão parental, 53,1% dos jovens negam já terem sido impedidos de frequentar espaços por proibição dos responsáveis. O número de jovens que afirmam ter sofrido esse tipo de restrição também é expressivo e totaliza 46,9%, comprovando que há, para boa parte do grupo, alguma forma de supervisão sobre que tipo de lugares frequentam.

No que se refere à proibição legal de adolescentes frequentarem determinados espaços/eventos considerados inapropriados para a faixa etária, os dados se apresentam de forma quase equilibrada. Para 58,6% dos jovens, essa proibição foi efetiva e respeitada, enquanto que para 41,4% dos jovens não se tornou impedimento. Este dado comprova a insuficiente ou quase nula supervisão que estes locais recebem para cumprir as determinações legais, além de sinalizar o próprio interesse que os jovens apresentam em frequentar espaços não autorizados e não indicados para a sua idade.

A indisponibilidade de venda de bebida alcóolica também não se apresentou como um problema para que os jovens deixassem de frequentar espaços do seu interesse. A grande maioria, 75,2%, nega que este fato tenha desestimulado sua participação nestes eventos. Entretanto, deve-se investigar se, realmente, essa determinação vem sendo garantida nesse tipo de evento ou se os jovens acabam tendo acesso precoce ao álcool, mesmo sendo proibida sua comercialização.

Embora seja conhecido o alto custo das passagens em transportes públicos no Rio de Janeiro, os dados apurados mostram que a imensa maioria dos jovens, 77,9%, nega que a falta de dinheiro para transporte seja um problema para frequentar locais e eventos do seu interesse. Para um pequeno, mas expressivo grupo, que soma 22,1% dos entrevistados, este fator torna-se, de fato, um impedimento.

Sobre este aspecto, é importante salientar que os espaços mais frequentados pelos jovens estão localizados nos próprios bairros / comunidades ou em seu entorno, como as praças, quadras esportivas e os bailes. Portanto, é de se pressupor que não haja, de fato, necessidade de utilização de transporte público para frequentar estes espaços.

Por fim, apresentamos, de uma forma mais geral, a dinâmica de circulação dos jovens pela cidade, para além da localidade onde residem. Neste aspecto, a maioria (44,6%) responde que sempre frequenta outras áreas, seguindo pelo grupo de 40,4% para os quais essa circulação é menos frequente. Esses dados também chamam a atenção para o grupo que respondeu que nunca ou raramente circula por áreas fora do seu local de moradia que, juntos, totalizam 13,7% dos jovens entrevistados.

Verificando os dados, percebemos que a principal restrição que os jovens do Sistema Socioeducativo apresentam para frequentar determinadas atividades e para circularem pela cidade é a rivalidade entre as facções criminosas. Para a grande maioria dos jovens, no grau de 73,6%, este é um fator que restringe o acesso a espaços e atividades do seu interesse.

Olhando para esses dados, em contraponto com os dados de homicídios da juventude, percebemos o quanto a violência apresenta-se como um fato corriqueiro na vida desses sujeitos, seja pelo próprio risco iminente de ter sua vida findada nos confrontos que se instalam em suas comunidades, ou quando circulam pelo espaço urbano e podem se tornar alvo fácil de facções rivais.

Acrescente-se que o terror entre os jovens moradores é conjugado pela revolta de também serem vistos como suspeitos e, igualmente, receptores da violência por parte da polícia, para quem "a associação entre pobreza e criminalidade não é uma hipótese passível de discussão; é uma verdade" (ZALUAR, 1994, p. 46).

Através dos dados explicitados, observamos o quanto o percurso dos jovens pela cidade é reduzido ao olharmos os dados de acesso a bens e equipamentos culturais. Vimos, através dos dados, que tais percursos se restringem, muitas vezes, ao próprio entorno da comunidade, através dos bailes, praças e quadras esportivas.

Frente aos dilemas apresentados por esses sujeitos, podemos estimar o quanto estes jovens estão sendo privados não só do chamado direito de "ir e vir", consagrado pelo art. 5º, inciso XV, da Constituição Federal, como também de experimentar plenamente a cidade enquanto espaço de vivências educativas, conforme entendimento ressaltado por Carrano:

A cidade como espaço de práticas educativas não se resume ao âmbito das aprendizagens institucionais, tais como aquelas que ocorrem na escola e em outros espaços não escolarizados de aprendizagem constituídos com a intenção pedagógica de educar. A cidade pode ser considerada educativa também no sentido ampliado de espaço-tempo social de relacionamentos, experiências públicas, compartilhamento de significados e vivência de situações conflitivas mais ou menos bem resolvidas pelos sujeitos. (2008, p. 63)

Deste modo, a sentença denunciada por Carrano (2008, p. 64) de que "o direito (material e simbólico) à cidade não é igual para todos os seus habitantes" ganha materialidade quando confrontada às experiências reais desses sujeitos. Tal conjectura, sob essa ótica, impossibilita que estes jovens compartilhem da múltipla trama educativa proporcionada pela cidade que transcende, inclusive, os meios pedagógicos institucionais e transcorre pelo tecido de relações informais e sociais que se estabelecem nos diferentes espaços urbanos.

INSTITUCIONAL



Objetivamos nesta parte do relatório analisar as respostas fornecidas pelos adolescentes aos atendimentos recebidos no Departamento Geral de Ações Socioeducativas no estado do Rio de Janeiro (DEGASE), quando em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação (MSE), pela diversidade de profissionais que compõe as equipes técnicas (assistentes sociais, pedagogos e psicólogos), de saúde (dentistas, enfermeiros e médicos) e de segurança (agentes socioeducativos)¹. Também pretendemos analisar a sua percepção sobre a ação policial em seus cotidianos.

Optamos pelo exame dos dados obtidos com as entrevistas nas unidades em conjunto, não as analisando separadamente, pois materializa o atendimento da instituição DEGASE aos adolescentes. Cremos que as especificidades que cada unidade guarda pode influenciar na resposta do adolescente, porém a instituição que se responsabiliza pelos "atendimentos" e onde todos profissionais são servidores é o DEGASE, logo os resultados devem ser analisados conjuntamente.

Conduzidos(as) à internação nas unidades acima descritas, ficam submetidos a uma série de atendimentos. Segue, abaixo, a tabela 9 com os resultados percentuais, obedecendo ao quantitativo total de entrevistados, hierarquizando de acordo com a incidência de respostas "satisfatórias" ao respectivo atendimento obtido pelo entrevistado.

Tabela 9 – Avaliação do “atendimento” fornecido pelos diversos profissionais do DEGASE aos adolescentes e jovens entrevistados

Profissionais / "Atendimentos"	Satisfatório (%)	Não satisfatório (%)	Não sei (%)
Equipe técnica	87,3	12,7	-
Enfermeiro	79,8	18,9	1,3
Assistente Social	77,5	19,9	2,6
Psicólogo	75,9	21,2	2,9
Pedagogo	71,0	27,4	1,6
Médico	67,8	29,3	2,9
Dentista	55,0	40,7	4,2
Agentes	52,8	46,9	0,3
Equipe de Saúde Mental	51,5	43,6	4,9

Em uma primeira observação, a totalidade dos "atendimentos" obteve "satisfação" superior a 50%. Porém, podemos agrupá-los em três níveis:

- a) Os que se encontram no patamar dos 50% (dentista, agentes e equipe de saúde mental).
- b) Os próximos de 70% a 80% (enfermeiro, assistente social, psicólogo, pedagogo e médico).
- c) O superior a 80% (equipe técnica).

Percebemos que, em ambos os atendimentos, o foco não se resume ao adolescente em cumprimento de MSE, a família é também envolvida neste processo. Podemos, assim, compreender que as avaliações referentes ao "atendimento técnico", psicológico e serviço social ficaram em torno de 87%, 77,5% e 76%, respectivamente. Estes dois últimos atendimentos com índices bem próximos, o que podemos compreender pelo caráter que envolve aspectos que se integram: o atendimento familiar no ato da escuta/auxílio no projeto dos indivíduos envolvidos, geralmente o adolescente e seus familiares.

Quanto à avaliação do "atendimento técnico" e a distância do índice de satisfação superior a 10%, quando comparados aos profissionais isolados, com exceção do "enfermeiro". Isto refere-se à importância que o adolescente concede, quando o mesmo é atendido pelo "seu técnico", profissional que reconhecem com facilidade e de quem desejam um relatório favorável a fim de obter uma progressão da Medida Socioeducativa.

Ou seja, acredita que seu futuro pode estar nas mãos destes "atendimentos técnicos", pois são os que se comunicam com aquele que, em um tempo próximo, mas que lhes parece distante, julgarão seus casos. A avaliação de 87% responde-nos que os adolescentes estão sendo atendidos e que se mostram satisfeitos com o fluxo dos relatórios e de seus possíveis resultados em suas vidas.

¹ No primeiro concurso realizado pelo DEGASE de 1994, o cargo foi denominado "agente educacional". No concurso de 1998, foi alterado para "agente de disciplina". A fim de suprir a carência, vários destes profissionais, ao longo do tempo, foram admitidos por contrato por tempo determinado como "agentes socioeducativos". Servidores destes três cargos convivem até os dias atuais.

Observamos que quase a metade dos adolescentes entrevistados (49,5%) encontrava-se, no período da pesquisa, em suas respectivas unidades de internação de 1 a 6 meses. Demonstra que neste intervalo de tempo já haviam recebido "atendimento técnico" adequado, dado o elevado índice de "satisfação".

Na outra ponta da tabela 9, encontra-se o "atendimento" realizado pela "Equipe de Saúde Mental", que obteve 51,5% de satisfação. Porém, devemos ressaltar que nem todos os adolescentes são recebidos por esta "equipe", dada a especificidade deste procedimento. Muitos adolescentes só recebem este "atendimento" quando encaminhados por outros profissionais especializados da unidade ou alguma recomendação técnica fornecida pelo juízo.

Ou seja, podemos interpretar que os 43,6%, dos "não satisfatórios", não demonstram claramente uma "insatisfação", pois muitos não passaram por este setor.

Quanto aos atendimentos referentes à "equipe técnica de saúde"² do adolescente, a satisfação quanto ao "enfermeiro" foi 79,8% e o "médico" 67,8%.

De maneira geral, a primeira recepção é realizada pelos enfermeiros da unidade, em uma espécie de "triagem". Este setor, muitas vezes soluciona ocorrências não emergenciais, encontrando-se em contato direto e próximo aos adolescentes pelo fornecimento de algum medicamento prescrito pelo médico.

O médico atende aos casos mais específicos, reservando-se a algum atendimento de rotina ou nos casos que apresentam maior gravidade. Daí talvez o grau de diferença na avaliação destes profissionais que atuam na mesma área. Nem todos os adolescentes passam por ambos os serviços. Verifica-se uma coesão avaliativa dos adolescentes no que diz respeito aos profissionais que realizam seus "atendimentos" individualizados, conferindo-lhes identidade, estabelecendo maior proximidade assistencial, respeito e dignidade aos mesmos, possivelmente causando-lhes a sensação de acolhimento perante estes profissionais. Todos obtendo um patamar de "satisfação" na ordem dos "70%", tal como: "enfermeiro" (79,8%); "assistente social" (77,5%); "psicólogo" (75,9%) e "Pedagogo" (71%).

Um dado sobre o qual devemos refletir é que 17,6% dos adolescentes apontaram que receberam atendimento satisfatório em todos os atendimentos descritos na Tabela 9. Podemos interpretar este dado pela ausência da atuação do Estado no cotidiano destes adolescentes no espaço em que vivem. Logo, o contato com esta multiplicidade de profissionais e suas especialidades deveu-se à MSE de Internação, pois em seus cotidianos são excluídos destes cuidados, obrigados a conviver com a extrema precariedade dos cuidados médico-hospitalar, dentário, psicológico, escolar e de assistência social em seus locais de moradia. O vácuo social a que estes jovens estão submetidos quando em liberdade, desprovidos dos cuidados de um Estado que se mostra cada vez mais "mínimo" na relação com estes jovens, frente a algum "amparo" da instituição que os guarda.

Privados da liberdade, o Estado deseja fazer-se "máximo", através de alguns "atendimentos" pontuais. Devolvendo-lhes às ruas, muitas vezes (re)inicia-se o mesmo ciclo.

Se nas ruas a perseguição ao pobre é uma realidade, quando internados, deparam-se, mesmo que de forma precária, com vários serviços assistenciais que lhes foram negados ou dificultados, principalmente o que se refere à saúde. Decorre daí uma breve trégua, quando vários profissionais atuam na vida destes adolescentes, fazendo com que estes entrem em contato com atendimentos pelo qual alguns nunca obtiveram.

Sob o "atendimento" dos agentes socioeducativos, primeiramente, temos que compreender a função destes servidores na dinâmica das unidades de internação.

Segundo Barbosa (2016, p.34), estes profissionais "atuam junto aos adolescentes em diferentes atividades, como acordá-los para o início das atividades do dia, acompanhar na ida ao médico, acompanhar na ida às audiências, fazer revista nos adolescentes e em seus alojamentos etc.".

O fazer cotidiano destes profissionais estabelece novas relações do adolescente no tempo cronológico e no espaço físico. Novos horários são estabelecidos (escola, refeições, prática de esportes, "atendimentos" técnicos, visitas familiares etc.), bem como em estabelecer limites à circulação nas unidades.

Ao apresentar, estabelecer e manter novas rotinas e padrões comportamentais nas unidades de internação, os agentes acabam por ser os responsáveis tanto pela função educacional quanto disciplinar. Nesta função em que a segurança na unidade também se mostra sob responsabilidade destes servidores, mostra-se que, em alguns casos, estes são os primeiros a estabelecerem regras de condutas nas unidades do DEGASE a serem cumpridas de forma inconteste pelos adolescentes.

Assistimos a duas funções que se chocam historicamente em relação a estes servidores: conteúdos pedagógicos pelos quais foram cobrados a fim de serem aprovados no concurso de cunho teórico e em suas práticas cotidianas da "vigilância e carceragem". Ou seja, aspectos relacionados à socioeducação versus a manutenção da segurança.

2 Segundo o SINASE: "Para compor a equipe técnica de saúde, a Portaria Interministerial nº 340 de 14/07/2004 que estabelece diretrizes de implementação à saúde do adolescente em conflito com a lei em regime de internação e internação provisória, recomenda como equipe profissional mínima a presença de médico, enfermeiro, cirurgião dentista, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, auxiliar de enfermagem e auxiliar de consultório dentário a fim de garantir os cuidados de atenção à saúde do adolescente." (SINASE, 2006, p.53).

Esta dicotomia permanece no agir destes servidores e de como são vistos pelos adolescentes, que os relacionam mais aos principais responsáveis pela manutenção disciplina na casa, estabelecendo assim regras àqueles espaços de restrição de liberdade.

Desta "prática ambígua" que envolve momentos de estabelecimento e imposição a uma "nova ordem" àqueles espaços, ao mesmo tempo em que participam do processo socioeducativo, fazem com que muitas vezes sejam mal avaliados pelos adolescentes, pois devem se submeterem às regras da casa.

Os jovens em cumprimento de MSE de Internação percebem em maior escala a discriminação no tratamento: 92% afirmam que a polícia "não trata todas as pessoas da mesma forma". Quanto à especificidade no tratamento com os jovens, admitem que 56% "nunca são tratados bem" e 17%, "poucas vezes são bem tratados".

Quanto aos dados referentes à "eticidade", ou seja, a relações baseadas nos padrões morais da sociedade que permeiam adolescentes em cumprimento de MSE e a ação policial, 64% dos jovens admitem que os policiais "sempre recebem suborno/propina".

Muitos destes jovens cumprem MSE pelo crime análogo ao "trafico de drogas" e relatam que esta "propina/suborno" se encontra "naturalizada" na prática deste "negócio", pois a "firma" fornece pagamentos regulares aos policiais.

Podemos verificar que os mecanismos que a instituição policial dispõe a fim de se legitimar à população jovem encontram-se em crise. A política de enfrentamento de décadas tem gerado frutos que acabam não só em deslegitimar a instituição policial frente aos jovens da periferia, quanto a causar uma crise ética profunda ao desacreditar, desconfiar e por fim na desobediência à lei, já que esta acaba relacionando-se com o que a polícia trabalha em defender.

Por enquanto os agentes da lei e da ordem na rua passam por uma crise de legitimidade, para isto a força impõe-se quando seria necessário o uso de outros métodos.

Para os jovens do DEGASE a resposta a esta questão (a insatisfação da prestação do serviço policial nas comunidades dos adolescentes da pesquisa) encontra-se fragmentada em três vertentes: ou "chega rápido" (32%), pois demonstra a vontade da ação repressiva em comunidades pobres, geralmente as habitadas pelos jovens da pesquisa; ou "a polícia não chega", conforme respondido por um quarto dos entrevistados (25%), ou "demora a chegar" (35%).

Neste sentido, podemos afirmar que nos impossibilita analisar com clareza a eficácia da atuação policial para os jovens em cumprimento de MSE no DEGASE, pois envolve a reafirmação constante do poder local que, para os entrevistados, reflete no "temor" da ação policial naqueles ambientes, onde 35% veem a polícia como "inimiga" e 12% ignorando-a. Apenas 9% admitem "respeito" à força policial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Os dados apresentados nesta pesquisa revelam uma triste realidade que muitas vezes a sociedade e o próprio poder público resistem a enxergar.

Infelizmente, as políticas de restrição e privação de liberdade são temas ainda invisíveis para a sociedade e marginais para a Academia. Melhor dizendo, é um tema invizibilizado tanto pela sociedade e pelo poder público, quanto pela própria universidade.

Diversos países da América do Sul, dentre os quais o Brasil, vêm apresentando, nos últimos anos, altas taxas de privação de liberdade. O número cada vez maior de indivíduos reclusos tem sido acompanhado de um crescente sucateamento dos sistemas prisional e socioeducativo, o que prejudica sensivelmente as condições mínimas adequadas para atender aos requisitos da tutela de presos e de adolescentes e jovens em situação de restrição e privação de liberdade ou de cumprimento de penas e medidas socioeducativas, nos termos das exigências legais e estabelecidas em convenções internacionais.

É triste dizer que o Brasil, hoje, infelizmente, é o terceiro país que mais encarca no mundo e é uma das regiões que mais desrespeita os Direitos Humanos, principalmente da sua população em situação de restrição e privação de liberdade.

Diante dos dados desta pesquisa, conforme Löic Wacquant (2001), evidenciamos que estamos empurrando para debaixo do tapete as nossas mazelas sociais, lotando cada vez mais as nossas unidades socioeducativas.

Embora a política de restrição e privação de liberdade não seja um tema absolutamente novo, ainda não podemos deixar de prescindir no debate, implícita ou explicitamente, de recorrer aos aspectos sociais, políticos e ideológicos que envolvem as sociedades contemporâneas, principalmente que nos façam refletir sobre as suas contradições.

Reconhecendo avanços no debate sobre a política de restrição e privação de liberdade, principalmente na aprovação de marcos legais, é fundamental que agora sigamos investindo em avanços na implementação da política. Em mudanças reais e concretas no cotidiano da política socioeducativa.

A universidade tem uma grande responsabilidade com o tema e precisa investir na área. Através dos seus trabalhos de pesquisa, extensão e ensino, precisamos promover e ampliar a discussão do tema na sociedade.

Ainda percebemos que o discurso dos intelectuais da Academia está muito distante dos operadores da execução da política de restrição e privação de liberdade. Avançamos intelectualmente, mas pouco diretamente interferimos na ponta, "no chão dos estabelecimentos socioeducativos".

De que adianta este conhecimento, se efetivamente não conseguimos contribuir para o seu desenvolvimento na sociedade.

É fundamental que nos responsabilizemos socialmente de forma ética pelo conhecimento produzido pelas nossas pesquisas. Precisamos socializar estes conhecimentos não só nos espaços acadêmicos, mas em toda a sociedade.

Traçando um diagnóstico do perfil dos adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas no estado do Rio de Janeiro, esperamos ter alcançado os objetivos iniciais desta pesquisa.

Acreditamos que o resultado deste estudo poderá, humildemente, contribuir para a formulação e implementação de políticas públicas mais eficazes para a privação de liberdade de adolescentes e jovens no Rio de Janeiro, principalmente subsidiando o debate dos profissionais dos sistemas de justiça juvenil e de garantias de direitos sobre a prevenção ao delito juvenil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNEW, Robert. *Foundation for a General Strain Theory of Crime and Delinquency*. Criminology, vol. 30, 1992, pp. 47-87.
- AGNEW, Robert; BREZINA, Timothy. *Juvenile Delinquency: causes and control*. Oxford University Press, 2012.
- ANDRADE, M. *A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas*. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 43, jan./abr. 2010. p. 109-125.
- BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional*. 5.ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.
- BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In J. Revel (org.) *Jogos de Escalas: A experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. *Índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade racial 2014*. Brasília, DF: 2015 a.
- _____. Secretaria Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. *Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil*. Brasília, DF: 2015 b.
- _____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Levantamento anual SINASE 2013*. Brasília, DF: 2015 c.
- _____. Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 2013.
- _____. Secretaria de Direitos Humanos. *Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo aos Adolescentes em Conflito com a lei*. Brasília, DF: 2012.
- _____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- _____. Decreto-Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.
- _____. Proposta de emenda à constituição – PEC nº 171/1993. Altera a redação do art. 228 da Constituição Federal (imputabilidade penal do maior de dezesseis anos). Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14493>>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. *Diversia. Educación y Sociedad*, 2009, v. 1, p. 159-184.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). *Panorama Nacional – A execução das Medidas Socioeducativas de Internação*. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2012.
- CULLEN, Francis; AGNEW, Robert. *Criminological Theory*. Oxford University Press, 2011.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2003 N° 24, 2003, p.40-52. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>> Acesso em: 9 de maio de 2016.
- DIAS, A. C. G.; ZAPPE, J. G. Delinquência Juvenil na produção científica nacional: Distâncias entre achados científicos e intervenções concretas. *Barbaroi*, n° 33 Santa Cruz do Sul, dez. 2010, pp. 82-101.
- DIAS, Jorge et al. International self-report delinquency (isrd3): translation and adaptation to the cabo verdiano context. Disponível em: <file:///C:/Users/Azevedo/Downloads/RLE_20_2_international-self-report-delinquency-isrd3-traducao-e-adaptacao-ao-contexto-cabo-verdiano.pdf> Acesso em: 9 de maio de 2016.

ENZMANN, D., MARSHALL, I. H. et al. Self-reported youth delinquency in Europe and beyond: First results of the Second International Self-Report Delinquency Study in the context of police and victimization data. European Journal of Criminology, 2010, 7(2), 159-183.

GUÉRIOS, P. R. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. Campos (UFPR), 2011, v. 12, p. 9-34.

IHA. Índice de homicídios na adolescência: IHA 2012. Organizadores: Doriam Luis Borges de Melo, Ignácio Cano. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.

JULIÃO, E. F.; Ribeiro, Paulo Fernando; Godoi, Renan Saldanha. Juventude e violência: reflexões sobre os dados e perspectivas políticas no Brasil. Movimento - Revista de Educação, 2015, v. 3, p. 143-164.

MICHAUD, Y. A violência. Ática: São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, M.C.L de; VALENTE, F.P.R. Adolescência e a responsabilização socioeducativa: aspectos históricos, filosóficos e éticos. In: ZAMORA, M.H.; OLIVEIRA, M.C.L de (orgs.) Adolescência, socioeducação e direitos humanos. Curitiba: Appris, 2017.

PAIVA, R.L.S. et al. Violência, delinquência e tendência antissocial. Sobre a experiência de um atendimento a crianças vítimas da violência em uma favela do Rio de Janeiro. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, RJ, 2015, v. 15 n. 3 p. 891-915.

PRAZERES, Leandro. Veja cinco motivos a favor e cinco contra a redução da maioridade penal. UOL Notícias Cotidiano, 2015. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/31/veja-cinco-motivos-a-favor-e-cinco-contra-a-reducao-da-maioridade-penal.htm>>. Acesso em: 10/11/2015.

VELHO, G. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

VERGILIO, S. S. Elevando a Tensão Geral - O aumento da escolaridade de adolescentes autores de atos infracionais em medida de internação provisória no Estado do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2009.

WAISELISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2015: adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil (versão preliminar). Rio de Janeiro: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO, 2015 a.

_____. Mapa da Violência 2015: mortes matadas por arma de fogo. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2015 b.

_____. Mapa da Violência 2014: jovens do Brasil. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014 a.

_____. Mapa da Violência 2014: Homicídios e juventude no Brasil (Atualização 15 a 29 anos). Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014 b.

_____. Mapa da violência 2013: homicídios e juventude no Brasil. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude, 2013 a.

_____. Juventude e Violência. I Seminário Internacional Socioeducativo. DEGASE; UFF: Rio de Janeiro, 2013 b.

_____. Mapa da violência 2013: mortes matadas por armas de fogo. Rio de Janeiro: Centro Brasileiros de Estudos Latino Americanos; FLACSO Brasil, 2013 c.

_____. Mapa da Violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012 a.

_____. Mapa da Violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Brasileiros de Estudos Latino Americanos; FLACSO Brasil, 2012 b.

_____. Mapa da violência 2011: os jovens do Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, Ministério da Justiça, 2011.

_____. Mapa da violência 2006: os jovens do Brasil. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI, 2006

UNICEF. ECA 25anos: avanços e desafios para a infância e a adolescência no Brasil. Brasília: UNICEF, 2015.

WACQUANT, Lôic. As prisões da Miséria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ANEXOS

REGISTRO DAS REUNIÕES PARA A PESQUISA

06/07/2016 - Reunião para aplicação do pré-teste

- A reunião com a Direção-Geral foi importante para validar os rumos da pesquisa e sensibilização das unidades. Uma Comunicação Interna (CI) foi enviada pela Direção-Geral para aplicação do pré-teste na Escola João Luiz Alves (EJLA) e Professor Antonio Carlos Gomes da Costa (PACGC), sensibilizando a direção local para a atividade.
- Definiu-se, em reunião com a profissional da área de Estatística, que 20 adolescentes deveriam ser entrevistados no pré-teste, sendo 10 da EJLA e 10 do PACGC.

12/07/2016 - Reunião com o Diretor-Geral do DEGASE

- Configurou-se que a ideia é construir, com a pesquisa, uma nova perspectiva da atuação do Sistema Socioeducativo no estado, não sendo a de absorvador de demandas emergenciais, que fica concentrando sua operacionalidade mais em cima das situações de emergências, mas sim promovendo e incentivando políticas públicas, com ações de prevenção e planejamento, dando elementos para as demais Secretarias do estado compreenderem que precisam investir em determinadas áreas, principalmente com argumentos pautados em dados fundamentados.
- Pactuação para execução da pesquisa: Foi agendada reunião com todos os diretores de unidades, diretores técnicos e coordenadores de plantão das unidades em que a pesquisa seria realizada – reunião convocada pela Direção-Geral.

O transporte para levar a equipe de pesquisa para as unidades deveria ser agendado com antecedência. A Direção-Geral do DEGASE sugeriu que fossem entrevistados todos os casos especiais evidenciados, principalmente aqueles considerados mais graves e cujos adolescentes estavam internados por mais de 6 meses. Além desses casos (que foram poucos), deveria procurar-se entrevistar adolescente com menos de 4 meses na internação, para não se perder o contato antes que o trabalho se encerrasse.

21/07/2016- Reunião na Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire (ESGSE) com os gestores, diretores, coordenadores de plantão e equipe de referência das unidades.

- A reunião foi motivada por inquietações e reflexões assinaladas pelo Diretor-Geral do DEGASE. O Diretor explicitou a importância de se refletir e sistematizar as práticas para que o Departamento, através de seus representantes, pudesse atuar com maior protagonismo na contribuição para elaboração de políticas públicas que se fizessem necessárias. Ressaltou a importância da pesquisa pela participação de servidores do próprio DEGASE em parceria com pesquisadores da UFF.

Estavam presentes, segundo consta na ata de presença da Escola de Gestão, 65 pessoas, dentre gestores, diretores e coordenadores de plantão. A participação foi ativa, com muitas perguntas e ponderações em torno da proposta.

30/08/2016 - Reunião da equipe Núcleo de Pesquisa e Projetos (NUPP/ASIST) para alinhamento do planejamento da aplicação do survey.

Alguns pontos de referência:

- Chegada às unidades – apresentação da equipe à direção em todos os dias da pesquisa.
- Considerando que nem todos os coordenadores de plantão estavam na reunião de sensibilização, necessitavam, assim, também de informações a respeito da pesquisa.
- Combinar o planejado da agenda com a unidade, sempre com uma semana de antecedência, enviando o nome dos entrevistadores e o entrevistador de referência para a unidade.

MANUAL PARA APLICAÇÃO DA PESQUISA

Ao receber o adolescente na sala

- Primeiramente, indicar que ele foi convidado para uma pesquisa e que, para manter o sigilo, ele não precisa dizer o seu nome em momento algum ao longo da aplicação;
- O aplicador deve se apresentar como parte da equipe da pesquisa e deixar claro que o estudo está sendo realizado pelo próprio DEGASE, tendo por finalidade buscar melhorar tanto as unidades e os serviços prestados aos adolescentes e suas famílias, como também possibilitar pensar nas políticas públicas que têm a ver com os jovens. Nesse caso, é interessante perguntar se o adolescente sabe o que é uma política pública. Em caso negativo, explicar, em linhas bem gerais, que são as políticas que dão conta de saúde, segurança, escolarização etc.;
- Após a apresentação da pesquisa e de si próprio, reforçando o acordo de sigilo, o pesquisador deve frisar que toda a entrevista é sigilosa e que em momento algum será informado o que cada adolescente respondeu. Além disso, é importante lembrar ao adolescente que ele pode desistir de participar e que avise caso se sinta mal ou desconfortável ao longo ou ao final da pesquisa;
- É importante que o pesquisador esteja atento a sinais de desconforto dos adolescentes. Caso seja percebido que ele está mobilizado pela pesquisa, tentar explorar brevemente o incômodo tanto no sentido de dar um melhor contorno e amenizá-lo ou no sentido de combinar com o adolescente um encaminhamento para atendimento técnico com profissional psicólogo da pesquisa ou da unidade. Caso o que se perceba é que o adolescente está desmotivado com a pesquisa, irritado com as perguntas ou algo similar, resgatar os objetivos da pesquisa e reiterar o quanto a participação é importante para ele e outros internos, já que visa melhorar o sistema tanto para eles quanto para seus familiares.

Dúvidas quanto ao vocabulário utilizado

- **Companheiro(a):** toda vez que é utilizado faz referência a parceiro fixo que mora com o adolescente e com quem haja laço que caracterize união estável – mesmo que esta não esteja ainda formalizada. Não engloba namorados(as);
- **Equipe técnica (técnicos de referência):** nomenclatura ainda utilizada pelos adolescentes e profissionais de algumas unidades para se referir aos profissionais psicólogos, assistentes sociais e pedagogos responsáveis pelo acompanhamento do cumprimento da medida do adolescente, elaboração do plano individual de atendimento, dentre outras ações;
- **Equipe de saúde mental:** equipe constituída nas unidades com foco em adolescentes em situação de abuso de substância ou com transtorno mental. Formada por psicólogos, assistentes sociais, musicoterapeutas, terapeutas ocupacionais e psiquiatras;
- **Igrejas evangélicas pentecostais no Brasil:** Catedral da Bênção; Comunidade da Graça; Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra; Congregação Cristã no Brasil; Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil; Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil; Igreja Apostólica Fonte da Vida; Igreja Apostólica Renascer em Cristo; Igreja Bola de Neve; Igreja Cristã de Nova Vida; Igreja Cristã Maranata; Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil; Igreja de Deus no Brasil; Igreja do Evangelho Quadrangular; Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo; Igreja Internacional da Graça de Deus; Igreja Mundial do Poder de Deus; Igreja Pentecostal Deus é Amor; Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil; Igreja Unida; Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Videira; Ministério Apascentar; Ministério Internacional da Restauração; Missão Evangélica Pentecostal do Brasil

Sobre questões específicas

- **Sinalizado?** – uma das primeiras perguntas do survey, na parte ainda de identificação, deve ser marcada não, salvo casos indicados pela equipe da ASIST;
- **Questão 4** – como o conceito de gênero muitas vezes causa confusão, tentar perceber se o adolescente entendeu que não se trata aqui de qual sexo ele se sente atraído, mas com qual gênero ele se identifica;
- **Questões 5 e 6** – respostas como “não sei” ou “não nasceu no Rio” e “Rio de Janeiro” abrem a lista de opções. Depois delas é que vêm os demais estados e municípios em ordem alfabética. A ideia é facilitar e agilizar a marcação;
- **Questão 8 e suas implicações nas demais questões:** caso o adolescente indique aqui que mora na rua ou em abrigo, pular para a questão 12. As questões 19, 20, 21, 22, 24 e 25 fazem referência à família e renda familiar. No caso dos adolescentes institucionalizados ou em situação de rua, a ideia é investigar se eles têm conhecimento das condições atuais de suas famílias de origem. Caso não tenham, o aplicador não precisa marcar nada nessas perguntas, com exceção da questão 19, que é obrigatória e traz como primeira opção a coluna “não se aplica”, que deverá ser marcada;

- **Questões 27 e 28** – ainda sofre influência no caso de adolescente abrigado ou em situação de rua. A ideia é continuar investigando se, apesar de abrigado ou na rua, o adolescente mantém algum contato com sua família;
- **Marcar o caso?** – última questão do survey. Caso a entrevista não tenha sido sinalizada pela equipe da ASIST, mas marcada “sim” no campo “sinalizada” que abre o survey e o aplicador perceber que o ato infracional cometido pelo adolescente é grave e teve grande repercussão na mídia, deve marcar “Sim” nesta questão;
- **Observações** – campo para uso do aplicador. Deve sinalizar quaisquer situações que tenham lhe chamado atenção ao longo da aplicação e que não tenham sido contempladas pelo formulário.

Encerramento

- Ao final da aplicação do survey, indicar para o adolescente que as perguntas terminaram e pedir um tempo para que o pesquisador faça suas observações no documento, caso haja. Agradecer ao adolescente por sua participação;
- Em casos de grande mobilização do adolescente ou em casos nos quais o pesquisador perceba que trabalhar com este adolescente será interessante para a outra etapa de entrevista ou de grupo de trabalho, deve indicar isso para o adolescente. Primeiro, dizer que o survey foi encerrado e já salvo e que não há nenhuma forma de incluir o nome do adolescente naquele documento. Ou seja, as respostas que ele forneceu já foram registradas e o sigilo delas está mantido. Explicar que percebeu que poderia ser interessante que, por tudo que o adolescente relatou, ele participasse de uma etapa posterior da pesquisa – ou que o pesquisador percebeu que seria interessante que o adolescente fosse encaminhado para algum tipo de atendimento dentro da unidade, caso seja esse o caso. Nesse caso, perguntar se o adolescente concordaria em fornecer o seu nome e matrícula para que ele seja considerado para a próxima etapa da pesquisa ou encaminhado para o atendimento necessário. Apenas caso o adolescente concorde, anotar em folha de papel avulsa o nome e matrícula do adolescente e o tipo de situação (entrevista, encaminhamento para equipe técnica, encaminhamento para saúde mental etc.), de modo que o adolescente perceba que a anotação não foi feita em seu survey.

Observações gerais

- É importante tomar muito cuidado no preenchimento das tabelas com perguntas (casos em que há frases ou perguntas nas linhas e respostas em colunas, como em uma planilha). Ter certeza de que a coluna marcada corresponde à resposta do adolescente é fundamental;
- Casos em que há concordo e discordo, mesmo que o adolescente seja enfático dizendo apenas “concordo” ou “discordo”, perguntar se é “totalmente” ou “parcialmente”. Essa resposta, quanto à gradação, deve vir do adolescente e não do pesquisador.
- Atentar para a **neutralidade tanto na leitura da questão quanto na escuta e registro da resposta**. Caso o pesquisador esteja ficando mobilizado com a entrevista, é importante pedir um momento ao adolescente e ver se algum colega pesquisador pode encerrar aquela entrevista.
- Se a questão é de múltipla escolha, mesmo que o adolescente queira escolher mais de uma opção, direcioná-lo para aquela que mais se aplica ou mais faz sentido para ele.
- No caso das questões em que se pode marcar mais de uma opção, fazer a pergunta e ver se o adolescente dá respostas sem opções e tentar enquadrar o registro. Caso a latência (período entre pergunta e início da resposta) seja grande, ler as opções com o adolescente. Caso o pesquisador perceba que a pergunta é de difícil compreensão para o adolescente, ler diretamente as opções de resposta.
- Perguntas que terminam com um sinal de asterisco vermelho (*) são obrigatórias. Se ficarem sem resposta, o formulário não será encerrado corretamente. No caso de perguntas em tabelas, o asterisco significa que toda linha requer uma resposta. Caso, por qualquer motivo, na hora de avançar ou encerrar o formulário, o Google Forms indique que uma pergunta obrigatória não foi preenchida, retornar até o local em que ela se encontra e preencher. Se não se lembrar da resposta do adolescente, fazer a pergunta novamente.

QUESTIONÁRIO

Unidade de aplicação

- Educandário Santo Expedito (ESE)
- Escola João Luiz Alves (EJLA)
- CAI Baixada
- CENSE PACGC
- CENSE Volta Redonda
- CENSE Professora MArlene Henrique Alves (Campos)

Aplicador

- Elionaldo
- Iris
- Soraya
- Maria Tereza
- Renan
- Vivian
- Rodolfo
- Leandro
- Raul
- Lidia
- Lilian
- Claudia

Sinalizado?

- Sim
- Não

PERFIL SOCIOECONOMICO

1- Quantos anos você tem?

- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21

2- Qual é sua cor ou raça?

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígenas
- Outros

3- Qual seu sexo?

- Masculino
- Feminino

4- Com qual gênero você se identifica, independente do sexo com o qual você nasceu?

- Masculino
- Feminino

5- Em qual Estado você nasceu?

- Não nasci no Brasil
- Rio de Janeiro

- Acre
- Alagoas
- Amapá
- Amazonas
- Bahia
- Ceará
- Distrito Federal
- Espírito Santo
- Goiás
- Maranhão
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Minas Gerais
- Pará
- Paraíba
- Paraná
- Pernambuco
- Piauí
- Rio Grande do Norte
- Rio Grande do Sul
- Rondônia
- Roraima
- Santa Catarina
- São Paulo
- Sergipe
- Tocantins

6- Em que Município do Estado do RJ você nasceu?

- Rio de Janeiro (capital)
- Não sei
- Não nasci no Estado do Rio de Janeiro
- Angra dos Reis
- Aperibé
- Araruama
- Areal
- Armação de Búzios
- Arraial do Cabo
- Campos dos Goytacazes
- Barra do Piraí
- Barra Mansa
- Belford Roxo
- Bom Jardim
- Bom Jesus do Itabapoana
- Cabo Frio
- Cachoeira de Macacu
- Cambuci
- Cantagalo
- Carapebus
- Cardoso Moreira
- Carmo
- Casimiro de Abreu
- Comendador Levy Gasparian
- Conceição de Macabu
- Cordeiro
- Duas Barras
- Duque de Caxias
- Engenheiro Paulo de Frontin
- Guapimirim
- Iguaba Grande
- Itaboraí
- Itaguaí
- Italva

() Itaocara
() Itaperuna
() Itatiaia
() Japeri
() Laje do Muriaé
() Macaé
() Macuco
() Magé
() Mangaratiba
() Maricá
() Mendes
() Mesquita
() Miguel Pereira
() Miracema
() Natividade
() Nilópolis
() Niterói
() Nova Friburgo
() Nova Iguaçu
() Paracambi
() Paraty
() Paraíba do Sul
() Paty do Alferes
() Petrópolis
() Pinheiral
() Piraí
() Porciúncula
() Porto Real
() Quatis
() Queimados
() Quissamã
() Resende
() Rio Bonito
() Rio Claro
() Rio das Flores
() Rio das Ostras
() Silva Jardim
() Santa Maria Madalena
() Santo Antônio de Pádua
() Sapucaia
() Saquarema
() Seropédica
() Sumidouro
() São Fidélis
() São Francisco de Itabapoana
() São Gonçalo
() São José de Ubá
() São José do Vale do Rio Preto
() São João da Barra
() São João de Meriti
() São Pedro da Aldeia
() São Sebastião do Alto
() Tanguá
() Teresópolis
() Trajano de Moraes
() Três Rios
() Valença
() Varre-Sai
() Vassouras
() Volta Redonda

7- Em qual município, bairro e comunidade você mora?

Resposta: _____

8- Com quem você mora? (pode marcar mais de uma opção)

- () Pai
- () Mãe
- () Padrasto
- () Madrasta
- () Avós
- () Irmã(o)(s)
- () Filho(a)(s)
- () Marido/esposa/companheiro(a)
- () Pessoa(s) que não é (são) da família
- () Sozinho
- () Amigos(as)
- () Tio(a)(s)
- () Primo(a)(s)
- () Sobrinho(a)(s)
- () Família acolhedora ou programa similar
- () Abrigo/unidade de acolhimento (Pular para questão 12)
- () Na rua
- () Outra opção: _____

9- Quantas pessoas moram em sua casa, incluindo você

- () 1
- () 2
- () 3
- () 4
- () 5
- () 6 ou mais
- () Nenhuma

10- Quantos quartos tem sua casa?

- () 1
- () 2
- () 3
- () 4 ou mais
- () Nenhum

11- Sua moradia é:

- () Própria
- () Alugada
- () Cedida
- () Ocupação/Invasão
- () Programa Minha casa, minha vida
- () Não sei

12- Há quanto tempo você mora neste local?

- () De um mês à 2 anos
- () De 2 à 5 anos
- () De 5 à 8 anos
- () Mais de 8 anos
- () Não sei

13- Você tem filhos?

- () Sim
- () Não
- () Ainda não nasceu

14- Quantos?

- () 1
 () 2
 () 3
 () 4
 () 5 ou mais?

15- Que idade você tinha quando seu(a) primeiro(a) filho(a) nasceu?

- () 12 anos
 () 13 anos
 () 14 anos
 () 15 anos
 () 16 anos
 () 17 anos
 () 18 anos
 () 19 anos
 () 20 anos
 () 21 anos

16- Atualmente você está: (uma opção)

- () Solteiro(a)
 () Casado(a)
 () Em união estável
 () Divorciado
 () Viúva(o)
 () Mora junto(a)
 () Namorando
 () Tendo alguns relacionamentos

17- Como você se definiria em termos religiosos?

- () Evangélico(a) Pentecostal (Assembléia de Deus, Universal etc)
 () Evangélico(a) Não Pentecostal (Metodista, Batista, etc.)
 () Católico(a)
 () Espírita Kardecista
 () Umbandista
 () Candomblecista
 () Crê em algo, mas não tem religião
 () Ateu
 () Outra opção: _____

18- Qual é a importância da religião na sua vida?

- () Muito importante
 () Importante
 () Pouco importante
 () Sem importância

19- Qual o nível de escolaridade das seguintes pessoas:

	Não sei/ Não se aplica	Sem escolari- dade/ sem instrução	Funda- mental (1º grau) in- completo	Funda- mental (1º grau completo)	Médio (2º grau) in- completo)	Médio (2º completo)	Superior incom- pleto	Superior completo	Pós- graduação
Mãe ou responsável									
Pai ou responsável									
Companheiro									

20- Somando todas as rendas do domicílio, incluindo a sua, de quanto foi aproximadamente a renda familiar em sua casa no mês passado?

- Até 1 Salário Mínimo (R\$880,00)
- De 1 à 2 Salários Mínimos (R\$880,00 até R\$1.760,00)
- De 2 à 3 salários Mínimos (R\$1.760,00 até R\$2.640,00)
- Não se aplica
- Não sei

21- O homem responsável pela sua educação (pai, padrasto, avô, tio) está?

- Trabalhando de maneira informal, sem carteira assinada, sem contribuição previdenciária.
- Trabalhando de maneira formal, com carteira assinada e contribuição previdenciária.
- Desempregado
- Outra situação (por exemplo: é aposentado, tem uma doença crônica, cuida da casa, é estudante)
- Não há essa pessoa

22- A mulher responsável pela sua educação (mãe, madrasta, avó, tia) está:

- Trabalhando de maneira informal, sem carteira assinada, sem contribuição previdenciária.
- Trabalhando de maneira formal, com carteira assinada e contribuição previdenciária.
- Desempregada
- Outra situação (por exemplo: é aposentada, tem uma doença crônica, cuida da casa, é estudante)
- Não há essa pessoa

23- Sua(seu) companheira(o) está:

- Trabalhando de maneira informal, sem carteira assinada, sem contribuição previdenciária.
- Trabalhando de maneira formal, com carteira assinada e contribuição previdenciária.
- Desempregado
- Outra situação (por exemplo: é aposentado, tem uma doença crônica, cuida da casa, é estudante)
- Não há essa pessoa

24- Qual é a origem dos rendimentos da sua família? (pode marcar mais de uma opção)

- Salários mensais
- Renda de patrimônio, lucros (aluguel, rendimento de caderneta de poupança, etc.)
- Seguro-desemprego (no caso de alguém de sua família ter sido demitido há menos de 05 meses)
- Bolsa Família
- Trabalho informal (trabalho fixo, mas sem carteira assinada)
- Trabalho como autônomo (camelô, ambulante, etc)
- "Bicos"
- Recursos ilícitos
- Não sei
- Não se aplica
- Outra opção

25- Em comparação com a maioria das outras famílias que você conhece, a situação econômico-financeira de sua família está:

- Muito pior
- Pior
- Igual
- Melhor
- Muito melhor

26- Em comparação com as pessoas conhecidas de sua idade você tem:

- Muito menos dinheiro
- Menos dinheiro
- O mesmo dinheiro
- Mais dinheiro
- Muito mais dinheiro

CONVIVÊNCIA FAMILIAR, COMUNITÁRIA E TERRITÓRIO

27- Responda as perguntas abaixo:

- Você se relaciona bem com o(s) homem(ns) responsável(eis) por sua criação (pai, avô, tios, padrasto)?
 Sim Nem sim, nem não Não Não há tal pessoa
- Você se relaciona bem com a(s) mulhere(s) responsável(eis) por sua criação (mãe, avó, tias, madrasta)?
 Sim Nem sim, nem não Não Não há tal pessoa
- Seus pais/responsáveis te dão apoio emocional quando você precisa?
 Sim Nem sim, nem não Não Não há tal pessoa
- Você se sentiria mal se desapontasse seus pais/responsáveis?
 Sim Nem sim, nem não Não Não há tal pessoa

28- Agora vou lhe dizer algumas frases afirmativas sobre seus pais ou responsáveis e preciso que você me diga se concorda ou discorda:

- Seus pais sabem o que você está fazendo quando você sai.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Seus pais sabem com que amigos/as você está quando sai.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Quando você chega da rua eles te perguntam o que você andou fazendo, onde foi e com quem passou o tempo.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Quando você sai de casa à noite, geralmente eles estabelecem horas para você voltar.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Você diz a eles como gasta seu dinheiro.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Eles dizem que você é um(a) bom(boa) filho(a).
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Eles dizem que você é estudioso(a).
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Eles dizem que você é agressivo(a).
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Eles dizem que você ajuda em casa.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica
- Eles dizem que você comprehende as dificuldades da família.
 Concordo totalmente Concordo parcialmente Nem concordo, nem discordo
 Discordo parcialmente Discordo totalmente Não se aplica

- Eles dizem que você é responsável.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não se aplica

29- Alguma vez você passou por algum dos seguintes acontecimentos?

- Morte do seu pai/mãe ou responsável

- () Sim () Não () Não sei

- Doença muito grave de um dos seus pais/responsáveis

- () Sim () Não () Não sei

- Problema de álcool ou droga com seus pais/família

- () Sim () Não () Não sei

- Conflitos sérios repetidos entre os seus pais/ responsáveis

- () Sim () Não () Não sei

- Divórcio e/ou separação dos seus pais/responsáveis

- () Sim () Não () Não sei

30- Sobre as perguntas abaixo com relação onde você mora, diga o quanto você concorda com cada uma delas:

- Há muita pichação?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Há muitas casas abandonadas?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Pode-se andar sem medo durante o dia?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Pode-se andar sem medo durante a noite?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Há venda de drogas e/ou outras atividades ilegais?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Há serviços de saúde com atendimento de emergência próximo à sua casa?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- É bem iluminado?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Tem coleta de lixo?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Seu bairro/comunidade fica limpo a maior parte do tempo?

- () Concorde totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Tem tratamento de esgoto?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Tem água encanada?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Tem energia elétrica?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- É de difícil acesso (por exemplo, para chegar precisa subir escadas, ladeiras, becos)?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Existem conflitos armados (entre traficantes, policiais, facções)?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você gostaria de morar em outro lugar?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Há opções de lazer?

- () Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

31- Sobre sua vida afetiva, responda as perguntas abaixo:

Você tem ou já teve um relacionamento amoroso de duração de 6 meses ou mais?

- () Sim () Às vezes () Não

Você já enfrentou alguma decepção amorosa?

- () Sim () Às vezes () Não

Você costuma ter mais de uma(um) namorada(o) , parceira(o), ao mesmo tempo?

- () Sim () Às vezes () Não

Você mantém relações sexuais com parceiras/os do sexo oposto?

- () Sim () Às vezes () Não

Você mantém relações sexuais com parceiras/os do mesmo sexo?

- () Sim () Às vezes () Não

Você acha que ter relações sexuais é prazeroso/agradável?

- () Sim () Às vezes () Não

Você costuma cuidar de sua saúde física?

- () Sim () Às vezes () Não

Você tem dúvidas sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST's)?

- () Sim () Às vezes () Não

Você usa métodos preservativos para evitar DST's e gravidez?

- () Sim () Às vezes () Não

Você tem dúvidas sobre sexo?

- () Sim () Às vezes () Não

32- Próximo ao seu local de moradia:

- Teatro

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Museu

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Local de shows

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Centros culturais

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Clube

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Cinema

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Quadra de esporte

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Praças

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Praia

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Bailes

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Piscina Comunitária

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Shopping

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Projetos Sociais (ONG's etc)

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Cachoeira

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

- Trilhas

() Não existe () Existe e já fui () Existe, mas nunca fui () Não sei

33- Você já deixou de frequentar algum lugar? (show, evento e outros) que gostaria de ter ido:

- Por causa do preço?

() Sim () Não

- Por questões de segurança?

() Sim () Não

- Por se sentir constrangido?

() Sim () Não

- Por proibição dos seus responsáveis?

() Sim () Não

- Por não ser permitida a entrada de pessoas de sua idade?

() Sim () Não

- Por ser em território rival?

() Sim () Não

- Por saber que não venderiam bebida alcoólica para menores de idade?

() Sim () Não

- Por não ter dinheiro para transporte?

() Sim () Não

34- Você frequenta outras áreas da cidade fora do seu local de moradia e estudo?

() Sempre () Ás vezes () Raramente () Nunca

35- Sobre as questões abaixo, responda:

- Alguma vez alguém bateu em você de forma violenta ou te machucou?

() Sim () Não () Não se aplica

- Alguma vez alguém te ameaçou com violência ou te agrediu fisicamente por causa da cor da sua pele, sua religião ou por alguma razão semelhante?

() Sim () Não () Não se aplica

- Alguma vez você foi vítima de insultos graves, através do e-mail, mensagens na internet (facebook), sala de bate-papo (chat/ WhatsApp), em um site ou através de mensagens enviadas para o seu celular?

() Sim () Não () Não se aplica

- Alguma vez algum(ns) de seus responsáveis foi(foram) violento(a)(s) com você?

() Sim () Não () Não se aplica

- Alguma vez você se sentiu abandonado(a)?

() Sim () Não () Não se aplica

- Alguma vez você se sentiu violentado(a) dentro da sua casa/abrig, mesmo sem envolver agressão física?

() Sim () Não () Não se aplica

- Você já sofreu violência sexual dentro de casa/abrig?

() Sim () Não () Não se aplica

- Você já sofreu violência sexual na rua?

() Sim () Não () Não se aplica

- Você já sofreu violência por parte de algum profissional de uma instituição por onde passou? (incluindo o próprio DEGASE)

() Sim () Não () Não se aplica

- Você já sofreu violência por parte de policiais?

() Sim () Não () Não se aplica

- Você já sofreu bullying/zoação em sua vida?

() Sim () Não () Não se aplica

36- Quantas vezes por semana costumava sair à noite como, por exemplo, ir a uma festa, à casa de alguém ou à rua? (escolha a opção que mais se aproxima da realidade)

() Nunca, não saio à noite () De 1 a 3 vezes () De 4 a 6 vezes () Diariamente

37- Quando saía à noite, nos fins de semana, a que horas normalmente você voltava para casa? (escolha apenas uma opção)

() Não saio à noite () De 20h às 22h () De 2h às 0h () De 0h às 2h () Após às 2h () Durmo fora

38- Com quem você passava a maior parte do seu tempo livre? (escolha apenas uma opção)

() Sozinho(a)
() Com sua família
() De 1 a 3 amigos
() Com um grupo maior de amigos (4 amigos ou mais)
() Com meu(minha) namorado(a)/esposo(a)/companheiro(a)

39- Vou te dizer algumas atividades que talvez você faça ao longo dos dias. Quero que você me diga se faz essas atividades frequentemente, de vez em quando ou nunca:

- Ir a bailes e festas
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Fazer algo criativo (escrever, desenhar, compor música)
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Envolver-se em brigas
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Praticar atividades esportivas ou exercícios físicos (ex.: futebol)
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Estudar ou fazer deveres de casa
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Sair para shoppings, rua, parques e/ou bairros
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Participar de atividades ilegais
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Consumir álcool ou outras drogas
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

- Assustar/intimidar as pessoas na rua para se divertir
() Frequentemente () De vez em quando () Nunca

40- Você considera importante o que seus(suas) amigos(as) pensam de você?

() Importante () Mais ou menos importante () Nda importante

41- Vou lhe dizer uma frases sobre seus comportamentos e quero que você diga se concorda ou discorda delas:

- Você se comporta de forma impulsiva.
() Concordo totalmente () Concordo parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você faz tudo o que te dá prazer no momento, mesmo que isso custe o seu futuro.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você gosta de se testar de vez em quando, fazendo coisas arriscadas.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você corre riscos só para se divertir.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Excitação e aventura são mais importantes para você do que segurança.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você pensa primeiro em si mesmo do que nos outros.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Se as coisas que você faz aborrecerem outras pessoas, você pensa que o problema é delas e não seu.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você tenta obter aquilo que quer mesmo que isso cause problemas aos outros.

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

42- Sobre as questões abaixo, responda:

- Você já participou de uma briga de grupo num baile, na rua ou em outro espaço público?

- () Sim () Não

- Você já bateu em alguém de propósito a ponto de ferir ou aleijar?

- () Sim () Não

- Você já vendeu ou ajudou alguém a vender drogas?

- () Sim () Não

- Você já feriu um animal de propósito?

- () Sim () Não

43- Quando as vítimas denunciam crimes à polícia, você acha que a polícia trata todas as pessoas da mesma forma?

- () Sim, todas as pessoas são tratadas da mesma forma
() Não, alguns grupos são tratados de forma pior

44- Houve um crime na sua comunidade e chamaram a polícia. A polícia:

- () Chega rápida
() Demora a chegar
() A polícia não chega
() Ninguém lá chama a polícia

45- Você acha que a polícia toma decisões corretas quando se trata de jovens?

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

46- Na sua comunidade, a polícia é: (pode marcar mais de uma opção)

- Respeitada
- Ignorada
- Temida
- Inimiga
- Ausente

47- Você e a polícia concordam sobre o que é certo e errado?

- Sim
- Às vezes
- Não

48- Você alguma vez foi violento com algum policial?

- Sim
- Não

49- Você vê uma pessoa conhecida sendo agressiva com um policial. Você?

- Participa ajudando a pessoa (com ou sem violência)
- Participa ajudando o policial (com ou sem violência)
- Participa tentando entender quem tem a razão (sem violência)
- Não faz nada

50- Em relação a um policial, você pensa que:

- É um profissional fazendo seu trabalho
- É um inimigo
- Penso que não deveria existir polícia
- É alguém em que posso confiar
- Não me preocupo em pensar nisso

51- Você acha que a polícia recebe suborno/propina?

- Sempre
- Muitas vezes
- Às vezes
- Poucos vezes
- Nunca

ESCOLA E TRAJETÓRIA ESCOLAR

52- Em que ano você está?

- Alfabetização/1º ano
- 1ª série/2º ano
- 2ª série/3º ano
- 3ª série/4º ano
- 4ª série/5º ano
- 5ª série/6º ano
- 6ª série/7º ano
- 7ª série/8º ano
- 8ª série/9º ano
- 1º ano do Ensino Médio
- 2º ano do Ensino Médio
- 3º ano do Ensino Médio

53- Você estava estudando quando foi apreendido(a)?

- Sim
- Não
- Estava matriculado, mas não frequentava

54- Há quanto tempo estava fora da escola antes da sua apreensão?

- Menos de 6 meses
- Entre 6 meses e 1 ano
- Mais de 1 ano

55- Por quê você está fora da escola? (poderia marcar mais de uma opção)

- () O que é ensinado não parece útil para a vida
- () Falta de transporte
- () A escola era longe de casa
- () Falta de apoio
- () Teve filhos e não conseguiu continuar
- () Não tinha vaga
- () Não gostar de estudar
- () Teve problemas na escola e não retomou os estudos
- () Dificuldades de aprendizagem
- () Começou a trabalhar e não conseguiu conjugar as duas atividades
- () Expulso

56- Com quantos anos você começou a estudar?

- () Antes dos 5 anos
- () 5
- () 6
- () 7 ou mais
- () Não sei

57- Você já repetiu de ano?

- () Nunca
- () Uma vez
- () Duas vezes
- () Três ou mais vezes

58- Se sim, quais foram os motivos da reprovação? (pode marcar mais de uma opção)

- () Problemas de saúde
- () Problemas de transporte
- () Trabalhava
- () Não gostava de estudar
- () Faltava muito às aulas
- () Não entendia as matérias
- () Tinha dificuldade de relacionamento com professores e colegas
- () Sofria discriminação, violência, bullying
- () Falta de acesso/recursos para pessoas com deficiência
- () Falta de dinheiro
- () Bagunça na sala de aula

59- O que faz com que você continue estudando ou volte a estudar? (pode marcar mais de uma opção)

- () Melhorar suas chances de trabalho (promoção, emprego melhor, etc)
- () Vontade de conhecer coisas novas
- () Ter um diploma
- () Desejo de entrar na universidade
- () Ter apoio de colegas, familiares, professores etc.

60- Comparado com seus colegas, como você considera seu desempenho escolar?

- () Excelente
- () Acima da média
- () Na média/igual à maior parte dos meus colegas
- () Abaixo da média
- () Pior
- () Não sei

61- Levando em consideração que você já frequentou a escola em algum momento de sua vida ou ainda frequenta, responda:

- A escola é importante para você ser uma pessoa melhor?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Seus pais/responsáveis incentivam seus estudos?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você vai à escola mais pelos amigos do que pelas aulas?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você tem ou já teve problemas com professores?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- O jeito que seus professores dão/davam aula te desmotiva(va)?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você acha que o que a escola ensina te ajuda na vida?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Quando você for pai (mãe), vai querer que seus filhos estudem?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você acredita que estudar melhora as chances de você ter um bom trabalho?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

- Você acredita que, quanto mais estuda, mais uma pessoa é capaz de ganhar dinheiro?

- () Concordo totalmente () Concorde parcialmente () Nem concordo, nem discordo
() Discordo parcialmente () Discordo totalmente () Não sei

PROFISSIONALIZAÇÃO E TRABALHO

62- Você já teve alguma experiência profissional?

- () Sim
() Não

63- Com que idade começou a trabalhar?

- () Menos de 10 anos
() Entre 10 e 15 anos
() Entre 16 e 18 anos
() Mais de 18 anos

64 - Se você já trabalhou e estudou ao mesmo tempo, como você avalia essa experiência?

- () Atrapalhou os estudos
() Possibilitou crescimento pessoal
() Só retomou estudos porque estava trabalhando
() Não atrapalhou estudos
() Nunca trabalhou e estudou ao mesmo tempo

65- Você estava trabalhando ou exercendo alguma atividade antes de sua apreensão?

- Não, só estudando sem procurar emprego
- Não, mas estava procurando emprego
- Sim, tinha trabalho fixo COM carteira assinada
- Sim, tinha trabalho fixo SEM carteira assinada
- Sim, fazia bicos/biscates
- Sim, sou responsável pelos afazeres domésticos
- Sim, exercia atividades ilegais
- Outra opção: _____

66- Em que você trabalhava ou qual atividade exercia?

Resposta: _____

67- Qual era sua remuneração?

- Menos de 1 salário mínimo (R\$880,00)
- 1 salário mínimo (R\$880,00)
- De 1 à 2 Salários Mínimos (R\$880,00 até R\$1760,00)
- De 2 à 3 Salários Mínimos (R\$1760,00 até R\$ 2640,00)
- Mais de 3 Salários Mínimos (acima de R\$ 2640,00)
- Não é remunerado

68 - Quantas horas você trabalhava por dia?

- Até 2 horas
- De 2 a 4 horas
- De 4 a 6 horas
- De 6 a 8 horas
- Mais de 8 horas
- Sem horário definido
- Não sei

69 - Se você já fez algum curso profissionalizante ou de geração de renda dentro ou fora do DEGASE, escreva aqui quais:

Resposta: _____

70 - Em sua(s) passagem(ns) pelo DEGASE, você fez algum curso profissionalizante ou de geração de renda?

- Sim
- Não

71 - Os cursos profissionalizantes que já fez te ajudaram a conseguir um trabalho?

- Sim
- Não
- Não se aplica (caso em que o(a) adolescente está em primeira passagem ou que só fez o curso nesta passagem atual)

72 - Quando você pensa no futuro,você se vê:

- Estudando
- Trabalhando
- Tendo uma família
- Tendo muitos amigos
- Continuando a cometer atos infracionais
- Não penso no futuro/não tenho planos
- Outra:: _____

INSTITUCIONAL

73 - Quantas passagens você tem pelo DEGASE?

- 1 passagem
- 2 passagens
- 3 passagens
- De 4 a 8 passagens
- Mais de 8 passagens
- Nenhuma passagem anterior

74 - Qual(ais) ato(s) infracional(ais) você cometeu para estar no DEGASE nesta passagem?

- Tráfico de entorpecentes – Lei 11.343/06 – Artigos 33 a 39
- Roubo – Artigo 157
- Furto – Artigo 155
- Lei de Armas - Lei 10.826/03 – Artigos 12 a 18
- Recepção – Artigo 180
- Homicídio – Artigo 121
- Lesão Corporal – Artigo 129
- Resistência – Artigo 329
- Tentativa de Homicídio – Artigo 121 c/c art. 14
- Associação Criminosa – Artigo 288
- Ameaça – Artigo 147
- Dano – Artigo 163
- Desacato – Artigo 331
- Latrocínio – Artigo 157 § 3º
- Estupro
- Sequestro
- Outra: _____

75 - Você já cometeu algum outro ato infracional? (pode marcar mais de uma opção)

- Tráfico de entorpecentes – Lei 11.343/06 – Artigos 33 a 39
- Roubo – Artigo 157
- Furto – Artigo 155
- Lei de Armas - Lei 10.826/03 – Artigos 12 a 18
- Recepção – Artigo 180
- Homicídio – Artigo 121
- Lesão Corporal – Artigo 129
- Resistência – Artigo 329
- Tentativa de Homicídio – Artigo 121 c/c art. 14
- Associação Criminosa – Artigo 288
- Ameaça – Artigo 147
- Dano – Artigo 163
- Desacato – Artigo 331
- Latrocínio – Artigo 157 § 3º
- Estupro
- Sequestro
- Nunca cometi atos infracionais
- Outra: _____

76 - Quanto tempo está nesta passagem?

- Menos de um mês
- De 1 a 6 meses
- De 6 meses a 1 anos
- De 1 a 2 anos
- Mais de dois anos

77 - Quem veio te visitar ? (pode marcar mais de uma opção)

- () Mãe
- () Madrasta
- () Pai
- () Padrasto
- () Avó
- () Avô
- () Irmãos
- () Tios
- () Companheira(o)
- () Namorada(o)
- () Ninguém
- () Outra:

78 - Nas passagens anteriores, onde cumpriu sua medida? (pode marcar mais de uma opção)

- () Escola João Luiz Alves (EJLA)
- () CAI Baixada
- () CENSE Volta Redonda
- () CENSE Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (PACGC)
- () Educandário Santo Expedito (ESE)
- () CENSE Dom Bosco (antigo Padre Severino)
- () CENSE Gelso de Carvalho Amaral (GCA)
- () CENSE Ilha
- () CENSE Campos
- () CRIAAD
- () Cumpri medida em outro estado
- () Não tive passagem anterior

79 - Em suas passagens pelo DEGASE, você foi atendido satisfatoriamente pelos:

- Equipe de referência ("técnicos")

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Psicólogo

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Assistente Social

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Pedagogo

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Equipe Saúde Mental

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Dentista

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Médico

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Enfermeiro

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

- Agentes

- () Sim
- () Não
- () Não Sei

80 - Você participou de alguma atividade religiosa na unidade socioeducação?

- () Sim
- () Não

81 - Você acha importante a participação de membros das igrejas/religiões nas unidades de socioeducação?

- Sim, porque acalma
- Sim, porque ajuda a orar
- Sim, porque ensina que é possível mudar
- Sim, porque é mais uma forma de sair do alojamento
- É muito chato
- Não é importante

82 - As escolas e cursos do DEGASE estão fazendo ou já fizeram (caso você tenha frequentado alguma) a diferença na sua vida?

- Sim, ambos fizeram diferença
- Sim, apenas a escola
- Sim, apenas o(s) curso(s)
- Não, porque você não se dedicou
- Não, porque não quis frequentar
- Não, porque era(m) ruim(ns)
- Outra:

83 - Se você respondeu que não estudou em uma unidade socioeducativa, o motivo foi:

- Falta de vagas
- Não era retirado do alojamento
- Não quis frequentar
- Outra:

84 - Dentro do período que esteve na unidade se sentiu respeitado(a)?

- Sim
- Não

85 - Você teve os seus pertences guardados durante sua apreensão em passagens anteriores?

- Sim
- Não
- Não se aplica

86 - Todos os seus pertences foram devolvidos quando você saiu da unidade Socioeducativa em suas passagens anteriores?

- Sim, sempre
- Às vezes
- Não, nunca
- Adolescente em primeira passagem

87 - No cumprimento de MSE (de internação) sente/sentiu medo de:

(pode marcar mais de uma opção)

- Solidão
- Violência
- Abandono
- Assombração
- Enlouquecimento
- Voltar para casa
- Não conseguir dormir
- Perseguição quando sair
- Outra:

88 - Você aprendeu alguma música produzida pelos seus colegas durante a internação?

- Sim
- Não

89 - Qual é o tema principal das músicas cantadas no seu alojamento durante o cumprimento da sua medida?

- () Rotina da internação
- () Religião
- () Família
- () Dia-a-dia na comunidade
- () Violência
- () Sexo/conteúdo sexual
- () Facção
- () Amizade
- () Liberdade

90 - Quanto você e seus(suas) colegas de alojamento costumam conversar sobre cada um dos assuntos abaixo?

- Liberdade

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Família

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Raiva/ódio

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Sexo

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Namorada(o)

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Facção

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Futuro

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Dinheiro

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Servidores

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Sistema judiciário

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

- Processo

- () Sempre () Muitas vezes () Às vezes () Poucos vezes () Nunca

91 - Existe alguma rotina dentro do alojamento?

(pode marcar mais de uma opção)

- () Momento religioso
- () Jogo (jogo da velha, purreinha, adivinha etc)
- () Lutas
- () Músicas

Outra: _____

92 - Você soube da existência de relações sexuais entre adolescentes nos alojamentos?

- () Sim () Não

PERCEPÇÕES

93 - Qual sentido sua família tem para você?

(Escolha apenas o mais adequado)

- () De ser um grupo de apoio e afeto
() De ser o grupo em que nasceu e, por isso, faz parte dele
() De respeito, não importa se gosta ou não, tem que respeitar
() Negativo, de um grupo que odeia ou que o(a) atrapalha
() Outra: _____

94 - Escolha uma opção para cada afirmação abaixo:

- Você já foi tratado(a) mal por ter passado pelo sistema socioeducativo?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

- Você enfrenta muitas dificuldades em sua vida?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

- Você tem pessoas em quem pode confiar?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

- Você sente que vive numa zona de guerra?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

- Você tem grande necessidade de dinheiro?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

- As pessoas suspeitam de você?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

- Você já foi acusado(a) injustamente?

- () Sim () Às vezes () Não () Não se aplica

95 - Em relação a amizades você diria que tem:

- () Amigo(s) verdadeiro(s)
() Não tenho amigos verdadeiros
() Só tenho inimigos

96 - Em relação a seus amigos(as)/colegas:

- Estudam

- () A maioria () Um pequeno grupo () Nenhum

- Usam drogas

- () A maioria () Um pequeno grupo () Nenhum

- Desenvolvem alguma atividade de trabalho de forma ilegal (camelô sem legalização, venda de produtos piratas etc)

- () A maioria () Um pequeno grupo () Nenhum

- Cometem atos infracionais, tais como venda de drogas, roubo, furto, dano etc

- () A maioria () Um pequeno grupo () Nenhum

97 - Qual o estilo de música preferido por você? (pode escolher até 3 opções)

- () Não gosto de música
- () Música clássica
- () MPB (Música Popular Brasileira)
- () Samba
- () Pagode
- () Funk
- () Rock
- () Hip Hop
- () Rap
- () Música eletrônica (techno, trance, house etc)
- () Pop
- () Sertanejo
- () Religiosa
- () Reggae

98 - Indique quais dos aplicativos/sites abaixo você costuma ter acesso: (pode marcar mais de uma opção)

- () WhatsApp
- () Facebook
- () Instagram
- () Twitter
- () Internet em geral
- () Outra: _____

99 - Dentre todas as opções abaixo, qual a que você mais faz na internet? (marcar apenas a mais adequada)

- () Acessar redes sociais/bate-papo
- () Trocar emails
- () Navegar pelos sites de conteúdo erótico
- () Navegar pelos sites de conteúdo violento
- () Ler notícias
- () Pesquisas
- () Fazer downloads (séries, filmes, músicas, etc.)
- () Participar de jogos on line

100 - Quais drogas você usa? (pode marcar mais de uma opção)

- () Não uso drogas (neste caso, pular a próxima pergunta)
- () Álcool
- () Cigarro
- () Maconha
- () Lança Perfume
- () Loló
- () Crack
- () Cocaína
- () Heroína
- () LSD (doce)
- () Ecstasy (bala)
- () Skank
- () Cola de sapateiro
- () Tíner
- () Haxixe
- () Outra: _____

101 - Quando costuma usar drogas? (pode marcar mais de uma opção)

- () Quando está com amigos
- () Com qualquer um, mesmo um desconhecido
- () Quando está sozinho(a)
- () Quando está com o(a) namorado(a)
- () Nunca uso
- () Outra: _____

102 - Com quantos anos você usou drogas (lícita e ilícitas) pela primeira vez?

- Menos de 10 anos
- 10 a 12 anos
- 13 a 16 anos
- 17 anos ou mais
- Outra: _____

VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE

103 - Se algum de seus pais, irmão e/ou companheiro(a) já esteve preso(as), de qual crime foi acusado(as)?

(pode marcar mais de uma opção)

- Isto nunca aconteceu
- Tráfico de entorpecentes – Lei 11.343/06 – Artigos 33 a 39
- Roubo – Artigo 157
- Furto – Artigo 155
- Lei de Armas - Lei 10.826/03 – Artigos 12 a 18
- Recepção – Artigo 180
- Homicídio – Artigo 121
- Lesão Corporal – Artigo 129
- Resistência – Artigo 329
- Tentativa de Homicídio – Artigo 121 c/c art. 14
- Associação Criminosa – Artigo 288
- Ameaça – Artigo 147
- Dano – Artigo 163
- Desacato – Artigo 331
- Latrocínio – Artigo 157 § 3º
- Estupro
- Sequestro
- Não sei
- Outra: _____

104 - Você vê duas pessoas do mesmo sexo se beijando na boca e sendo agredidas por isso. Você:

- Acha normal eles(elas) serem agredidos(as)
- achou errado, mas não fez nada
- Se imagina agredindo também
- Ajudaria o casal de alguma maneira
- Nenhuma das opções anteriores

105 - Alguém da vizinhança grita por socorro por estar sendo agredido(a) por seu companheiro(a). Você:

(marque a que melhor se adequa ao seu comportamento)

- Acha normal
- Se surpreende com a agressão, mas não faria nada
- Tentaria ajudar a pessoa de alguma maneira
- Ligaria para fazer denúncia
- Gostaria de ajudá-la, mas não saberia como
- Não me "meteria"

106 - Você escuta uma pessoa contar um piada ofensiva sobre negro em uma roda de conversa. Você:

- Acha engraçado
- Se sente ofendido(a)
- Se sente desconfortável
- Quer contar outra do mesmo gênero
- Memoriza para contar
- Nenhuma das anteriores

107 - De acordo com as categorias abaixo, você conhece alguém que na infância sofreu abuso sexual?

- Um parente
 Sim Não

- Você mesmo(a)
 Sim Não

- Um(a) amigo(a)
 Sim Não

- Um(a) vizinho(a)
 Sim Não

108 - Sobre seu corpo:

- Você tem cicatriz(es) provocada(s) em acidente em casa?
 Sim Não

- Você tem cicatriz(es) provocada(s) por violência doméstica?
 Sim Não

- Você tem cicatriz(es) provocada(s) por violência policial?
 Sim Não

- Você tem cicatriz(es) provocada(s) por briga corporal?
 Sim Não

- Você tem cicatriz(es) produzida(s) por você mesmo?
 Sim Não

- Você tem cicatriz(es) produzida(s) por acidente de trânsito
 Sim Não

109 - Você tem conhecimento do que são direitos humanos?

Sim Às vezes Não

110 - Marque abaixo as instituições pelas quais você já foi atendido alguma vez: (pode marcar mais de uma opção)

Conselho Tutelar
 Ministério Público
 Defensoria Pública
 Juizado da Infância e Juventude
 Outra: _____

111 - Que direitos como adolescente/cidadão(a) você sabe que tem? (pode marcar mais de uma opção)

Educação
 Lazer
 Cultura
 Saúde
 Profissionalização
 Suporte emocional
 Alimentação
 Convivência familiar e comunitária
 Direito à vida
 Direito à dignidade
 Respeito
 Liberdade
 Direito a não sofrer negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão
 Direito a justiça gratuita
 Outra: _____

112 - Quais deveres como adolescente/cidadão você reconhece que tem? (pode marcar mais de uma opção)

- () Respeitar leis
- () Votar
- () Respeitar os direitos dos outros
- () Respeitar e ser solidário com todos, principalmente idosos, crianças e pessoas com deficiência física
- () Proteger e educar filhos e pessoas dependentes de nós
- () Preservar o patrimônio histórico e cultural do país
- () Preservar meio ambiente e recursos naturais

ATO INFRACIONAL

113 - Quando você cometeu o ato infracional, você estava:

- () Sozinho(a)
- () Com um(a) conhecido(a)
- () Com um(a) amigo(a)
- () Com um grupo

114 - Se você estava acompanhado(a) no momento do ato infracional, quem agiu de forma mais violenta?

- () Você
- () Um(a) outro(a) adolescente
- () Um(a) adulto(a)
- () Ninguém agiu de forma violenta

115 - Você cometeu o ato infracional próximo do seu local de moradia?

- () Sim
- () Não

116 - O que acredita que o(a) levou a cometer o ato infracional? (pode marcar mais de uma opção)

- () Dinheiro
- () Desejo de fazer algo perigoso/aventura
- () Desejo de ter algo que pertence ao outro
- () Medo
- () Vingança
- () Desejo de machucar alguém
- () Chamar atenção (ser mais atraente para) das mulheres/homens
- () Desejo de ter mais respeito/ser reconhecido(a) na área em que vivo/frequento
- () Outra: _____

117 - Aconteceu alguma coisa ou enfrentava algum problema em sua vida pouco antes de você cometer um AI? (pode marcar mais de uma opção)

- () Com sua família
- () Com sua(seu) namorada(o)
- () Com algum amigo
- () Na escola
- () No trabalho
- () Não (pule a próxima questão)
- () Outra: _____

118 - Se você indicou que sim na pergunta acima, o que foi?

- () Briga/conflito
- () Estresse
- () Saúde
- () Acidente
- () Outra: _____

119 - Você usou drogas ou álcool antes de cometer o ato infracional?

- () Sim
- () Não

120 - Se sim, quais? (pode marcar mais de uma opção)

- () Maconha
- () Cocaína
- () Loló
- () Ecstasy (bala)
- () Skank
- () LSD (doce)
- () Álcool
- () Lança perfume
- () Heroína
- () Crack
- () Outra: _____

121 - Você se considera vinculado a alguma facção ou gangue?

- () Sim
- () Não

122 - Se sim, qual?

Resposta:

123 - Se sim, qual o motivo principal para ter aderido à facção? (pode marcar mais de uma opção)

- () Porque moro na comunidade
- () Por opção minha
- () Porque me sinto mais forte
- () Porque me senti obrigado
- () Outra: _____

124 - Você tem apelido/vulgo lá fora? Qual?

Resposta:

125 - Logo antes de cometer o ato infracional, qual sentimento você pode perceber em você? (pode marcar mais de uma opção)

- () Angústia
- () Tristeza
- () Decepção
- () Euforia
- () Medo
- () Insegurança
- () Raiva
- () Tensão
- () Nada em especial
- () Não me lembro

126 - Após cometer o ato infracional, qual sentimento você pode perceber em você? (pode marcar mais de uma opção)

- () Angústia
- () Alegria
- () Tristeza
- () Decepção
- () Euforia
- () Medo
- () Insegurança
- () Raiva
- () Arrependimento
- () Tensão
- () Nada em especial
- () Não me lembro

127 - Em relação ao ato infracional:

- Você planejou antes?

() Sim () Não

- Você agiu por impulso?

() Sim () Não

- Você foi forçado(a)/obrigado(a)?

() Sim () Não

- Você agiu por influência de outras pessoas?

() Sim () Não

128 - Hoje após o que aconteceu, depois do AI, se tivesse oportunidade de voltar no tempo:

() Você cometaria o mesmo AI

() Não cometaria o mesmo AI, mas cometaria outros

() Não cometaria o mesmo AI, nem cometaria outros

() Não cometi nenhum ato infracional

() Outra: _____

Marcar o caso?

() Sim () Não

Observações finais do aplicador

(para ser preenchido apenas pelo avaliador em casos excepcionais no momento da aplicação)



“A NOSSA VÍSAO”

A NOSSA VÍSAO

O projeto "A nossa visão" é um projeto desenvolvido pela Agente Socioeducador Alex Marcos Lima do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE). Após ser convidado pela Coordenação de Cultura de Esporte e Lazer (CECEL) para ministrar uma oficina de fotografia, inicialmente nas Unidades de Internação: PACGC, EJLA, ESE e CAI-Baixada. Ampliou-se para as unidades de internação provisória (CENSE- Dom Bosco) e de semiliberdade do estado, os CRIAAD's (Centros de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente).

Visa estimular a inserção dos adolescentes em noções básicas de fotografia, além de permitir a possibilidade de fazer discussões sobre suas próprias imagens e estas em relação aos seus cotidianos na instituição.

Durante seis encontros, sendo dois teóricos e quatro práticos, totalizando uma carga horária de 32 horas, confiaram-lhes os equipamentos para que pudessem dizer um pouco sobre si e da relação que constroem com seus ambientes. Assim através de suas fotografias, relatam: vivências, desejos e conflitos.

O objetivo da oficina é aperfeiçoar as condições de inserção à sociedade de uma forma cognitiva e digna no entendimento da própria imagem e como são vistos pela sociedade, diminuindo o máximo possível a sua condição de exclusão. Oferece aos jovens o conhecimento técnico básico da fotografia e despertar a vontade de continuar os estudos da prática fotográfica com o intuito de provocar outro olhar perante a vida e a sociedade. Além de ser um ofício que pode gerar renda ao jovem.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 - Mapa do estado do Rio de Janeiro com a distribuição das unidades socioeducativas de internação onde foi realizada a pesquisa.

Tabela 1 – Relação entre número de entrevistados e Unidades de Internação.

Tabela 2 – Número de adolescentes entrevistados por dia no CENSE Volta Redonda.

Tabela 3 – Número de adolescentes entrevistados por dia no CENSE Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (PACGC).

Tabela 4 – Número de adolescentes entrevistados por dia na Escola João Luiz Alves (EJLA).

Tabela 5 – Número de adolescentes entrevistados por dia no Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo (CAI Baixada).

Tabela 6 – Número de adolescentes entrevistados por dia no Educandário Santo Expedito (ESE).

Tabela 7 – Exposição à Violência relatada pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Tabela 8 – Atos infracionais praticados pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Tabela 9 – Avaliação do “atendimento” fornecido pelos diversos profissionais do DEGASE aos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 1 – Idade declarada pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 2 – Cor declarada pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 3 - Sexo declarado pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 4 - Naturalidade dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 5 - Ano escolar dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 6 - Quantitativo de passagens dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 7 - Pessoas que residem juntamente com os adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 8 - Quantidade de pessoas que residem juntamente com os adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 9 - Renda familiar média dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 10 - Experiência profissional dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 11 - Idade em que começaram a trabalhar os adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 12 - Remuneração dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 13 - Tempo de residência no local de moradia dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 14 - Quantidade de filhos dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 15 - Idade em que os adolescentes e jovens entrevistados tiveram o primeiro filho.

Gráfico 16 - Estado civil dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 17 - Religião dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 18 - Grau de importância atribuída à religião pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 19 - Escolaridade da mãe/responsável dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 20 - Escolaridade do pai/responsável pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 21 - Utilização da internet pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 22 – Quantidade de adolescentes e jovens entrevistados que estavam estudando no momento da apreensão.

Gráfico 23 - Tempo que os adolescentes e jovens entrevistados estão fora da escola.

Gráfico 24 - Idade em que os adolescentes e jovens entrevistados ingressaram na escola.

Gráfico 25 – Número de repetência escolar dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 26 – Grau de importância atribuída à religião pelos adolescentes e jovens entrevistados

Gráfico 27 – As escolas e cursos do DEGASE fazem diferença na vida dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 28 – Motivos pelos quais os adolescentes e jovens entrevistados não estudaram na unidade socioeducativa.

Gráfico 29 – Horário que os adolescentes e jovens entrevistados normalmente voltam para casa nos fins de semana.

Gráfico 30 – Participação dos adolescentes e jovens entrevistados em atos violentos.

Gráfico 31 - Idade que os adolescentes e jovens entrevistados utilizaram drogas (lícita ou ilícita) pela primeira vez.

Gráfico 32- Com quem os adolescentes e jovens entrevistados estavam no cometimento do ato infracional.

Gráfico 33- Quem agiu de forma mais violenta de acordo com os adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 34 – Facção que os adolescentes e jovens entrevistados pertencem.

Gráfico 35- Sentido que a família representa na vida dos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 36 - Quem visita os adolescentes e jovens entrevistados no sistema socioeducativo.

Gráfico 37 – Espaços/atividades disponíveis e acessadas pelos adolescentes e jovens entrevistados.

Gráfico 38 – Espaços/atividades disponíveis e não acessados pelos adolescentes e jovens entrevistados.



Universidade
Federal
Fluminense



GOVERNO DO
Rio de Janeiro